

SOFIA RAQUEL CORREIA CARNEIRO

**ATTITUDE DOS PAIS E PROFESSORES EM
CRIANÇAS COM DISLEXIA**

Orientador: Rafael Silva Pereira

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2011

SOFIA RAQUEL CORREIA CARNEIRO

**ATTITUDE DOS PAIS E PROFESSORES EM
CRIANÇAS COM DISLEXIA**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre
em Ciências de Educação no Curso de Mestrado em Educação
Especial conferido pela Escola Superior de Educação Almeida
Garrett

Orientador: Professor Doutor Rafael Silva Pereira

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Lisboa

2011

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Rafael Pereira pela orientação e disponibilidade para a realização da dissertação e a todos aqueles que tornaram possível a concretização deste trabalho, principalmente aos meus pais e ao meu marido, que desde sempre me encorajaram e deram força para a conclusão da Mestrado, criando-me por este motivo, as melhores condições para alcançar os objectivos propostos e a eles peço-lhes desculpas pelo tempo que lhes roubei e pelo tempo em que não estive presente.

A todos o meu muito OBRIGADA!

RESUMO

A Educação é um dos elementos essenciais no processo de socialização de qualquer indivíduo, tendo sempre em vista a sua plena integração. Por esse motivo, todos os cidadãos devem ter acesso à Educação.

Tendo em conta a evolução da sociedade, o sistema educativo não podem estagnar, daí a necessidade de fazer emergir novos paradigmas educativos, adequados às necessidades das sociedades em que vivemos. Para isso é fundamental não esquecer as diversidades existentes na sociedade. Por este motivo, a escola tem um papel difícil, uma vez que cada vez mais encontrará uma população heterogénea, à qual terá de saber dar resposta. Esta realidade faz com que a escola tenha de incluir alunos diferenciados, no que diz respeito às suas motivações, projectos de vida, competências, meios sócio-culturais de origem e desenvolvimento sócio-afectivo, este aspecto remete-nos para os princípios da Escola Inclusiva. Este princípio apela, para uma escola que tenha em atenção a criança - todo, não só a criança-aluno, e que por conseguinte, respeite três níveis de desenvolvimento essenciais – académico, socioemocional e pessoal, – de forma a proporcionar-lhe uma educação apropriada, orientada para a maximização do seu potencial. Este princípio apela, portanto, para educação inclusiva, que pretende, de um modo geral, que todos os alunos, com as mais diversas necessidades, possam aprender juntos, que seja dada a atenção necessária ao seu desenvolvimento, e que se crie um ambiente de verdadeiro sentido de igualdade de oportunidades. Por todos estes motivos, os inquiridos concordam com a inclusão das crianças disléxicas no ensino regular, dando importância à socialização e ao contacto/interação entre todos os pares, independentemente das suas limitações.

Face à inclusão de alunos com NEE é fundamental o papel dos pais e dos professores. Incluir na sala de aulas alunos com dislexia é um desafio diferente para os docentes. Por este motivo, a escola, pais e professores devem constituir um espaço mais adequado no qual, alunos com dislexia deverão encontrar respostas face às suas necessidades.

A elaboração deste trabalho constitui um desafio, face às atitudes dos principais intervenientes da educação. Sendo professores, em qualquer altura da nossa actividade profissional podemos deparar-nos com uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE), no entanto, nem sempre conseguimos dar resposta. A Educação Especial tem em conta o facto que alunos diferentes necessitam de necessidades educativas especiais diferentes.

Este trabalho de investigação visa perceber se a atitude dos pais e professores influencia o desenvolvimento dos filhos e alunos, respectivamente. Para a recolha de informação, aplicamos 60 questionários a pais e professores e tentamos que a população fosse a mais diversificada possível. Mas antes da sua aplicação definitiva, realizamos um pré-teste a 15 inquiridos, para verificarmos se este continha alguma anomalia que pudesse ser detetada antes da sua aplicação e assim poder efetuar a sua validade. Ambos os questionários continham questões abertas e fechadas.

O trabalho iniciou-se com uma abordagem teórica sobre os aspetos que foram analisados na segunda parte do mesmo. Sendo assim, nesta abordagem teórica podemos encontrar algumas considerações sobre a Educação Especial, o funcionamento do cérebro na leitura e na escrita, este capítulo é importante para melhor compreendermos como funciona o cérebro na aprendizagem da leitura e da escrita. Seguidamente, foi abordado o tema da dislexia, desde a sua perspetiva histórica até à avaliação das crianças disléxicas, entre outros assuntos. O último capítulo fala sobre as componentes das atitudes, bem como a atitude que, tanto pais como professores devem adoptar em caso de estarem perante crianças com dislexia.

Na segunda parte realizamos uma abordagem à metodologia que foi implementada no decorrer do trabalho. Na realização deste trabalho foi desenvolvida uma metodologia de investigação. Após este assunto passamos para a apresentação e análise dos dados obtidos com a aplicação do inquérito por questionário.

Perante os resultados obtidos podemos concluir que tanto os professores como os pais conhecem o conceito de dislexia e as principais dificuldades das crianças disléxicas, contudo é de referir que os professores mencionaram que a maior dificuldade na dislexia é a escrita, o que não é verdade. As dificuldades na escrita resultam da incapacidade da leitura. Depois de analisadas as medidas e as ações que ambos os intervenientes na educação praticariam, podemos concluir que estão corretas. Tanto os pais como os professores ao implementarem as medidas que referiram estão a contribuir para o pleno desenvolvimento das crianças. Neste sentido, pais e professores assumem um papel fundamental na conquista de aprendizagens que contribuam positivamente para o seu desenvolvimento, pois as suas atitudes podem afetar o desenvolvimento da criança disléxica. Daí a importância de as crianças sentirem o apoio de ambos as partes, isto contribui para o aumento da sua confiança. É de salientar que tanto os professores como os pais estão de acordo ao considerar que a inteligência não é afetada nestas crianças. Estas podem ser inteligentes, para isso necessitam de mais tempo para a assimilação dos conhecimentos e de estratégias diversificadas, nomeadamente, no seu momento de

avaliação. A utilização de estratégias com recursos a materiais estimulantes, contribuem para o aumento da concentração e participação nas actividades de uma forma mais motivante.

Deste modo, pais e professores devem ter uma atitude activa face a estas crianças, pois só assim os ajudam e contribuem para o seu sucesso global.

Ambos os participantes no estudo, têm um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, social e afectivo destas crianças. Deste modo, pais e professores devem ter uma atitude activa, pois só desta forma os ajudam e contribuem para o seu sucesso no seu desenvolvimento global. De acordo com este princípio, os pais devem estar atentos aos progressos dos seus filhos, pois quanto mais cedo for diagnosticada a dislexia, mais cedo será acompanhado, o que é uma mais-valia para a criança. Quando isso não se verifica, cabe aos professores, como responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita estarem atentos às dificuldades manifestadas pelas crianças, para assim o poder ajudar atempadamente.

É de salientar que estas crianças são tão capazes quanto as outras desde que, o programa seja ajustado às suas necessidades.

Palavras – Chave: dislexia, leitura, escrita, atitudes, desenvolvimento

ABSTRACT

Education is an essential element in the socialization process of any individual, always with a view to full integration. For this reason, all citizens should have access to education.

Taking into account the evolution of society, the education system can not stagnate, hence the need to bring out new educational paradigms, appropriate to the needs of societies in which we live. For it is crucial to remember the diversity in society. For this reason, the school has a difficult role, since they find an increasingly heterogeneous population, which will have to find a response. This reality means that the school include students differentiated with respect to their motivations, life projects, skills, socio-cultural origin and socio-emotional development, this issue brings us to the principles of Inclusive School. This principle calls for a school that takes account of the child - everywhere, not just the child-student, and therefore respects three essential levels of development - academic, social-emotional and personal - in order to provide you with an education appropriately oriented to maximize its potential. This principle therefore calls for inclusive education, which aims, in general, that all students with diverse needs, can learn together, be given the necessary attention to its development, and creating an environment of true meaning of equal opportunities. For all these reasons, respondents agree with the inclusion of dyslexic children in mainstream education, with emphasis on socialization and communication / interaction between all pairs, regardless of their limitations.

Given the inclusion of pupils with SEN is the role of parents and teachers. Include in the classroom students with dyslexia is a different challenge for teachers. For this reason, the school, parents and teachers should be a more appropriate space in which, students with dyslexia will find answers for its needs.

The preparation of this work is a challenge, given the attitudes of key stakeholders in education. As teachers, at any time of our business can be faced with a child with Special Educational Needs (SEN), however, can not always respond. Special Education takes into account the fact that different students need different educational needs.

This research aims to understand the attitude of parents and teachers influence the development of children and students, respectively. For the collection of information, we applied 60 questionnaires to parents and teachers who try to be the most diverse population possible. But before its final implementation, we conducted a pretest of 15 respondents to

check whether it contained any abnormality that could be detected before they are implemented and thus power to effect its validity. Both questionnaires contained open and closed questions.

The work began with a theoretical approach on the aspects that were analyzed in the second part of it. Thus, this theoretical approach we can find some thoughts on Special Education, the functioning of the brain in reading and writing, this chapter is important to better understand how the brain works in reading and writing. It was then brought up the subject of dyslexia, from its historical perspective to the evaluation of dyslexic children, among other issues. The final chapter discusses the components of attitudes, as well as the attitude that both parents and teachers should take in the event that we are facing children with dyslexia.

In the second part we performed an approach to the methodology that was implemented during the work. In the present work was developed a research methodology. After we pass this subject for presentation and analysis of data obtained from the application of the survey questionnaire.

Given the results we can conclude that both teachers and parents know the concept of dyslexia and the main difficulties of dyslexic children, however it is noted that the teachers mentioned that the greatest difficulty in dyslexia is the writing, which is not true. The difficulty in writing the result of reading disability. After analyzing the measures and actions that both players would practice in education, we can conclude that they are correct. Both parents and teachers to implement the measures that are reported to contribute to the full development of children. In this sense, parents and teachers play a key role in the achievement of learning that contribute positively to their development, because their attitudes may affect the development of dyslexic children. Hence the importance of children feel the support of both parties, this contributes to the increase in their confidence. Note that both teachers and parents agree to consider that intelligence is not affected in these children. These can be intelligent, for this they need more time for assimilation of knowledge and diversification strategies, especially in its time of evaluation. The use of strategic resources with stimulating materials, contribute to the increased concentration and participation in activities in a more motivating. Thus, parents and teachers must have an active attitude in the face of these children, the only way to help and contribute to its overall success.

Both participants in the study, have a crucial role in cognitive, social and emotional these children. Thus, parents and teachers must have an active attitude, because only in this

way and help them contribute to their success in their overall development. According to this principle, parents should be aware of the progress of their children, because the earlier dyslexia is diagnosed, the sooner will be monitored, which is an asset for the child. When this is not the case, it is for teachers, as responsible for teaching reading and writing are aware of the difficulties experienced by children, so to be able to help in time.

It should be noted that these children are as capable as others since, the program is tailored to your needs.

Key-words: dyslexia, reading, writing, attitudes, development

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

N.E.E. Necessidades Educativas Especiais

A.P.A. American Psychological Association

P.E.T. Position emission tomography

R.M.N.F. Ressonância Magnética Nuclear Funcional

SNC – Sistema Nervoso Central

J.I. Jardim de Infância

E.B. Escola Básica

Índice

Agradecimentos	3
Resumo.....	4
Abstract.....	7
Abreviaturas.....	10
Introdução.....	17
PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	19
CAPÍTULO 1– O QUE É EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	20
1.- Definição de Educação Especial	21
1.1.- Quem recebe Educação Especial	21
1.2.- Percepções da Educação Especial	23
1.3.- Tipos de Necessidades Educativas Especiais	23
CAPÍTULO 2 - FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO NA LEITURA E NA ESCRITA	25
2.1 Relação do Cérebro no Desenvolvimento da Leitura	26
2.2 Relação do Cérebro no Desenvolvimento da Escrita	28
CAPÍTULO 3 – DISLEXIA	30
3.1.-Perspectiva Histórica da Dislexia	31
3.2.- Definição de Dislexia.....	32
3.3. – Causas da Dislexia	35
3.4 – Diagnóstico da Dislexia	38
3.4.1- Sinais de alerta da dislexia	41
3.4.1.1 Durante a Infância	41
3.4.1.2 Na idade escolar	42
3.4.1.3 Problemas que podem estar associados à dislexia	43
3.5.- Dislexia de desenvolvimento e dislexia adquirida	43
3.6.- Desenvolvimento das Crianças com dislexia	44
3.6.1- Nível Cognitivo	45
3.6.2- Nível comportamental	45
3.6.3- Nível sócio – afectivo	45
3.7.- Avaliação de crianças com dislexia	46
CAPÍTULO 4–ATITUDE DOS PAIS E PROFESSORES PERANTE ALUNOS COM DISLEXIA.....	49
4.1.- Definição de atitude	50
4.2. – Atitude dos pais de crianças disléxicas	52
4.3. – Atitude dos professores com crianças disléxicas	57
PARTE II ENQUADRAMENTO EMPÍRICO	65
CAPÍTULO 5– METODOLOGIA	66
5.1 Metodologia	67
5.2 - Formulação do problema	69
5.3- Definição das hipóteses	70
5.4- Definição das variáveis	71
5.5- Apresentação/ Caracterização da amostra	71

5.6 Instrumentos de análise	74
5.6.1. – Definição de questionário	74
5.6.2. – Construção e validação de questionários	75
5.6.3. – Utilidade e importância dos questionários	77
5.6.4. – Tipos de questões	77
5.6.5. – Tipos de questionários	78
5.6.6. – Vantagens e desvantagens de um inquérito por questionário.....	79
CAPÍTULO 6 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	81
6.1 - Apresentação dos resultados	82
6.1.1.- Apresentação dos resultados dos professores	82
6.1.2.- Apresentação dos resultados dos pais	100
6.2. – Análise dos resultados	111
6.2.1. – Análise dos resultados dos professores.....	111
6.2.2.- Análise dos resultados dos pais	122
Conclusão	132
Bibliografia	135
Anexos	140
Anexo I – Questionário dos pais	140
Anexo II – Questionários dos professores	144

Índice de tabelas

Tabela 1 Composição da amostra dos professores.....	72
Tabela 2 Composição da amostra dos pais.....	73

Tabelas dos Professores

Tabela 3 - Sexo	82
Tabela 4 – Idade.....	83
Tabela 5 – Anos serviço.....	84
Tabela 6- Nível de ensino que lecciona.....	85
Tabela 7 – Ao longo da sua carreira profissional, já lidou com algum aluno com dislexia.....	86
Tabela 8– Durante a sua formação académica, teve alguma formação específica na área da dislexia	87
Tabela 9 –Teve formação extra-curricular na área da dislexia.....	88
Tabela 10 –Caso tenha respondido afirmativamente à pergunta anterior, indique o motivo que o/a levou a efectuar essa formação.....	89
Tabela 11 –Caso tenha respondido negativamente à pergunta 7, por que não sentiu a necessidade dessa formação	90
Tabela 12 – Considera que a Formação Específica no âmbito da Educação Especial é algo indispensável como Professor (a) de crianças com dislexia	91
Tabela 13– Se tivesse um aluno com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia.....	92

Tabela 14 –Indique o que na sua opinião deve ser melhorado na escola por forma a que, esta trabalhe sempre no sentido de garantir o melhor aos alunos com Dislexia.....	93
Tabela 15 – Concorda com a inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular.....	94
Tabela 16 – Indique alguns aspectos que considere positivos dessa inclusão.....	95
Tabela 17 –Indique alguns aspectos que considere positivos dessa inclusão.....	96
Tabela 18 – Quais são para si as maiores dificuldades face à situação de ensino aprendizagem de uma criança com dislexia.	97
Tabela 19–Quais são, para si, as 3 principais dificuldades associadas à dislexia? (1-maior dificuldade; 2-dificuldade; 3-menor dificuldades).....	98
Tabela 20– Se tivesse um aluno na sua sala, com dislexia, quais as três principais acções pedagógicas que levaria a cabo para o apoiar?.....	99

Tabelas dos pais:

Tabela 21– Sexo	100
Tabela 22 - Idade	101
Tabela 23 - Habilitações académicas	102
Tabela 24 -Diga, o que entende por dislexia	103
Tabela 25- Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia	104
Tabela 26 – Se tivesse um filho com dislexia, procurava uma escola que disponibiliza-se que tipo de serviços: escolha os 3 que considere mais importantes	105
Tabela 27–Concorda com a inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular.....	106
Tabela 28- Considera que na dislexia existem dificuldades	107
Tabela 29 –Qual seria a sua atitude se fosse diagnosticada dislexia ao seu (sua) filho (/a)	108
Tabela 30- Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, que acções levaria a cabo para o apoiar	109
Tabela 31 – Quais destas medidas considera importantes para apoiar um filho com Dislexia	110

Índice de gráficos

Gráfico 1 Composição da amostra dos professores.....	72
Gráfico 2 Composição da amostra dos pais.....	73

Gráficos dos professores:

Gráfico 3 - Sexo	82
Gráfico 4 – Idade	83
Gráfico 5 – Anos de serviço	84

Gráfico 6- Nível de ensino que lecciona	85
Gráfico 7 – Ao longo da sua carreira profissional, já lidou com algum aluno com dislexia.....	86
Gráfico 8– Durante a sua formação académica, teve alguma formação específica na área da dislexia	87
Gráfico9 –Teve formação extra-curricular na área da dislexia	88
Gráfico 10 –Caso tenha respondido afirmativamente à pergunta anterior, indique o motivo que o/a levou a efectuar essa formação	89
Gráfico11 –Caso tenha respondido negativamente à pergunta 7, por que não sentiu a necessidade dessa formação	90
Gráfico 12 – Considera que a Formação Especifica no âmbito da Educação Especial é algo indispensável como Professor (a) de crianças com dislexia	91
Gráfico 13– Se tivesse um aluno com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia.....	92
Gráfico 14 –Indique o que na sua opinião deve ser melhorado na escola por forma a que, esta trabalhe sempre no sentido de garantir o melhor aos alunos com Dislexia.....	93
Gráfico 15 – Concorda com a inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular.....	94
Gráfico 16 – Indique alguns aspectos que considere positivos dessa inclusão.....	95
Gráfico 17 –Indique alguns aspectos que considere positivos dessa inclusão.....	96
Gráfico 18 – Quais são para si as maiores dificuldades face à situação de ensino aprendizagem de uma criança com dislexia.	97
Gráfico 19–Quais são, para si, as 3 principais dificuldades associadas à dislexia? (1-maior dificuldade; 2-dificuldade; 3-menor dificuldades).....	98
Gráfico 20– Se tivesse um aluno na sua sala, com dislexia, quais as três principais acções pedagógicas que levaria a cabo para o apoiar?.....	99

Gráficos dos pais:

Gráfico21– Sexo	100
Gráfico 22 - Idade	101
Gráfico23 - Habilitações académicas	102
Gráfico24 -Diga, o que entende por dislexia	103
Gráfico25- Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia	104
Gráfico26 – Se tivesse um filho com dislexia, procurava uma escola que disponibiliza-se que tipo de serviços: escolha os 3 que considere mais importantes	105
Gráfico27–Concorda com a inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular	106
Gráfico 28- Considera que na dislexia existem dificuldades	107
Gráfico29 –Qual seria a sua atitude se fosse diagnosticada dislexia ao seu (sua) filho (/a)	108

Gráfico30- Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, que acções levaria a cabo para o apoiar	109
Gráfico31 – Quais destas medidas considera importantes para apoiar um filho com Dislexia	110

Gráficos das análises

Gráficos 32 -Análise da amostra dos professores.....	111
Gráfico 33 – Análise do gráfico 7 dos professores.....	112
Gráfico 34 – Análise do gráfico 8 dos professores.....	112
Gráfico 35 – Análise do gráfico 9 dos professores.....	113
Gráfico 36 – Análise do gráfico 10 dos professores.....	113
Gráfico 37 – Análise do gráfico 11 dos professores.....	114
Gráfico 38 – Análise do gráfico 12 dos professores.....	114
Gráfico 39 – Análise do gráfico 13 dos professores.....	115
Gráfico 40 – Análise do gráfico 14 dos professores.....	116
Gráfico 41 – Análise do gráfico 15 dos professores.....	117
Gráfico 42 – Análise do gráfico 16 e 17 dos professores.....	117
Gráfico 43 – Análise do gráfico 18 dos professores	118
Gráfico 44 – Análise do gráfico 19 dos professores.....	119
Gráfico 45 – Análise do gráfico 20 dos professores.....	120
 Gráfico 46 – Análise da amostra dos pais.....	 122
Gráfico 47 – Análise do gráfico 24 dos pais	123
Gráfico 48 – Análise do gráfico 25 dos pais.....	124
Gráfico 49 – Análise do gráfico 26 dos pais.....	125
Gráfico 50 – Análise do gráfico 27 dos pais.....	126
Gráfico 51 – Análise do gráfico 28 dos pais.....	127
Gráfico 52 – Análise do gráfico 29 dos pais.....	128
Gráfico 53 – Análise do gráfico 30 dos pais.....	129
Gráfico 54 – Análise do gráfico 31 dos pais.....	130

Índice de imagens

Imagem 1- Área de Wernicke e Área de Broca	27
Imagem 2- Áreas corticais envolvidas na leitura	36
Imagem 3 – Imagem morfológica do plano temporal do leitor normal e dislético...	37

Introdução

A Educação é indispensável no crescimento e desenvolvimento de qualquer indivíduo. Por este motivo, qualquer pessoa deve ter acesso a uma plena Educação. Neste sentido, uma criança com dislexia deve ter uma educação igual às restantes crianças da sua idade, no entanto os intervenientes no seu processo de ensino-aprendizagem devem ter em consideração as suas diferenças. Este aspecto remete-nos para o princípio da Escola Inclusiva. Este princípio apela, para uma escola que tenha em atenção a criança - todo, não só a criança-aluno, e que por conseguinte, respeite três níveis de desenvolvimento essenciais – académico, sócio-emocional e pessoal, – de forma a proporcionar-lhe uma educação apropriada, orientada para a maximização do seu potencial. A educação da criança disléxica é um direito, que faz parte da sua condição humana, e o dever de educar é uma exigência do ser humano adulto, do pai e do professor.

O tema escolhido “Dislexia”, é uma temática directamente relacionada com as práticas pedagógicas, e sendo eu professora do 1º Ciclo e neste momento a leccionar na Educação Especial, é uma temática que me desperta bastante interesse, por este motivo, os conhecimentos acerca do tema são, certamente, uma mais valia para todos nós pais e professores, que convivemos no nosso dia-a-dia com crianças com Necessidades Educativas Especiais. Na maior parte das vezes somos impotentes para dar uma resposta adequada, de forma a ajudá-las a ultrapassar os seus obstáculos. Quando estive num ATL da zona do Marco de Canaveses, trabalhei com um aluno disléxico, não sabia o que fazer para o ajudar, por este motivo, escolhi esta temática, para assim enriquecer os meus conhecimentos acerca desta perturbação, contribuindo desta forma para um enriquecimento pessoal, profissional e humano.

Posto isto, o trabalho que se segue tem como objectivo verificar qual a atitude dos pais e dos professores perante crianças com dislexia. Para isso, foram ministrados 60 inquéritos por questionário, para posteriormente analisar qual a atitude dos diferentes intervenientes da educação, mais próximos dos alunos. A realização deste trabalho também contribuiu na produção de novo conhecimento.

Sendo assim, o objectivo deste trabalho é perceber as práticas dos professores na sua relação com as crianças com dislexia e compreender qual a atitude e o apoio dado pelos professores e pelos pais a crianças com dislexia.

Para a realização deste trabalho foi utilizada uma Metodologia de Investigação, foram utilizadas várias fontes teóricas para deste modo tornar o trabalho mais enriquecedor.

Para facilitar a compreensão do trabalho, este foi dividido em duas partes: uma teórica e uma prática. Na primeira foram abordados alguns aspectos teóricos relacionados com a temática. No primeiro capítulo foi definida de uma forma geral o conceito de Educação Especial; em seguida foram apresentadas algumas questões relacionadas com a dislexia para um maior esclarecimento sobre o tema. Por último, abordamos o papel/attitudes dos professores e dos pais de crianças com dislexia. É de referir que antes desta abordagem, esclareceu-se o que são as attitudes, pois estas têm diferentes componentes, não visam unicamente a componente comportamental. Numa segunda parte do trabalho foi realizado um estudo, onde foi apresentada toda a metodologia do trabalho desenvolvida, a formulação do problema, a definição das hipóteses e das variáveis, a apresentação e caracterização da amostra e do instrumento de análise, por último a apresentação e discussão dos resultados.

Para finalizar o trabalho, foi apresentada uma conclusão com algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido.

As normas utilizadas para a elaboração desta dissertação de mestrado, para citações e referência bibliográfica, foram as normas da American Psychological Association (A.P.A)

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1

O que é Educação Especial

1. Definição de Educação Especial

A Educação é fundamental para o processo de socialização de qualquer indivíduo, tendo em vista a sua plena integração. A Educação é um direito de todas as crianças. Todas as crianças devem ser educáveis, por este motivo, o processo de ensino deve atender as características individuais de cada criança.

O termo Educação visa um processo de aprendizagem e de mudança como consequência da escolarização bem como das restantes experiências.

A Educação Especial não é um domínio exclusivo dos educadores e professores que trabalham nesta área. Actualmente, quase todos os professores têm alunos com Necessidades Educativas Especiais nas salas de aula como consequência da filosofia da Inclusão destas crianças no ensino regular. Contudo o sistema de ensino regular necessita de ser adaptado para atender a cada especificidade de cada aluno.

A Educação Especial é um ramo da Educação que pretende dar respostas a uma população com deficiência. Deste modo, a Educação Especial atende específica e exclusivamente alunos com determinadas Necessidades Educativas Especiais.

Actualmente, a maioria das instituições que prestam apoio à Educação Especial está centrada na educação de alunos com dificuldades de aprendizagem.

1.1. Quem recebe Educação Especial

Os alunos apresentam Necessidades Educativas Especiais quando se impõe a modificação da prática educativa e/ou o apoio de estruturas de Educação Especial, para desenvolver ao máximo as suas capacidades.

Uma dificuldade pode resultar de um problema médico, social ou de aprendizagem que interfere significativamente com o desenvolvimento e crescimento normal do aluno e que se repercute por exemplo, numa incapacidade em tirar proveito das experiências de escolarização ou em particular com sucesso nas actividades da sala de aula.

A Educação Especial tem em conta o facto que alunos diferentes necessitam de necessidades educativas especiais diferentes. Estas crianças necessitam de ajuda por parte, não só, dos professores mas também por partes dos pais e profissionais de saúde, deste modo,

crianças que necessitam de ajudas pedagógicas para atingir as suas metas são consideradas crianças com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E).

Em Portugal, as mudanças relativas à Educação Especial surgiram tardiamente. Só com a reforma da Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei nº. 46/86 de 14 de Outubro e actualmente com a publicação do Decreto - Lei nº 3/2008 que Portugal abandona o conceito “deficiente” pelo de Necessidades Educativas Especiais.

Marchasi e Martin¹, citação de Correia, referem-se a alunos com N.E.E. como sendo aqueles que “apresentam um problema de aprendizagem, durante o seu processo escolar, que exige uma atenção mais específica e uma gama de recursos educativos diferentes daqueles necessários para os seus companheiros da mesma idade.” (Correia, 1999)

Para Correia, o conceito de N.E.E. refere que “ele se aplica a crianças e adolescentes com problemas sensoriais, físicos, intelectuais, emocionais e, também com dificuldades de aprendizagem derivadas de factores orgânicos e ambientais.” (Correia, 1999).

Segundo o mesmo autor, o conceito de N.E.E visa a democratização evolutiva das sociedades, de forma a garantir a integração e a igualdade de direitos, no que concerne à raça, religião, opinião, características intelectuais e físicas de todas as crianças em idade escolar.

Um aluno é considerado N.E.E., quando possui algum problema de aprendizagem, ao longo do seu processo de escolarização. Devido a este problema, estes alunos necessitam de uma alteração específica do currículo normal e maiores recursos educativos comparativamente com os seus colegas da mesma idade.

A Declaração de Salamanca (1994), é ainda hoje um documento crucial para a educação de crianças e jovens com N.E.E. De acordo com este documento, o conceito de Necessidades Educativas Especiais, “...refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagens. Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagens e portanto possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização”. Segundo este pressuposto, cabe às escolas ajustarem-se a todas as crianças, independentemente, das suas condições físicas, sociais, linguísticas, entre outras.

¹Marchasi e Martin: SNI in Correia, L. (1999). Alunos Com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares. Porto: Porto Editora.

1.2. Percepções da Educação Especial

A Educação Especial pode significar muitas coisas para muitas pessoas.

Para os pais, significa um meio de a criança atingir ou desenvolver ao máximo as suas capacidades. A Educação Especial envolve os pais no processo de tomada de decisões, porque são considerados parte da equipa de Educação Especial.

Para os professores do ensino regular, a Educação Especial é um método para lidar com alunos cujas dificuldades de aprendizagem são de alguma forma diferentes.

Para os profissionais que trabalham na área da Educação Especial esta deve ser entendida como um sistema separado para educar alunos com Necessidades Educativas Especiais.

A Educação Especial, para outros profissionais envolvidos nesta área, é um processo para ajudar alunos com Necessidades Educativas Especiais e que este processo deve ser integrado no sistema geral de ensino. Todos os alunos com N.E.E. têm necessidade de interagir e partilhar experiências, deste modo, estes alunos têm mais em comum do que diferente. Esta interacção origina a compreensão, que por sua vez resulta na sua aceitação.

1.3. Tipos de Necessidades Educativas Especiais

Para Correia (1999), as adaptações curriculares devem surgir das necessidades educativas dos alunos, ou seja, as alterações nos currículos devem ser realizadas em função do problema da criança.

As Necessidades Educativas Especiais são divididas em dois grupos: as N. E.E. Permanentes e as N.E.E. temporárias.

Nas N.E.E. permanentes a adaptação do currículo é generalizada e a avaliação é constante, activa e sequencial de acordo com os progressos do aluno no decorrer no seu processo de ensino - aprendizagem.

Nas N.E.E. permanentes estão incluídas a deficiência mental, as dificuldades de aprendizagem, as perturbações emocionais, os problemas motores, os problemas de comunicação, a deficiência visual, a deficiência auditiva, a multideficiência, os cegos, os surdos, outros problemas de saúde, os traumatismos cranianos, o autismo.

As N.E.E. temporárias são consideradas como um tipo de necessidades cuja problemática, embora ligeira, pode interferir no processo de escolarização das crianças.

Para Correia,

“ As N.E.E. temporárias são aquelas em que a adaptação do currículo escolar é parcial e se realiza de acordo com as características do aluno, num certo momento do seu percurso escolar. Geralmente, podem manifestar-se como problemas ligeiros, atrasos ou perturbações menos graves ao nível do desenvolvimento motor, perceptivo, linguístico ou sócioemocional.” (Correia, 1999).

Para o mesmo autor, os objectivos educacionais para as crianças com N.E.E., especialmente aquelas com N.E.E. temporárias, são os mesmos que os definidos para as outras crianças: melhorar a sua cognição e a sua capacidade de resolução de problemas enquanto sujeitos da aprendizagem. Em concordância com o que o autor refere anteriormente estão dois objectivos do Ensino Básico, expressos nos artigos 7º e 8º, da Lei de 46/86 – Lei de Bases do Sistema Educativo:

“j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pelo aproveitamento das suas capacidades.”

“o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.”

CAPÍTULO 2

FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO NA

LEITURA E NA ESCRITA

2.1 Relação do Cérebro no Desenvolvimento da Leitura

O cérebro é a fonte de todo o comportamento humano, controla ao mesmo tempo uma multiplicidade de funções incrivelmente complexas. A capacidade para falar e compreender os outros provém do cérebro.

Para Rafael Pereira, “ os nossos cérebros são únicos. Porém esse cérebro sofre alterações à medida que aprendemos” (Rafael Pereira, 2001). Segundo o mesmo autor, a aprendizagem resulta de um processo de mudança de comportamento, alcançado através de experiências traçadas por agentes emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

A leitura é um testemunho oral da palavra escrita de inúmeras línguas. Devido à multiplicidade de objectivos que a leitura tem, esta tornou-se uma actividade importantíssima para o Homem civilizado.

Segundo Orlando Morais², retirado da internet Wikipedia

“a leitura envolve em primeiro lugar, a identificação dos símbolos impressos (letras e palavras) e o relacionamento destes com os seus respectivos sons. Em que, no início do processo de aprendizagem da leitura, a criança deverá diferenciar visualmente cada letra impressa, percebendo e relacionando este símbolo gráfico com o seu correspondente sonoro. Quando a criança entra em contacto com as palavras, deve então diferenciar visualmente cada letra que forma a palavra, associando-a a seu respectivo som, para a formação de uma unidade linguística significativa” in Wikipedia (www.wikipedia.org/wiki/leitura)

Neste processo inicial, a criança visualiza o grafema e vai fazendo a associação entre o grafema e o seu respectivo som, este processo chama-se **descodificação**. A leitura não é entendida unicamente como a descodificação dos grafemas, mas também visa a compreensão e análise crítica do que é lido. Se a criança não entendeu o que leu, a leitura é considerada desinteressante e desmotivadora para a mesma. De acordo com o referido anteriormente, considera-se que existe uma leitura correcta quando o leitor compreende o que esteve a ler. Para isso, é necessário praticar as capacidades da leitura, para se tornar um leitor proficiente.

² Morais, Orlando.(1997) : SNI in Wikipédia(www.wikipedia.org/wiki/leitura)

Qualquer indivíduo compreende melhor o que está a ler se fizer uma leitura silenciosa, contudo não é de descurar a leitura em voz alta.

Para Patrícia Wolfe,

“na conjunção dos lobos occipital esquerdo, parietal e temporal (mas principalmente no lobo temporal) está um grupo de células conhecidas por área de Wernicke. Esta área é essencial para a fala. A área de Wernicke – localizada no hemisfério esquerdo – permite-nos compreender ou interpretar a linguagem e agrupar corretamente as palavras quando falamos.” (Patrícia Wolfe, 2004).

A área de Wernicke está ligada á área de Broca (imagem1), responsável pela fala, nos lobos temporais por um feixe de fibras nervosas. Segundo a mesma autora,

“esta ligação é importante porque, antes de qualquer discurso poder ser proferido, a forma e as palavras apropriadas devem ser primeiro agrupadas na área de Wernicke, sendo depois retransmitidas à área de Broca para serem traduzidas em sons adequados. Esta informação passa então ao córtex motor para a produção vocal” (Patrícia Wolfe, 2004).

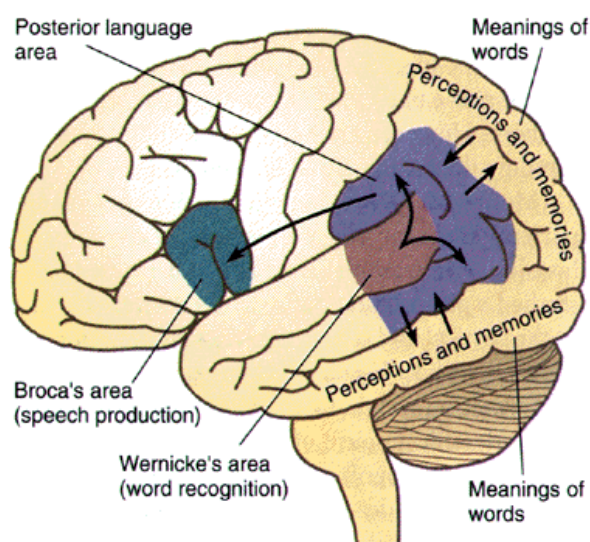


Imagem 1 – Área de Wernicke e Área de Broca

Para Castro e Gomes, “ter sucesso na aprendizagem da leitura envolve a aquisição de um conjunto de ferramentas cognitivas específicas, que se destinam a elaborar uma representação linguística a partir do material impresso.” (Castro e Gomes, 2000).

O processo que envolve a leitura é benéfico para a saúde mental, uma vez que é uma actividade neurológica. A aprendizagem da leitura depende do envolvimento de várias áreas cerebrais. Aprender a ler altera a forma do funcionamento do cérebro, manifestando também um grande impacto sobre o mesmo. As diferentes áreas do cérebro especializam-se em trabalhar diferentes tipos de informação.

A aprendizagem da leitura depende da relação entre várias áreas cerebrais. A área parietal visa o reconhecimento das diferentes formas visuais dos grafemas. Esta área deve relacionar-se com a área temporal verbal que produz os sons para que possamos ler o material impresso e assim obter uma leitura fluente. Cohen³, citação da Internet, explicou que “a aprendizagem da leitura activa o sistema visual nas regiões especializadas na forma escrita das letras, o que é normal, mas também nas regiões visuais primárias, onde chega toda a informação visual”(www.leitura muda funcionamento do cérebro).

A aprendizagem da leitura em idade adulta também provoca alterações a nível cerebral. As mudanças no cérebro provocadas pela aprendizagem da leitura em adultos são quase as mesmas que na idade infantil.

2.2. Relação do Cérebro no Desenvolvimento da Escrita

A escrita é um produto da evolução cultural, que surgiu do desenvolvimento de outros marcos da espécie como é o caso dos desenhos nas cavernas. Estes foram as primeiras representações de imagens que o ser humano realizou.

Para Elvira Souza Lima, retirado da internet⁴,

“a escrita é um sistema, ou seja, um conhecimento organizado, com regras, padrões e estruturas. É um conhecimento complexo. Para aprender as várias áreas do conhecimento, na escola, a pessoa precisa se apropriar do sistema da escrita. Aprender a escrever, no entanto, vai além disso: faz parte da cidadania, é um direito de todo ser humano”. In Elvira Souza Lima, transcrição,(www.dominiopublico.gov.br)

³ Cohen : www. Leitura muda o funcionamento do cérebro s/d

⁴ Elvira Souza Lima: www. dominiopublico.gov.br s/d

O cérebro para Cohen⁵, citação da internet“ recorre também a zonas especializadas na língua escrita, já que a leitura activa o sistema da fala para tomar consciência dos sons e permite estabelecer relações entre o sistema visual e o sistema de fala, as letras escritas e os sons.”

No processo de aquisição da escrita estão envolvidos o sistema visual e auditivo, bem como a motricidade da mão. Como refere, Negrão, A; Miyagawa, P; Silva, alquira,(s/d), segundo Jakubovicz e Cupello (1996), a escrita envolve o pólo receptivo visual, no caso da cópia e o pólo auditivo em caso de ditado, sendo, em ambos, o movimento das mãos e dos dedos, o pólo expressivo. A aprendizagem da escrita requer um aumento do treino motor para ativar os neurónios responsáveis pelo controlo da mão, no córtex motor. Estes neurónios associam-se aos que identificam visualmente as letras, no córtex parietal, e aos neurónios que identificam os sons, no córtex temporal.

Rocha (1999) refere que dependendo de como é realizada a alfabetização, a organização funcional para a escrita é variável entre os indivíduos.

As atividades escritas desafiam os alunos a clarificar, a organizar e a expressar o que estão a aprender. Muito sucesso na escrita depende do que aconteceu antes do aluno começar a escrever.

As partes desenvolvidas no cérebro na escrita, não são exatamente as mesmas que envolvem a leitura. São duas atividades distintas, pois o ser humano pode aprender uma língua e no entanto pode ser incapaz de a escrever. Há então diferenças nas áreas cerebrais envolvidas nos processos da leitura e da escrita.

Aprender a ler e escrever altera o funcionamento do cérebro, uma vez que há uma modificação e/ou construção de redes neuronais da visão e da linguagem.

Muitas partes do cérebro trabalham em conjunto num complexo de interações para permitirem aos indivíduos o envolvimento em atos aparentemente simples. Por exemplo, como já foi referido anteriormente, a área de Broca, a área de Wernicke e o córtex motor têm de trabalhar em conjunto para o ser humano proferir uma frase. Deste modo, nenhuma estrutura do cérebro trabalha sozinha neste sistema complexo, apesar de que os hemisférios cerebrais têm cada um as suas especialidades. É de referir que o hemisfério esquerdo processa o texto, enquanto que o direito fornece o contexto, mas ambos trabalham em conjunto.

⁵ Cohen: [www.leitura muda o funcionamento do cérebro s/d](http://www.leitura.muda.o.funcionamento.do.cerebro.s/d)

CAPÍTULO 3

DISLEXIA

3.1 Perspectiva Histórica da Dislexia

As dificuldades no domínio da leitura e da escrita foram inicialmente caracterizadas por afasia. O termo afasia significa perda ou diminuição da capacidade para usar ou compreender palavras, devido a uma lesão cerebral. O termo existe desde o início do século XIX. Os neurologistas descrevem quatro tipos diferentes de afasia. Primeiro, a afasia de recepção ou sensorial que consiste na alteração da recepção dos signos verbais e, conseqüentemente, na dificuldade em compreender enunciados. Em segundo lugar, a afasia motora e gráfica, a qual consiste na dificuldade em expressar pensamentos por escrito. Em terceiro lugar, a alexia, a qual corresponde à dificuldade em ler. Por último, a agrafia, que significa dificuldades ao nível da escrita.

O termo dislexia foi introduzido pela primeira vez em 1872 pelo Dr. Rudolf Berlin. A dislexia era vista como uma condição adquirida, desenvolvida após o nascimento. No entanto, Berlin sugeriu que esta dificuldade no domínio da leitura se podia dever a uma “doença cerebral” em vez de uma lesão cerebral.

Para Richardson⁶ citado por Rotta e Pedroso a dislexia era vista como “característica de um grupo especial de pacientes que sentiam grande dificuldade em ler, devido a uma doença cerebral.” (Rotta e Pedroso, s/d).

A análise proposta por Berlin, aparece como primeiro sinal de que os padrões característicos de leitura dos disléxicos podem ocorrer sem que tenha ocorrido um traumatismo craniano grave.

O oftalmologista escocês, J. Hinshelwood (1917) teve um paciente com uma capacidade cognitiva normal mas com dificuldades na aprendizagem de leitura e da escrita. Apontou como causa para esta dificuldade uma imperfeição congénita, afectando a memória visual de palavras e de letras.

A dislexia também podia estar associada a uma má visibilidade, no entanto foram os oftalmologistas que ajudaram a reconhecer a dislexia, pois as suas observações concluíram que o problema não era nos olhos, mas sim nas áreas do cérebro responsáveis pela leitura.

A dislexia é uma temática que interessa a vários investigadores, mas Orton é normalmente considerado o investigador mais importante na área da dislexia.

Em 1928, Orton publicou o seu trabalho clínico onde relatou as distorções perceptivo linguísticas em crianças com graves incapacidades na leitura. Estas faziam inversões e

⁶ Richardson (1989): SNI in Rotta e Pedroso. Transtornos da Linguagem escrita – dislexia (capítulo 11).

imagens espelhadas de letras e palavras. Segundo o mesmo autor, isto acontece devido à incapacidade em estabelecer dominância cerebral unilateral e consistência perceptiva. Mais tarde, Orton com base nos seus estudos em famílias de disléxicos realçou o aspecto genético como causa da dislexia. Dois anos mais tarde, Orton, confirmou a denominação dada por Aperi e Poltz sobre a dislexia, pois Orton indicou uma possível relação da dislexia com dificuldades na dominância lateral.

Mais tarde, Hallgérió, em 1950, publicou o primeiro estudo clínico e genético, dando-lhe o nome de “dislexia específica” em substituição ao nome dado por Morgon de “cegueira verbal congénita”.

Em 1987, Myklebust e Johnson dividiram a dislexia em auditiva e visual, tendo em conta os objectivos educacionais. Na dislexia auditiva as crianças demonstram dificuldades na identificação e memorização de sons de letras, palavras compostas e histórias. Na dislexia visual as crianças apresentam dificuldades em seguir e reter as sequências visuais, confundindo palavras e letras.

Ao longo dos anos, o termo dislexia passou a significar diversas coisas, que por este motivo, actualmente, a dislexia tem um valor limitado. Muitas pessoas usam simplesmente a expressão “dificuldades de aprendizagem” em relação a crianças que apresentam qualquer dificuldade a nível da linguagem ou lentidão em termos de desenvolvimento, acrescida da especificidade das condições individuais.

3.2 Definição de Dislexia

São várias as definições de dislexia, mas para a Federação Mundial de Neurologia, a dislexia “é um transtorno manifestado por dificuldades na aprendizagem da leitura, independentemente da instrução convencional, inteligente adequada e oportunidade sociocultural”.

A Associação Internacional da Dislexia (2003) adoptou a seguinte definição: “Dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem neurobiológica e é caracterizada por dificuldades na correcção e /ou fluência na leitura de palavras e por baixa compreensão leitora. Secundariamente, podem surgir dificuldades de compreensão leitora, pouca apetência para a leitura recreativa, impedindo o desenvolvimento dos conhecimentos gerais”.

Ao longo do nosso percurso escolar, provavelmente, quase todos nós sentimos dificuldades na leitura, o que não quer dizer se sejamos disléxicos. No entanto, nas últimas décadas, o termo dislexia para além de ser utilizado incorretamente também tem sido usado em excesso. É fundamental ter presente no espírito que nem todas as crianças com problemas escolares têm dificuldades de aprendizagem.

A dislexia caracteriza-se por uma dificuldade recorrente em processar a informação de carácter fonológico. O fonema é cada uma das unidades mínimas distintivas e sucessivas da articulação da linguagem.

Os padrões típicos da dislexia envolvem:

- Dificuldade em apreender o significado, a partir de letras e sons;
- Dificuldade em recuperar da memória sons e letras;
- Dificuldade em usar sons para criar palavras,
- Dificuldade em converter letras em sons e em palavras;
- Omissão de palavras na leitura e na escrita;
- Inversão de letras na leitura e na escrita.

É notório salientar, que todas as pessoas num determinado momento do seu desenvolvimento da leitura apresentam estes padrões. No entanto, não quer dizer que são pessoas com dislexia, pois a dislexia só poderá ser diagnosticada a uma criança quando a ocorrência destes padrões for consistente e recorrente.

Os padrões apresentados pela dislexia estão frequentemente enquadrados nas “dificuldades de aprendizagem”.

As dificuldades de aprendizagem não são um conceito simplista. O objectivo de descobrir uma definição simples de dificuldades de aprendizagem aceitável para todos pode ser implacável. A natureza dos problemas de dificuldade de aprendizagem é altamente individual e as soluções aplicadas aos problemas deve ser adaptável e flexível.

Ajuriaguerra, em 1990, verificou que as crianças disléxicas, apesar das suas dificuldades ao nível da aprendizagem da leitura e da escrita, não apresentam problemas sociais nem emocionais. A visão e a audição destas crianças são adequadas.

A leitura de uma criança disléxica é caracterizada pela omissão, distorções e substituições de palavras e por uma leitura lenta. Uma leitura lenta, trabalhosa e individual da palavra impede a compreensão do que leu. O rendimento da leitura e da escrita está abaixo do esperado para a idade cronológica em crianças com inteligência normal e com escolaridade

apropriada para a idade, a dificuldade na compreensão da leitura interfere significativamente no rendimento escolar ou nas actividades da vida diária que exigem habilidades de leitura.

Sendo a leitura um processo complexo e que é iniciado no primeiro ano de escolaridade, a dislexia torna-se mais notável no terceiro ano de escolaridade. Cabe pois, aos professores e pais uma atenção especial para com estas crianças, que apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Nas crianças disléxicas a decodificação e o uso de estratégias de memória estão comprometidos, deste modo a criança apresentará um vocabulário pobre e limitado para a idade.

Em 2000, Giacheti e Capellini, declararam que a dislexia é um distúrbio inato que afecta crianças com potencial intelectual normal, mas que não conseguem alcançar a aptidão para a leitura e escrita.

A dislexia existe em todos os países, contudo é nos países europeus e nos Estados Unidos que podemos encontrar maior incidência destes casos.

Na etiologia da palavra dislexia devem ser considerados dois aspectos: causas genéticas e adquiridas. Tendo em conta a observação destes fatores podemos dividir a etiologia desta palavra em três possibilidades: genética (herança poligénica, pontos de mutação,...), adquirida (malformação e mau desenvolvimento do SNC, privação ambiental,...) e multifactorial (interacção entre genética e adquirida).

A dislexia pode ser classificada de múltiplas formas, dependendo dos critérios utilizados. Alguns autores classificam a dislexia com base em testes diagnósticos, fonoaudiológicos, pedagógicos e psicológicos. Uma das formas de classificar a dislexia é com base nas percepções e nas memórias visuais e auditivas, pode apresentar memória visual boa e auditiva pobre, como memória visual pobre e auditiva boa ou então dificuldades em ambas. Estas três formas de classificar a dislexia são aceites por vários autores. Essa classificação privilegia a resultado do teste de habilidades linguísticas de Illenoi, no entanto outros investigadores apoiam mais os resultados discrepantes de testes como o WISC. Este teste diferencia as formas em que há predominância de comprometimento do potencial verbal sobre o da performance das em que acontece o contrário.

Deste modo, o termo “dislexia” é utilizado quando a baixa capacidade de leitura é produto da dificuldade em que a criança sente em reconhecer letras e palavras.

3.3 Causas da Dislexia

As dificuldades de aprendizagem não têm uma causa simples mas uma série de causas relacionadas, daí a grande controvérsia acerca das causas da dislexia.

Com o passar do tempo, foram vários os investigadores que se interessaram pelas causas da dislexia, nomeadamente psicólogos que, para além dos aspectos cerebrais também tinham em conta os aspectos psicológicos e a influência das adversidades sociais. Através de vários testes psicológicos, os investigadores puderam verificar que existem também falhas ao nível do desenvolvimento da linguagem oral. Na década de 90, enquanto alguns pesquisadores realizavam trabalhos para desvendar os aspectos genéticos relacionados com a dislexia, outros realizavam exames para provarem a possibilidade de malformações ou alterações cerebrais em crianças disléxicas.

As associações entre dislexia e genética em pesquisas realizadas, encontraram padrões de transmissão que se encaixam em vários modelos de herança. Em algumas famílias, a dislexia é transmitida de forma dominante. Esses casos podem ser explicados por um modo de transmissão dominante e autossômica influenciado pelo sexo. Nestes casos a dislexia tem uma probabilidade de 100% em indivíduos do sexo masculino. No entanto, nem todos os processos relacionados com a leitura são herdáveis, o mesmo já não se passa com a escrita, memória de curto prazo, decodificação fonológica, consciência dos fonemas, e reconhecimento da palavra onde existe herdabilidade, ou seja, o factor genético é um pouco mais elevado para a decodificação fonológica e a consciência do fonema. Quando se fala em gene da leitura, pressupõe-se a existência de um gene que dificulte a aquisição das habilidades de leitura. Esse gene pode dificultar a leitura mas não a controla. Por todos estes motivos, a hereditariedade da dislexia é ainda uma controvérsia. Existem vários autores que consideram que diferentes cromossomas estão relacionados com a dislexia.

Apesar de a maior parte das definições de dislexia reconhecer a ocorrência de um tipo de perturbação grave da leitura, não existe um ponto de vista único e claro quanto à sua causa. A posição mais generalizada é a de que a dislexia é uma desordem do foro neurológico, caracterizada por frequentes inversões de leitura e de palavras.

Embora as origens da dislexia sejam desconhecidas existem estudos que provam que a dislexia é causada por um mau funcionamento de certas áreas do cérebro ligadas à linguagem, entre elas: a área de Broca; áreas do lobo temporal, áreas do lobo occipital. Todas estas áreas intervêm no processo da leitura, no entanto é na região extra-estriada do lobo

occipital onde se encontra, principalmente, o processamento da leitura visual, linguístico e ortográfico. São vários os estudos sobre as áreas cerebrais envolvidas na leitura, mas com os avanços em neuroimagem possibilitaram a investigação das regiões corticais e dos padrões de ativação relacionados com a execução de tarefas cognitivas complexas, entre elas a leitura de indivíduos disléxicos. Para se poder verificar a relação entre o cérebro e a leitura de disléxicos, são realizados vários exames, como por exemplo: o PET (Positron emission tomography). Este exame requer o uso de material radioativo, por isso só é aplicável em adultos. Actualmente, recorre-se a uma nova técnica: à ressonância magnética nuclear funcional (RMNF). Este exame já pode ser aplicado em crianças disléxicas para proceder à comparação entre leitores disléxicos e normais. Através da RMNF pode-se observar uma menor activação do córtex cerebral, nas áreas envolvidas na compreensão da leitura (área de Wernicke), em contrapartida uma maior activação na área de Broca e no giro frontal inferior do hemisfério contralateral.

Alguns estudos em cérebros de indivíduos normais, demonstram que existem áreas cerebrais relacionadas com a leitura. Deste modo, algumas regiões do hemisfério esquerdo além das áreas temporais, respondem aos processos relacionadas com a leitura, nomeadamente na visualização de palavras, na leitura de pseudopalavras e avaliação da rima. No entanto, o hemisfério esquerdo não é unicamente responsável pelo processamento das habilidades relacionadas com a leitura, pois este também requer a activação de regiões do hemisfério direito.

Uma vez que, algumas áreas cerebrais estão envolvidas na leitura existem, deste modo, diferenças estruturais nos cérebros de indivíduos com dislexia e de indivíduos normais.

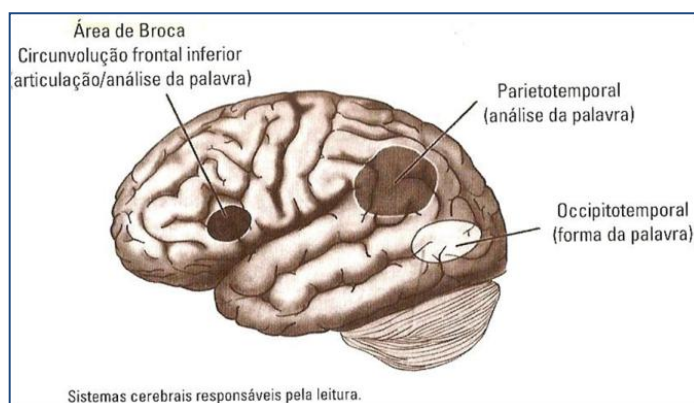


Imagem 2 - Áreas corticais envolvidas na leitura.

Em leitores normais, o hemisfério esquerdo é caracteristicamente maior que o direito, sendo assim quanto maior for o hemisfério esquerdo, maior é a capacidade leitora da pessoa. Em leitores disléxicos, o hemisfério esquerdo é caracteristicamente mais ou menos do mesmo

tamanho do direito. Esta simetria entre o hemisfério esquerdo e o direito de pessoas disléxicas é confirmada através da ressonância magnética nuclear.

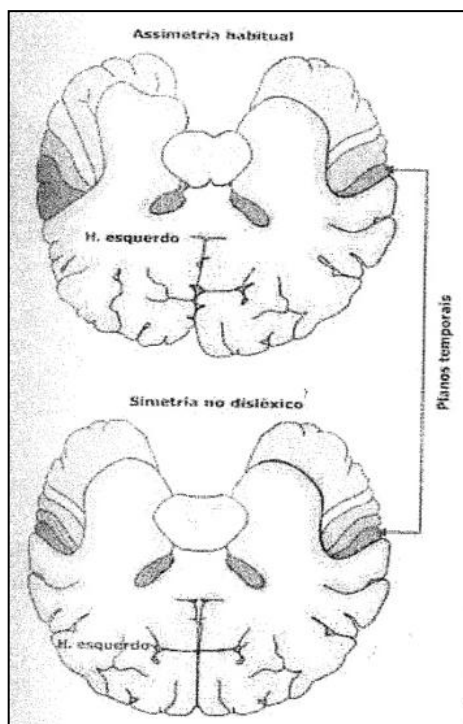


Imagem 3– Imagem morfológica do plano temporal no leitor normal e disléxico

Além da simetria dos hemisférios, o cérebro de um leitor disléxico apresenta alterações na citoarquitetura e alterações do cerebelo e das suas vias. Isto pode acontecer porque pode ocorrer algum tipo de agressão nos primeiros estágios de desenvolvimento. Os neurónios de um leitor normal e de um disléxico, também apresentam diferenças, pois os neurónios do tecido cerebral de um leitor disléxico parecem ser menores que a média pelo menos em algumas áreas do cérebro. O tamanho reduzido dos neurónios talâmicos pode estar ligado às anormalidades tanto no sistema visual como no sistema auditivo de pessoas com dislexia. Galaburda e os seus colaboradores realizaram um estudo que comprovou experimentalmente que as alterações na citoarquitetura de córtex temporal e dos tálamos determinam um processo lento dos sons. Uma vez que os investigadores encontram anomalias no desenvolvimento do cérebro de indivíduos disléxicos é uma referência para a possibilidade da hipótese estrutural e da origem biológica da dislexia. Os testes realizados em cadáveres indicaram que os cérebros dos disléxicos, quando comparados com os dos não disléxicos, apresentam uma organização diferente das células nervosas. O cérebro dos disléxicos revelam um número significativamente maior de células nervosas deslocadas e organizadas de forma

não usual, ou seja, com um diferente padrão de distribuição, principalmente nas áreas corticais ligadas à linguagem.

A dislexia, como já foi dito, é manifestação de padrões de leitura deficitários. Cada criança disléxica deve ser encarada na sua individualidade, de forma a colmatar as suas dificuldades. Em alguns casos, as causas das dificuldades manifestadas ao nível da leitura e da escrita podem residir em problemas familiares, divórcio dos pais, negligência ou abuso.

3.4 Diagnóstico da Dislexia

O aspecto mais frustrante na avaliação da dislexia reside no facto de não existir uma única causa subjacente.

A dislexia passa por um processo de avaliação. Em muitos dos casos só é detetada com a entrada das crianças para o 1º ciclo, quando estas iniciam todo o processo para a aquisição da leitura e da escrita, pois são notórias as dificuldades das crianças em relação a actividades relacionadas com a leitura e a escrita pois, quando colocadas em contacto com outras actividades são capazes de resolvê-las. Em certos casos, pais e professores pensam que devido a esta dificuldade as crianças demonstram pouco interesse escolar. Para proceder a uma avaliação são necessários vários elementos, muitas das vezes isso não acontece o que dificulta o seu diagnóstico. No entanto são crianças de risco que necessitam de uma orientação pedagógica activa.

A dislexia é normalmente caracterizada pela dificuldade do aluno na aprendizagem da descodificação das palavras, na leitura e na fala. Por este motivo, a dislexia costuma ser reconhecida nas salas de aula durante o processo de ensino-aprendizagem, sendo normal provocar uma confusão no aprendiz. Deste modo, estas crianças manifestam dificuldades na associação do som à letra, podem trocar algumas letras, como por exemplo: **b** com **d**; o **v** com o **f**. Estes sintomas podem estar relacionados com outros factores que influenciam a aprendizagem, tais como: o deficit de atenção/hiperactividade, disgrafia, etc. Por esse motivo, é necessária a atenção por parte de todos os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem, para que não hajam dúvidas aquando da identificação da necessidade do aluno, pois uma má avaliação da sua dificuldade pode ser prejudicial para a criança.

Uma criança com dislexia exterioriza vários sinais de alerta. Sendo assim, um diagnóstico precoce da dislexia é uma mais-valia para a criança, uma vez que o educador

pode desde o início perceber qual é realmente a perturbação manifestada pela criança e, deste modo pode atuar desde o começo do processo de ensino/aprendizagem. Uma vez diagnosticada a necessidade da criança, o seu processo de aprendizagem deve ser alterado de acordo com as suas necessidades, para que o aluno seja ajudado e apoiado na sua luta constante para vencer as dificuldades manifestadas, e assim tornar-se uma pessoa activa e feliz no seu dia-a-dia.

Depois de identificada a necessidade da criança, cabe ao professor adaptar o currículo ao seu educando, para que a criança possa aprender em conjunto com o resto da turma. Deste modo, é necessário que o professor crie estratégias inovadoras de ensino capazes de motivar o aluno para que este possa realizar uma aprendizagem com sucesso.

O professor tem um papel muito importante na deteção das dificuldades do seu aluno, uma vez que este está em contacto directo com ele todos os dias e encadeia todas as suas aprendizagens. Sendo assim, o professor tem que estar atento às dificuldades expressas da criança, de modo a poder ajudá-la a ultrapassar as contrariedades. Esta tarefa não é exclusiva do professor, cabe também aos pais e profissionais de saúde uma intervenção junto da criança. Um trabalho em conjunto entre todas as partes envolvidas no processo ensino/aprendizagem é uma mais-valia para o aluno.

A criança disléxica necessita de todo o apoio e deve ser vista como uma criança capaz de tudo e nunca ser colocada de parte, deste modo é necessário que se pratique uma educação integrada nas salas de aula. As suas dificuldades não desaparecem mas, nós educadores podemos contribuir para uma educação integrada e assim permitir que a criança se sinta motivada e capaz de atingir os seus objectivos.

A criança quando vai a uma consulta, muitas das vezes, não é só pelas suas dificuldades manifestadas ao nível da leitura e/ou da escrita, mas também com problemas comportamentais associados devido ao fracasso na aprendizagem. O insucesso na aprendizagem da leitura e/ou escrita pode levar a estados de ansiedade e de sensações de menos valia. A avaliação diagnóstica de uma criança com dislexia deve ter em conta a história familiar bem como o seu desenvolvimento embrionário (pré, peri e pós-natal). Deve-se sempre questionar o desenvolvimento oral da criança, uma vez que está claro o papel da disfasia de evolução na génese da dislexia. Embora ainda não esteja confirmado que o mesmo tipo de alteração na linguagem oral se repita na linguagem escrita, no entanto esse desenvolvimento comporta-se como um continuum.

O facto destas crianças sentirem dificuldades na aprendizagem pode reflectir-se em várias manifestações maléficas para elas como: agressividade, ansiedade, depressão, entre outras. Estas questões são predominantes na primeira consulta. Outra questão relevante é o medo que os pais têm de que o seu filho tenha algum grau de deficiência mental.

A história familiar é importante quando se fala em dislexia, pois sabe-se da relação entre dislexia e hereditariedade, por isso é necessário perguntar exaustivamente sobre a história familiar e sobre consanguinidade. É fundamental que se saiba como a criança se relaciona com a família e com os amigos, para que se perceba como ela consegue vivenciar as dificuldades. Também é importante que seja avaliada a produção textual da criança. Primeiro deve-se observar os cadernos e, depois pedir à criança que escreva algo espontâneo. Deste modo, pode observar-se uma leitura e escrita pouco compreensíveis, confusões de letras (d/b; p/q); confusões entre letras que têm sons semelhantes (b/p; d/t; g/j), dificuldades em entender o texto, etc.

O exame clínico neurológico da dislexia inicia-se pela observação da visão e da audição. Se a criança apresentar algum problema nestas áreas são encaminhadas para os respectivos especialistas. Muitas das vezes o exame neurológico é normal. O exame neurológico evolutivo pode trazer importantes contribuições, pois algumas vezes observam-se alterações na lateralidade. A relação entre a lateralidade mal estabelecida e a dislexia é ainda um tema em discussão. O exame da coordenação apendicular revela importantes informações sobre as dificuldades na escrita, nomeadamente nos aspectos disgráficos, que embora não façam parte constante da dislexia, podem-se associar às alterações ortográficas, em diferentes proporções. Também deve ser avaliada a questão relacionada com a noção de espaço e tempo, dos quais podem resultar deformações na escrita.

Durante a consulta é necessário não só colocar a criança a ler e escrever mas também verificar os seus cadernos diários. Embora o diagnóstico da dislexia seja clínico, neurológico, psicopedagógico e fonoaudiológico é também necessário recorrer a outros exames para deste modo complementar as informações.

No entanto, para a realização plena do diagnóstico devemos considerar outros aspectos, como a história familiar, a clara modificação para melhor, com a idade e a presença de co-morbididades neuropsicológicas. O diagnóstico deve ser o mais completo possível, para que deste modo seja realizado um planeamento para cada etapa, seguindo uma cronologia adequada. Para a Sociedade Internacional de dislexia, a dislexia deve ter sempre em conta que as diferenças são pessoais, o diagnóstico é clínico, o entendimento é científico e o tratamento

é educacional. O diagnóstico e o tratamento devem ter características multidisciplinares, nomeadamente interdisciplinares.

Os professores para detetarem a dislexia na sua sala de aula, precisam de ser observadores atentos e de ter noção da forma como os alunos lêem e escrevem. Caso o professor suspeite que está perante uma criança com dislexia deve realizar testes de leitura e escrita informais. No entanto, se após a realização destes testes as dificuldades permanecerem, o professor deve encaminhá-la para uma avaliação compreensiva.

A dislexia melhora com a idade por isso, a intervenção precoce neste domínio é fortemente incentivada, de forma a evitar danos na auto-estima da criança, uma vez que seu sofrimento aumenta proporcionalmente ao tempo em que se encontra exposta ao insucesso. A remediação deve centrar-se nas competências e nos pontos fortes das crianças. Muito pode ser feito para incentivar a compensação e a capacidade de ultrapassar os problemas. Só assim a criança prosseguirá com sucesso.

3.4.1. Sinais de alerta da dislexia

As crianças disléxicas evidenciam vários sinais de alerta para os quais, pais e professores devem estar atentos. Contudo é de salientar que não existe nenhum modelo padrão com registo dos sinais, uma vez que a dislexia pode ser manifestada de diferentes maneiras, consoante cada criança. As dificuldades devem ser avaliadas ao nível da parte cognitiva. Apesar destes aspectos, serão, no entanto, apresentados alguns sinais de alerta para que pais e professores estejam mais atentos quando suspeitam da existência de problemas nas competências relacionadas com a leitura ou escrita nos seus educandos ou alunos:

3.4.1.1 Durante a infância:

- A criança apresenta atraso na aquisição da linguagem, começa a dizer as primeiras palavras e a construir frases mais tarde do que o normal;
- A criança apresenta dificuldades em memorizar e acompanhar canções infantis, bem como as rimas das lengalengas;
- A criança apresenta dificuldades em se aperceber que os sons das palavras podem dividir-se em bocados mais pequenos.

“3.4.1.2 Na idade escolar:

- Lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e da escrita,
- Erros por dificuldades na descodificação grafema-fonema, ou seja, dificuldade em compreender que as palavras podem-se segmentar em sílabas e fonemas;
- Bastantes dificuldades na leitura, com a presença constante de erros incorreções inventando palavras ao ler um texto;
- Lentidão na leitura, dificultando a compreensão do texto;
- Dificuldades na rima de palavras,
- Escrita com múltiplos erros ortográficos e a qualidade da ortografia é bastante deficiente;
- Lacunas acentuadas na construção frásica;
- Salta linhas durante a leitura, na leitura silenciosa consegue-se ouvir o que está a ler, acompanha a linha da leitura com o dedo;
- Demora demasiado tempo na realização dos trabalhos;
- Utiliza estratégias e truques para não ler. Não revela qualquer prazer pela leitura;
- Distraí-se com bastante facilidade perante qualquer estímulo parecendo que está a sonhar acordado;
- Os resultados escolares não são condizentes com a sua capacidade intelectual. Melhores resultados nas avaliações orais do que nas escritas;
- Não gosta de ir à escola ou de realizar qualquer actividade com ela relacionada;
- Apresenta picos de aprendizagem, nuns dias parece assimilar e compreender os conteúdos curriculares e noutros parece ter esquecido o que tinha aprendido;
- Apesar das dificuldades na escola revela ser bastante imaginativo e criativo, com um bom raciocínio lógico e abstrato, podendo evidenciar capacidades acima da média em determinadas áreas que não exijam a leitura e a escrita (desenho, pintura, musica, teatro, desporto, etc.)”in(www.dislexia-pt.com)
- Omissão ou adiciona letras e sílabas;

- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças subtis de grafia ou de som (a-o; f-v;m-n;f-t;...);
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço (b-d; d-p;b-q;a-e;...);
- Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras (ai-ia;per-pre;se-es;...)
- Entre muitos outros sinais (...)

3.4.1.3 Problemas que podem estar associados à dislexia:

- Dominância lateral
- Problemas de motricidade fina e do esquema corporal;
- Problemas na percepção visuo-espacial e orientação temporal;
- Disgrafia;
- Dificuldades com a memória de curto prazo, memorização e com a organização,
- Dificuldades em seguir caminhos e em executar sequências de tarefas complexas;
- Dificuldades em aprender uma segunda língua;
- Discalculia;
- Dificuldades na matemática, principalmente na assimilação de símbolos e decorar a tabuada.

3.5 . Dislexia de desenvolvimento e dislexia adquirida

Há outros distúrbios que podem interferir na leitura. A dislexia é diferente deles por causa da natureza única e fechada de deficiência fonológica, que não interfere em outros domínios linguísticos, ou de raciocínio. Na dislexia do desenvolvimento, a deficiência fonológica ocupa posição principal, estando os outros componentes da linguagem intactos, e a dificuldade de leitura está no nível da decodificação das palavras individuais, inicialmente com precisão e depois com fluência. A inteligência não é afectada e pode estar na faixa superior ou superdotada. Este tipo de dislexia está presente desde o nascimento. Em 1968, a

dislexia de desenvolvimento foi definida pela Federação Mundial de Neurologia⁷ citação de Castro e Gomes, como “uma perturbação que se manifesta através de dificuldades na aprendizagem da leitura, a despeito de instrução convencional, inteligência adequada e oportunidades socioeconómicas. Está dependente de perturbações cognitivas básicas, que são frequentemente de origem constitucional” (Castro e Gomes 2000). Este tipo de dislexia assenta na exclusão de um conjunto de factores como origem da perturbação. A perturbação afeta o próprio processo de aprendizagem e não se explica por fatores como a cegueira ou a surdez, ou a falta de instrução.

Um outro tipo de dislexia é a dislexia adquirida, cuja maior parte das pesquisas foi realizada a partir de meados da década de 70. Este tipo de dislexia surge em consequência de uma lesão cerebral e afecta uma pessoa, adulto ou criança, que antes lia bem.

Para Ellis, (1995), quando os neuropsicólogos cognitivos investigam a dislexia adquirida, estes pretendem averiguar que parte ou partes do processo normal de leitura forma danificadas ou perdidas. Existe uma suposição geral de que algo na configuração biológica dos disléxicos torna-os o que são. Se um grupo de crianças tem uma boa inteligência, uma boa visão e uma boa audição, têm um seio familiar e escolarização apropriadas e nenhum bloqueio emocional aparente, surge a hipótese de que existe algo para atrasar a sua aprendizagem, isto é, uma fragilidade nascida com esses indivíduos. Ainda segundo o mesmo autor, o resultado é uma criança com habilidades cognitivas razoavelmente boas, mas com uma fragilidade num determinado aspecto da linguagem, crucial para a aquisição da leitura e da escrita para Castro e Gomes “só é classificada de disléxica a criança em que as dificuldades de leitura não podem ser atribuídas à deficiência intelectual, nem à falta de estimulação do meio, ou a más condições socioeconómicas”. (Castro e Gomes 2000).

3.6. Desenvolvimento das Crianças com dislexia

As repercussões da dislexia são muitas vezes consideráveis, quer ao nível do sucesso escolar, quer ao nível do comportamento da criança, originando nestes dois domínios perturbações de gravidade variável, que importa reconhecer e evitar na medida do possível.

⁷Federação Mundial de Neurologia. (1968): SNI inCastro, S. L.; Gomes, I. (2000). Dificuldades de aprendizagem da língua materna. Lisboa: Universidade Aberta.

3.6.1- Nível Cognitivo

As crianças disléxicas pertencem ao grupo de crianças cujas dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita são muito maiores do que seria esperado a partir do seu nível intelectual. Essas crianças, embora com as mesmas oportunidades que as outras crianças têm para aprender a ler e apesar de receberem motivação, de serem apoiadas pelos pais mostram progresso na alfabetização surpreendentemente mais lento do que os seus colegas da mesma idade e do mesmo nível intelectual.

3.6.2- Nível comportamental

Nas crianças com dislexia são notórios problemas comportamentais caracterizados por comportamentos de oposição e desobediência perante as figuras de autoridade (pais, professores, etc.), hiperactividade, défice de atenção. Em alguns casos, algumas crianças com dislexia podem tornar-se agressivas, face à desmotivação académica e incompreensão dos pares.

3.6.3- Nível sócio – afectivo

A criança disléxica é geralmente triste e deprimida pelo repetido fracasso dos seus esforços para superar as suas dificuldades, outras vezes mostra-se agressiva e angustiada.

A frustração causada pelos anos de esforço sem êxito e a permanente comparação com as outras crianças provocam intensos sentimentos de inferioridade.

Em geral, os problemas emocionais surgem como uma reacção secundária aos problemas de rendimento escolar.

As crianças disléxicas denotam um sentimento de tristeza e de auto-culpabilização, podendo apresentar uma atitude depressiva diante das suas dificuldades. Estas crianças apresentam uma reduzida motivação e empenho pelas actividades, uma reduzida auto-estima, um sentimento de insegurança e de vergonha como resultado do seu sucessivo fracasso, um sentimento de incapacidade, de inferioridade e de frustração por não conseguir superar as suas dificuldades. Compreender a problemática emocional associada à dislexia é fundamental a qualquer educador, uma vez que, se as questões emocionais não forem devidamente geridas, o insucesso pode resultar numa recusa total de todas as actividades de âmbito escolar. Por esta

razão, quer os pais, quer os professores deverão valorizar todos os progressos obtidos pelas crianças, centrando-se mais nas pequenas conquistas que nas falhas. O seu discurso relativamente à escola deve ser assim marcado por observações positivas e por uma atitude de apoio.

3.7 Avaliação de crianças com dislexia

Segundo o Decreto-Lei nº50/2011, no artigo 10º, a avaliação

“consiste no processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelos alunos. A avaliação tem, por objecto a aferição de conhecimentos, competências e capacidades dos alunos e a verificação do grau de cumprimento dos objectivos globalmente fixados para o nível secundário de educação, bem como para os cursos e disciplinas nele integrados. O regime de avaliação é regulado em diploma próprio, em função da natureza dos cursos de nível secundário de ensino” (Dec-lei nº50/2011)

O Homem avalia quase tudo o que observa à sua volta, daí que a avaliação das aprendizagens deve constituir uma parte da avaliação do sistema educativo.

Muitos professores consideram que é importante avaliar os conhecimentos adquiridos pelas crianças. O professor tem ao seu dispor um vasto conjunto de métodos de avaliar o que as crianças sabem e o que aprendem. Na sala de aula, o professor deve ter em conta quais são as melhores condições para realizar a avaliação, tendo em vista um melhor desempenho dos alunos. No entanto, para Kathleen, antes de avaliar, “o professor deve refletir sobre a finalidade da avaliação e do que pretende atingir. Na sala de aula, o docente precisa de descobrir as condições sob as quais uma criança apresentará o seu melhor desempenho”(Kathleen 2003). Se a criança não demonstrar um desenvolvimento satisfatório, o docente terá de avaliar as condições de aprendizagem da mesma, podendo deste modo, vir a modificar os seus métodos de ensino, adequando-os às necessidades da criança. Deste modo, a avaliação pode ser usada para ajustar o seu processo de ensino. A criança com dislexia apresenta uma capacidade intelectual normal ou, por vezes acima da média. No entanto, pode apresentar resultados abaixo da média quando submetida a uma avaliação uniformizada,

porque o seu formato requer demasiado tempo de descodificação, restando pouco tempo para a compreensão. Por este motivo, a criança demora muito tempo a ler, ficando sem tempo para responder corretamente às questões. No entanto, segundo a mesma autora, retirado de Vacca, Vacca & Gove (1991) a avaliação destes alunos deve decorrer de múltiplos indicadores de desempenho. Deste modo, os docentes não devem basear-se, unicamente, em testes ou nas observações realizadas. Para Kathleen,

“a criança que precisa de uma intervenção terapêutica é aquela que apresenta esses padrões de forma regular e consistente. A avaliação autêntica, em contexto, permite que o professor que tem um aluno com dislexia na sala de aula observe e registre verdadeiramente o que a criança faz, quais as estratégias de aprendizagem que estão a ser usadas e que progressos se estão a registar”. (Kathleen, 2003).

Os alunos com dislexia são normalmente competentes, necessitando de um ambiente de aprendizagem positivo e que os incentive. Não se deve rotular a criança mais sim reforçar os seus pontos fortes para ultrapassar os pontos fracos, ou seja, nunca se deve subestimar o que a criança é capaz de fazer.

Os professores podem realizar uma avaliação do que a criança aprendeu, através da recolha de dados e documentos, verificando assim as evoluções da mesma. Esta forma de avaliar é benéfica para as crianças, pois é realizada no seu ambiente normal e sem controlo de tempo. É assim realçada a evolução da criança e não o seu insucesso.

Os alunos com dislexia manifestam dificuldades em descodificar o que lêem, dificultando assim a sua compreensão, uma vez que a sua leitura é lenta e silabada. Por este motivo e após o seu diagnóstico, os docentes podem realizar adaptações na avaliação destas crianças: ler o teste em voz alta e verificar se os alunos entendem as questões; podem realizar uma avaliação oral, em que o aluno está mais descontraído e tem oportunidade de dizer o que sabe acerca da temática em estudo; bem como os textos, as questões não devem ser demasiado longas, pois os alunos requerem muito tempo para a sua leitura, restando pouco tempo para a sua compreensão e respectiva execução; utilizar questões em que o aluno possa completar, destacar, identificar, relacionar ou reconhecer informações contidas nos testes; usar o mesmo tipo de letra; em cada questão, o docente deve incluir somente uma ideia, ou seja cada afirmação deve referir-se unicamente a um assunto; a direcção da escrita deve ser sempre da esquerda para a direita e de cima para baixo; deve ser dado mais tempo para a realização da

prova; o aluno pode realizar mais avaliações, permitindo que contenham menos conteúdo, para que ele possa realizá-las num menor tempo.

Tal como no momento da realização dos testes os professores podem efetuar adaptações, no momento da correção também o podem fazer. Sendo assim, os docentes podem: valorizar não só o que está explícito como também o implícito e adapte os critérios de correção à sua realidade e não deve colocar anotações na folha da prova (principalmente juízos de valor), para que o aluno não se sinta inferiorizado e desmotivado. Desta forma antes de colocar a classificação no teste, o professor deve verificar novamente a prova e, em caso de dúvida, pode questionar o aluno sobre o que quis dizer com o que escreveu e pesquisar sobre a natureza do(s) erro(s) cometido(s).

Na dislexia, como em todas as outras necessidades educativas especiais, só pode haver sucesso adoptando uma pedagogia diferenciada e compreendendo que por trás do mau comportamento e do desinteresse existe frequentemente um pedido de ajuda.

CAPÍTULO 4

ATTITUDE DOS PAIS E PROFESSORES PERANTE ALUNOS COM DISLEXIA

4.1 Definição de atitudes

Antes de iniciar o estudo referente às atitudes dos pais e professores é importante realizar uma pequena análise sobre o que são as atitudes, uma vez que as atitudes não se resumem exclusivamente à acção, isto é existem outras componentes das atitudes, daí a importância de um breve estudo acerca das mesmas.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa de J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, “atitude deriva do latim *aptitudine*, *aptidão* pelo it. *attitudine* e pelo fr. *Attitude*, «disposição do espírito, traduzida pela do corpo; maneira de significar um propósito, modo de proceder”. (J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 1993)

Na maioria das vezes consideramos que a atitude se resume meramente à uma determinada ação em relação a determinado objeto, pessoa, animal, entre outras coisas. Contudo a noção de atitude vai mais além da ação, visa a racionalização, o sentimento e a exteriorização. A atitude não é um processo exógeno. É algo interno, que deve ocorrer de dentro para fora. Entre a consciencialização e a ação, necessariamente, o sentimento deverá estar presente como elo de ligação.

Atitudes, como valores, são adquiridos a partir de algumas predisposições genéticas e muita carga fenotípica, oriunda do meio em que vivemos. Mudamos as nossas atitudes a partir daqueles com quem convivemos, admiramos, respeitamos e até tememos. Por este motivo, reproduzimos muitas das atitudes de nossos pais, amigos e pessoas de nosso círculo de relacionamento. As atitudes são bastante voláteis, motivo pelo qual os media costumam influenciar, as pessoas no que se refere a hábitos de consumo.

Atitude deriva do latim *aptitudinem* atitude, através do italiano *attitudine* que, para Kardec “significa uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a grupos, questões, outros seres humanos, ou, mais especificamente, a acontecimentos ocorridos no nosso meio envolvente”. (Kardec, 1978). É um dos conceitos fundamentais da psicologia social. Faz a união entre a opinião (comportamento mental e verbal) e a conduta (comportamento activo) e indica o que interiormente estamos dispostos a fazer. As atitudes de um sujeito dependem da experiência que tem da situação à qual deve fazer face. Pode dizer-se também que é, a tendência para reagir a um estímulo de maneira positiva ou negativa, agir de uma maneira de preferência a outra.

Uma atitude é formada por três componentes básicas:

- Componente cognitiva, são os nossos pensamentos, crenças e conhecimentos conscientes de determinado facto;
- Componente afectiva, corresponde ao nosso lado sentimental e emocional em relação a determinado facto;
- Componente comportamental, são as nossas tendências para reagir. Esta componente está relacionada com a nossa intenção de nos comportarmos de determinada maneira com relação a alguém, alguma coisa ou evento.

Kardec considera

“que uma atitude está formada quando essas componentes se encontram de tal maneira inter-relacionadas que os sentimentos e tendências reactivas específicas ficam coerentemente associadas com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. Desenvolvemos nossas atitudes ao enfrentarmos e ajustarmo-nos ao meio social e, uma vez desenvolvidas, emprestam regularidades aos nossos modos de reagir e de facilitar o ajustamento social” (Kardec, 1978).

Os processos que podem levar à aquisição de atitudes podem ser resumidos:

- Pelos resultados de nossa própria experiência;
- Pelas nossas tendências e preconceitos perceptivos;
- Pelas nossas observações das reacções de uma outra pessoa perante uma determinada situação;
- Pela nossa observação dos resultados das experiências de outra pessoa.

Apesar de considerarmos que a atitude é o nosso comportamento, esta ideia está errada, uma vez que, a atitude é a intenção enquanto o comportamento é a ação. Como a atitude é uma intenção de se comportar de uma certa maneira, esta pode ou não ser consumada, dependendo da situação ou das circunstâncias.

A nossa atitude é fruto da nossa experiência e esta exerce uma influência dinâmica e orientadora sobre todos os objetos e situações com os quais estabelece alguma relação. Neste sentido, considera-se a atitude como uma forma de motivação social que impulsiona e orienta a ação para determinados objectivos ou metas.

Mudanças nas atitudes de uma pessoa podem demorar muito para causar mudanças de comportamento que, em alguns casos, podem nem chegar a acontecer. Embora as

tentativas de modificar ou substituir “atitudes” assentem nos mesmos princípios de aprendizagem, é evidentemente muito mais difícil mudar ou esquecer atitudes do que aprendê-las.

4.2 Atitude dos pais

A família é o factor principal no que respeita à aprendizagem das questões sociais e emocionais da criança. Contudo, à medida que a criança cresce, ela convive cada vez mais com pessoas fora do círculo familiar, pessoas essas que, por sua vez, passam a ter parte activa na socialização da criança. O seio familiar é o melhor ambiente em que a criança poderá encontrar aquilo que necessita. A família fica por este motivo, obrigada a constituir-se de modo a poder cumprir devidamente essa função. Em contrapartida, a família que desconhece as suas responsabilidades relativamente à criança, desconhecendo as suas necessidades, vivendo uma vida onde não existe lugar para ela, nem tempo para estar com a criança pode levar a situações de angústia, de inibições, entre outros problemas.

Com o passar do tempo, tem sido cada vez mais aprovada a ideia de que a família é considerada como parte integrante do processo educativo dos seus educandos e a sua envolvência na escola é indispensável e extremamente necessária. Neste sentido, é importante que os encarregados de educação acompanhem de perto o percurso escolar do seu educando, para serem, atempadamente, colocadas em prática estratégias que o possam auxiliar para que da melhor forma consiga alcançar o seu sucesso escolar.

No que se refere a alunos com dislexia, os pais têm uma grande importância e é objecto de atenção redobrada, uma vez que a falta de bem-estar no seio da mesma, motivada por complicações ou dificuldades, pode ser a causa dos problemas dos seus descendentes.

A família é também um dos pilares mais importantes no processo de ensino-aprendizagem, por este motivo, se fizerem parte integrante da equipa de intervenção desde o diagnóstico ao tratamento, estão a criar condições emocionais e de sustentabilidade ao aluno. As famílias em que existe um elemento com NEE enfrentam inúmeros desafios e situações difíceis que podem ter um impacto profundo na vivência familiar e que pode provocar ansiedade e frustração.

No momento do diagnóstico, alguns pais apesar de manifestarem sentimentos de medo e de insegurança podem ser bem sucedidas na adaptação, mostrando-se realistas, e com

capacidade para ultrapassar a situação e assim aprender a viver a sua nova realidade. Em contrapartida, os pais que ao início estão menos preparados para aceitar esta realidade, investem, adaptam-se e evoluem de forma tão evidente, que a situação inicialmente complicada não produz efeitos negativos, pelo contrário torna-se numa experiência enriquecedora. Por estes motivos, a tensão provocada pela existência de um filho com dislexia pode durar os vários períodos ao longo do seu percurso escolar.

Quando é diagnosticada a dislexia a uma criança, as preocupações dos pais são inúmeras, começando pela necessidade de tomar as medidas necessárias de modo a proporcionar uma boa Educação ao seu filho, apesar das suas limitações e criar as condições financeiras e emocionais para cuidar da criança. A família é o ambiente da criança, a atmosfera que ela respira, é dele que absorve os elementos que irão ajudá-la a ordenar o seu psíquico e as suas emoções, daí que o seu envolvimento na vida escolar do seu filho seja extremamente crucial. Neste momento, os pais destas crianças têm de compreender, que isto não significa que o seu filho não vai ser capaz de aprender, mas sim que a criança necessita de encontrar outro tipo de estratégias que a ajudem a aprender, tendo em conta as suas dificuldades. Deste modo, quanto mais os pais se envolverem na vida da criança, mais fácil se tornará a situação. O apoio que os pais dão aos seus filhos é muito importante, no entanto estes também necessitam de apoio.

No momento do diagnóstico da dislexia, a reacção possível dos pais é sentir que o seu filho tem uma doença, contudo a dislexia não é nenhuma doença. A posição da família face a esta questão, é muitas das vezes dicotómica e ambivalente. Alguns pais entram num processo de negação e, não aceitam a possibilidade de o seu filho apresentar uma dificuldade de aprendizagem. Em contrapartida, outros pais são interessados e até podem colocar questões que podem ser de difícil resposta por parte do professor. Os pais das crianças com dislexia enfrentam inúmeros desafios e situações difíceis, que os outros pais nunca se depararão. Quando as crianças apresentam este transtorno, a forma como os seus pais reagem perante estas dificuldades poderá agravar ou ajudar a sua recuperação.

Para Leonard Hartwig⁸, citado por Kathleen, “estabelece cinco estádios que os pais podem atravessar, quando descobrem que o seu filho é disléxico:

1. Negação: “deve ser engano, o meu filho não.”
2. Raiva: “porque é que isto tinha de me acontecer a mim.”

⁸ Leonard Hartwig; SNI in: Kathleen, A. H. (2003). Compreender a dislexia um guia para pais e professores. Porto: Porto Editora.

3. Depressão: “o meu filho não é normal”
4. Aceitação: “aceitar o facto, procurar ajuda e ajudar.”
5. Esperança: “o meu filho pode aprender e vai aprender.””(Kathleen, 2003)

O último estágio é, para muitos pais, o mais difícil de atingir, mas esta deve ser a atitude a adoptar. Os pais precisam de ter uma atitude positiva, para deste modo poderem transmitir esperança à criança. Os pais devem reconhecer que o seu filho é capaz de realizar e fazer questão de elogiar as suas capacidades. Muitas das vezes, a ênfase é colocada naquilo que a criança não consegue fazer, em vez de realçar as suas capacidades e talentos.

Os pais são fundamentais para a vida futura dos seus educandos, pois muitas das vezes são eles os seus modelos. Neste sentido, os pais devem proporcionar aos seus filhos as melhores condições, não devem ter vergonha de pedir ajuda, podem recorrer a familiares, à escola ou então a especialistas. Ao fazerem este trabalho de acompanhamento e apoio, a criança sente que a família está com ele e isto permite que se sinta bem no seio da mesma, o que levará a uma maior evolução. É extremamente importante para as crianças com dislexia sintam o apoio dos seus pais, pois o que acontece em casa pode afectar a vida escolar da criança.

Em crianças com dislexia, é de máxima importância que pais e professores mantenham uma boa relação, para o bem da criança. Os pais devem interessar-se pela aprendizagem do seu filho.

Deste modo, quanto maior for a interacção entre os pais e professores maior será o sucesso da criança, pois para Kathleen “quando os pais e o professor trabalham em conjunto num programa consistente concebido para ajudar a criança a aprender, o aluno será mais rapidamente bem sucedido”. (Kathleen, 2003)

Os pais devem realçar as suas qualidades, os seus pontos fortes e os talentos que a tornam única, para assim permitirem o desenvolvimento da consciência individual da criança. Para isso, é indispensável que seja dada à criança a oportunidade para tal, pois toda a criança disléxica pode dar a sua contribuição, tornando-se deste modo mais activa e interessada na sua aprendizagem o que leva ao aumento da sua confiança. Neste sentido, os pais devem elogiar o que a criança sabe para reforçar a sua auto-estima. Devem dialogar com o seu educando e mostrar-lhe o quanto ele é bom em determinadas áreas, pois ao fazerem isso estão a contribuir e incentivar o seu filho a desenvolver outras áreas em que revela algumas dificuldades. Ao realizarem este tipo de trabalho com ele, os pais estão a dar-lhe segurança e atenção o que leva à redução das suas frustrações.

Os pais são as primeiras pessoas que estão em contacto com as crianças, por este motivo, devem estar atentos, mesmo antes da sua entrada na escola, para identificar as suas dificuldades e, deste modo poder encaminhá-las para os profissionais. Os pais devem ter em conta os sinais de alerta da dislexia (anteriormente referidos), no entanto em casos em que as crianças, principalmente no 1º ano de escolaridade, revelam dificuldades de aprendizagem, não devem considerar logo à partida que a criança é disléxica. Para que isso aconteça é necessário que os sintomas persistam ao longo da sua aprendizagem e também devem ter em consideração outros factores.

Todos os membros da família, principalmente os pais, devem estar atentos ao desenvolvimento e comportamento da criança, pois desde cedo os seus filhos podem manifestar um atraso no seu desenvolvimento. Contudo, os pais não devem confundir desenvolvimento normal com as dificuldades de aprendizagem, uma vez que todas as crianças têm um processo de desenvolvimento diferente, o que é perfeitamente normal, pois não existe um modelo padrão de desenvolvimento. Daí a importância dos pais respeitarem o desenvolvimento do seu filho. Quando, os pais observam os seus filhos, em determinados momentos, e consideram que algo está errado, devem fazer anotações específicas para fornecer ao especialista, para “facilitar” o trabalho do docente, psicólogo ou outro profissional. Deste modo, quando os encarregados de educação consideram que o seu filho apresenta, sucessivamente, algumas dificuldades devem procurar um profissional para receber as suas orientações e assim ajudar o seu filho. Neste sentido, é fundamental que os pais conheçam os seus filhos e falem diariamente com eles, para assim poderem detetar quando algo não está bem.

Se os pais estiverem sensíveis para esta realidade e tiverem consciência dos padrões de comportamento e de crescimento do seu filho, então poderão ser realizadas observações, de forma a decidir se devem ser tomadas outras medidas. O desenvolvimento das crianças ocorre segundo ritmos diferentes, por esse motivo, Kathleen refere que pelo “o facto de uma criança não revelar de imediato determinadas capacidades ou uma certa coordenação motora não significa que estas não se manifestem mais tarde” (Kathleen, 2003).

Com uma criança com dislexia, a tendência dos pais é optar pela superprotecção, contudo não o devem fazer, pois as crianças são capazes e devem assumir as suas responsabilidades; No entanto, a superprotecção pode ser maléfica para a criança, uma vez que, impede a existência de oportunidades para resolver problemas e tomar decisões e

também não proporciona a independência da criança, nem o seu desenvolvimento sócio-emocional.

Para que uma criança com dislexia cresça social e emocionalmente, é necessário que os pais compreendam que esta não necessita de ser alvo de uma maior protecção, pois o facto de a criança se sentir menos protegida, permite que se torne mais auto-confiante e mais segura de si própria. Estas crianças podem apresentar um nível de funcionamento cognitivo elevado e ser muito capazes. No entanto, a atitude dos pais pode condicionar o seu desenvolvimento, pois muitas das vezes os pais podem reagir de uma forma que fragilize os pontos fortes da criança e reforça os seus pontos fracos.

Os pais devem permitir que seja a criança a realizar as actividades e não eles, devem incentivar a curiosidade e os interesses, pois desta forma eles sentem-se mais motivados para aprender, devem estabelecer objectivos razoáveis para os seus filhos. Na maioria dos casos, os pais são confrontados com os sonhos e aspirações que idealizaram para os seus filhos, alterando-os perante a realidade. Neste sentido, os pais destas crianças devem ser pacientes e perspectivar o futuro dos seus educandos de forma objectiva.

Os pais das crianças com dislexia podem ter tendência para em vez de lhes colocarem questões, transmitem de imediato a informação. Esta atitude conduz à desmotivação, o que leva à diminuição das expectativas da criança em relação a si própria. Para ajudar os seus filhos, os pais devem fazer-lhes exigências mentais no sentido de reconstruírem acontecimentos, anteciparem possíveis resultados e prestarem atenção. Ao fazerem isto, os pais possibilitam o desenvolvimento do pensamento representativo das crianças.

A criança deve ser activa e não passiva, o que permite tornar-se independente dos seus pais.

Os pais devem proporcionar um ambiente positivo, com elogios e incentivos. Desta forma, facilitarão o caminho do crescimento da criança. É importante que as crianças sintam o apoio, o incentivo e a compreensão por parte dos pais. Estes devem ter a noção que resolver as dificuldades do seu filho é um processo vagaroso e demorado.

Os pais devem ter uma atitude positiva, para assim facilitar o desenvolvimento dos seus educandos, proporcionando-lhes uma atmosfera positiva, com elogios e incentivos, que facilitarão o seu crescimento. Segundo Huston, (1992), é essencial que a criança receba apoio, incentivos e compreensão por parte dos pais e que estes percebam que resolver as dificuldades do seu educando é um processo moroso.

Para Hartwig (1984), um bom relacionamento entre os pais de crianças com dislexia pode diminuir os seus níveis de ansiedade e de stress. A troca de experiências entre estes casais pode levar a uma melhor compreensão dos problemas dos seus educandos.

A criança para se educar necessita de um meio favorável, para isso é necessário reconhecer-lhe as necessidades, pois só pela satisfação dessas necessidades é que a criança pode desenvolver-se e realizar-se. Só desta forma é que ela se educa. A criança necessita de espaço e de oportunidades de realização, para isso necessita de segurança, cujos pilares afetivos são: o amor, compreensão e liberdade. Ela vai buscar estes pilares ao seu seio familiar, pois é neste meio que a criança tem mais possibilidades de encontrar um ambiente adequado ao seu desenvolvimento e à sua aprendizagem. Pelo contrário, se a família não criar condições de estabilidade acaba por transportar para a criança angústias e inibições, que podem afetar todo o desenvolvimento do seu ser.

Os pais não devem esquecer que, apesar das dificuldades dos seus filhos, eles podem ser muito inteligentes e ter muitos talentos, aos quais se deve dar oportunidade de se expressarem.

Embora possam existir sentimentos de frustração e de insucesso, os pais e a criança devem ser persistentes e devem continuar a lutar pelo sucesso. Deste modo, o principal é não desistir e ser-se persistente porque tudo pode ser ultrapassado e apesar da dificuldade que isso representa, o mais importante é que exista um ambiente de calma, confiança, segurança e apoio incondicional.

4.3 Atitude dos professores

Além da família, a escola é um dos principais agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade, além da família. A escola contribui para o bom desenvolvimento social adequado de uma criança, através do relacionamento e da participação em atividades de grupo. Desta forma, está a contribuir para que a criança se sinta um ser social. Neste sentido Ferrari afirma:

“Concebendo-se que o processo de educar as novas gerações não é tarefa somente da escola ou da família, mas de ambos e de toda a sociedade, sendo necessário criar oportunidades de comunicação e colaboração entre sociedade – família - escola, de forma a

oferecer às crianças e jovens condições de aprendizagem” (Ferrari, 1999).

O professor do 1º Ciclo, enquanto responsável pelo ensino da leitura e da escrita, é ele, geralmente, a primeira pessoa a confrontar-se com as dificuldades observadas em crianças com dislexia. Por este motivo, o seu papel é crucial na deteção destas dificuldades, no encaminhamento para os serviços competentes e na posterior intervenção pedagógica a realizar junto do seu aluno com dislexia. Desta forma, para detetarem a dislexia, os professores necessitam de ser observadores atentos e de ter a noção como os seus alunos lêem, escrevem e a forma como evoluem ou não. Se o professor suspeitar que a criança é disléxica deve realizar testes de leitura e escrita informais. Se após a conclusão dos testes o aluno ainda apresentar as dificuldades, o professor deve encaminhá-lo para uma avaliação.

Neste sentido, o professor tem um papel muito importante na deteção das dificuldades do seu aluno, pois está em contacto diário com ele e encadeia todas as suas aprendizagens. Deste modo, o professor tem que estar atento às dificuldades manifestadas pela criança para a poder ajudar a ultrapassar as dificuldades.

Esta tarefa não é exclusiva do professor, cabe também aos pais e profissionais de saúde uma intervenção junto da criança. Um trabalho em conjunto entre todas as partes envolvidas no processo ensino/aprendizagem é extremamente benéfico para o aluno.

Um diagnóstico precoce da dislexia é uma mais-valia para a criança, uma vez que o educador pode desde o início perceber qual é realmente a perturbação manifestada pela criança e, assim atuar desde o começo do seu processo de ensino-aprendizagem. Uma vez diagnosticada a dislexia, o processo de ensino-aprendizagem deve ser alterado de acordo com as necessidades do aluno, no sentido de o ajudar a ultrapassar as dificuldades expressas, desta forma, tornar-se uma pessoa activa e feliz no seu dia-a-dia.

Para isso, o professor terá de adaptar o currículo ao seu aluno, para que este possa aprender em conjunto com o resto da turma. Por este motivo, é fundamental que o professor crie estratégias inovadoras de ensino capazes de motivar o aluno para que este possa alcançar com sucesso as suas aprendizagens.

As crianças com dislexia apresentam, geralmente, desmotivação e incomodo na realização das tarefas, gerados na maioria das vezes por sentimentos de incapacidade o que leva à frustração pelo fracasso sucessivo, para ultrapassar estes sentimentos, o professor deve criar estratégias inovadoras em que o aluno obtenha o sucesso e deste modo aumenta a sua confiança.

Estas crianças revelam bastantes dificuldades na área da leitura de enunciados. Contudo, na área da matemática, podem fazer os cálculos quando o problema é lido em voz alto. Estes alunos podem ser excelentes nesta área, pois podem revelar dificuldades na leitura do problema, mas não na sua interpretação.

Segundo Cogan (2002), os professores devem saber que os alunos com dislexia podem ser bem sucedidos na escola, se usufruírem de diferentes formas de ensino, por este motivo os professores deve proceder a alterações no currículo, ou seja, devem lembrar-se que a criança é capaz de aprender, mas de uma forma diferente, promovendo uma visão positiva da leitura, dado que, neste domínio, a frustração sentida pela maior parte dos alunos com dislexia conduz a uma motivação muito reduzida para aprender a ler. Neste sentido devem reconhecer que uma criança com dislexia pode demorar mais tempo a aprender e por consequente demoram mais tempo na realização das tarefas, que necessitam de instruções mais claras, precisas e de um ritmo mais lento ou repetitivo, valorizando as capacidades da criança e procurar ensiná-la, apoiando-se nos seus pontos fortes. Os docentes devem encorajar activamente a criança, realçando as suas capacidades e talentos, reforçando as competências de leitura fundamentais, como o som, a letra e o reconhecimento de palavras. Desta forma, os professores devem proporcionar a realização de um trabalho construtivo e positivo com incentivos pelos seus sucessos.

Os professores devem tentar minimizar o efeito rotulador do diagnóstico da dislexia, o qual pode danificar a auto-estima da criança e diminuir as expectativas que esta tem em relação a si própria como as que o professor tem a respeito dela, daí que os docentes devem explicar às outras crianças o que é a dislexia, para que estes não descriminem os colegas com dislexia. Neste sentido, o ambiente escolar onde a criança está inserida é fundamental daí que a existência de ambiente educativo estruturado, previsível e ordenado, é importante, pois as crianças com dislexia reagem positivamente quando estão reunidas estas condições. Devem reconhecer que um ensino por objectivos voltado para as competências e utilizando uma metodologia multisensorial, uma vez que os alunos aprendem melhor através do uso simultâneo e integrado das diferentes modalidades sensoriais (os olhos, os ouvidos, etc.), devem reconhecer a frustração sentida pela criança; devem reconhecer possíveis problemas de comportamento ou auto-estima, pois se a criança não entender o que o professor está a dizer acaba por se distrair. Por estes motivos, os professores devem demonstrar simpatia, atenção e compreensão, construindo assim uma boa relação entre o professor e o aluno, que pode ser benéfica para a criança.

Para além da relação com o aluno, os professores também devem construir uma boa relação com os encarregados de educação. Os profissionais de educação sentem extrema dificuldade em orientar os pais, enquanto estes se recusam a admitir que o seu filho/a tem dislexia. Por estas razões, é importante que os educadores estejam igualmente sensibilizados para os problemas dos pais e os ajudem a estabelecer para os seus filhos objectivos académicos e sociais. Assim como os pais, os professores podem sentir a necessidade de proteger a criança de qualquer fracasso ou rejeição.

O professor deve tomar conta de todo o processo educacional da criança por quem é responsável, para deste modo, dirigir o seu campo de ação para determinadas actividades. Neste sentido, o professor necessita de observar cuidadosamente a criança e, em função dos resultados obtidos, deve elaborar o respectivo planeamento das actividades. Uma vez que, estas crianças, não conseguem acompanhar o currículo normal, o professor terá de fazer uma adaptação do currículo normal e prever a utilização de outros instrumentos e meios tendo em conta as dificuldades detectadas na criança, criando assim o currículo alternativo.

No decorrer deste processo cabe ao professor criar estratégias e métodos de ensino inovadores, fazer uma adaptação individualizada do ensino e diferenciação pedagógica. O professor deve proceder à alteração dos conteúdos de ensino, com vista a melhorar e enriquecer o currículo escolar, e por consequência melhorar o nível de realização do aluno. Cabe também ao professor promover a socialização e a expressão das crianças.

Tendo em conta todas estas atitudes pedagógicas, o professor pode criar um ambiente específico e recorrer a abordagens práticas que irão ao encontro das necessidades do aluno disléxico.

É fundamental que o professor detenha um conjunto de conhecimentos acerca do ensino – aprendizagem da dislexia, que lhe permita utilizar as estratégias mais adequadas para trabalhar junto destes alunos. Para isso, a formação dos professores neste domínio assume uma grande relevância. No entanto, actualmente, a formação dos professores é um pouco limitada.

Os recursos existentes nas escolas são poucos, dificultando assim actuação por parte do professor. Sendo a escola, o contexto institucional onde se desenrola a ação educativa, é também um vértice fundamental no âmbito das dificuldades de aprendizagem, nomeadamente a dislexia. A escola não está preparada para dar resposta face a esta dificuldade, no entanto, é de realçar a existência dos apoios educativos. Por este motivo, é fundamental que o professor e a escola estejam preparados para uma detecção efectiva destas dificuldades, para possibilitar

uma actuação eficaz, pois é a partir do domínio das competências da leitura e da escrita que se desenvolvem a maioria das aprendizagens posteriores. Segundo Castro e Gomes, “o sucesso ou insucesso académico é em larga medida dependente da proficiência da linguagem. Por sua vez o sucesso académico da criança pode ter consequências que se prolongam na sua vida futura.” (Castro e Gomes, 2000).

Geralmente, na escola o aluno usufrui de apoio psicológico, orientação psicopedagógica e por parte dos professores, para no mesmo sentido ajudar a combater e a reduzir as consequências. Esse apoio também pode ser reforçado pelos pais. O professor deve ser visto como um facilitador e um orientador. Este papel, consiste em manter um ambiente estimulante e de apoio, orientar a criança na aprendizagem da descoberta da auto-compreensão, bem como do significado subjacente a cada exercício. O professor, que prepara as crianças neste sentido, desenvolverá e oferecerá aos seus alunos estratégias opcionais que promovam o seu sucesso, em vez de os culpar por não serem bem sucedidos com a estratégia que seleccionou. Os professores devem desenvolver um ambiente centrado no aluno. A criança com dislexia tem mais sucesso neste tipo de ambiente, pois a estrutura deste ambiente permite que a criança participe de forma activa. O professor promove a iniciativa e a confiança dos seus alunos.

O professor deve tentar criar uma sala de aula que funcione como uma equipa, sendo cada um dos seus membros necessários e importantes. Uma sala em que a comunidade é mais forte do que o indivíduo isolado, sendo este, no entanto único e especial.

Os professores devem avaliar as qualidades e as competências individuais de cada criança, tendo consciência das suas necessidades.

Os professores enquanto orientadores devem encarar o processo de ensino como uma experiência contínua e estar conscientes do que as crianças estão a fazer, do que podem fazer e do que podem atingir se forem orientadas com sensibilidade.

O professor deve estabelecer objectivos, pois é muito importante, uma vez que, ensina o aluno com dislexia a ser responsável e mantém o professor informado dos seus progressos. Ao estabelecer os objectivos, a criança deve dizer como pretende atingir cada um deles. Podem-se estabelecer novos objectivos todos os períodos. Os objectivos a estabelecer podem ser pessoais ou académicos. Este sistema de objectivos visa orientar os alunos, no sentido destes desenvolverem a consciência do seu próprio processo de aprendizagem. Desta forma, os alunos tornam-se mais activos na sua aprendizagem, assumindo mais responsabilidade na mesma.

O professor tem um papel variado e complexo mas por outro lado muito motivador. Pretende-se que o professor seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e eficaz.

O seu papel não é exclusivamente ensinar (transmitir conhecimentos, inculcar métodos, instrumentos de trabalho), mas também educar e inculcar-lhes alguns valores fundamentais como, por exemplo, a compreensão, o respeito pelo outro, a ajuda, a responsabilidade, desenvolver o espírito crítico, a reflexão, a criatividade e a curiosidade em termos de aprendizagem. O ensino proporcionado pelo professor deve ser motivador, um ensino que permita a construção da aprendizagem dos alunos e que transforme o saber em saber fazer.

A maior parte dos professores recorrem à avaliação para avaliar os conhecimentos adquiridos pelos seus alunos. Estas avaliações, normalmente, são realizadas no meio e final de cada período. Em crianças com dislexia este não será a melhor metodologia, pois são testes longos, que requerem muito tempo para a sua finalização, com muita informação e são controlados pelo tempo. Estas crianças demoram bastante tempo na realização deste tipo de testes e no final acabam por sentirem-se frustradas por não o terem concluído. Por este motivo, é importante que o professor não acumule os conteúdos trabalhados para proceder à avaliação. Para melhor verificar os conhecimentos dos alunos, podem aplicar as avaliações aos poucos, de acordo com a progressão dos estudos, dando mais oportunidades aos alunos pois, no caso dos disléxicos, é preferível mais avaliações com menos conteúdo em cada uma delas. Isto porque nas avaliações finais os alunos disléxicos requerem bastante tempo para a sua compreensão, restando pouco tempo para a sua conclusão.

Na atualidade, a maioria das escolas oferece aos alunos com N.E.E um apoio individualizado e muitos alunos têm acesso a um professor do Ensino Especial. Tanto este com o professor titular de turma devem evitar:

- Que o aluno leia em voz alta;
- Destacar as dificuldades do aluno, o que leva à sua diferenciação em relação à turma e à sua inibição;
- Corrigir o aluno diante dos colegas;
- Mostrar impaciência perante as dificuldades expressas pela criança;
- Ignorar, em certos momentos, as dificuldades das crianças;
- Forçar o aluno a realizar os trabalhos, quando anteriormente não o conseguiu fazer;
- Corrigir os trabalhos a caneta vermelha.

O professor tem de preocupar-se principalmente com os seus alunos e com uma gestão equilibrada da sala de aula e menos com o cumprimento do programa. No entanto, isto não se verifica na realidade, pois no final de cada ano letivo o professor tem de ter cumprido o programa para o respetivo ano que leccionou. Este aspecto dificulta o trabalho diário do professor, devido à multiplicidade de alunos e tem de atender às dificuldades existentes na turma. Cada vez mais as turmas são maiores e o professor tem de ter em consideração as dificuldades individuais de cada dos seus alunos. De modo a criar as condições necessárias para que a aprendizagem se concretize, é fundamental um bom relacionamento entre o professor e o aluno, no qual deverá haver diálogo e interatividade. Para que isto ocorra, o professor também tem de ser simpático e sensível às dificuldades dos seus alunos.

O professor para suscitar o interesse, a participação dos alunos, para facilitar a sua aprendizagem e alargar o campo dos seus conhecimentos deve, igualmente, procurar estratégias de trabalho inovadoras, actividades diversificadas e materiais apelativos para as suas aulas. Contudo, apesar dos seus esforços nem sempre é possível alcançar os seus objectivos, nem responder às expectativas de todos os alunos, o que transmite um certo sentimento de frustração, devido à constante evolução do sistema de ensino. De modo a ultrapassar esta situação deve atualizar-se e aperfeiçoar os seus conhecimentos, bem como debruçar-se sobre o seu desempenho pedagógico, modificando ou corrigindo a sua atuação, conforme a sua necessidade.

O seu papel é de grande responsabilidade e o processo educativo exige uma profunda reflexão e uma grande disponibilidade, para poder apoiar os alunos, em particular os alunos com necessidades educativas especiais. O professor precisa de conhecer os seus alunos para ter em conta as histórias de vida de cada um e, desta maneira, estar mais próximo deles e criar aulas enriquecedoras. É urgente regressar ao trabalho, ao esforço, construindo projectos estimulantes, enriquecedores, adequados às experiências de vidas e que permitam uma aprendizagem significativa dos alunos. Para isso, o professor necessita de estar em constante atualização acerca dos conhecimentos.

O aluno com dificuldade não deve ser necessariamente considerado um fracassado, ele deve ser conduzido a vencer barreiras através de estratégias eficazes.

É um grande desafio, tanto para o professor como para a escola fazer com que a Inclusão ocorra, sem perdermos de vista que além das oportunidades é preciso garantir o avanço na aprendizagem, bem como, desenvolvimento integral do indivíduo com N.E.E.

Segundo Fonseca (1998), muitas vezes os alunos tem capacidade para aprender a matéria, mas simplesmente não são capazes por um desconforto que acompanham suas tentativas, uma impossibilidade temporária para a aquisição dos conceitos estudados.

De modo a obter resultados mais exequíveis é necessário a realização de um trabalho conjunto entre todos os intervenientes no processo de aprendizagem, pais, psicólogos e escola, que deverão ter como único objectivo ajudar a criança. A aprendizagem não pode ser exclusivamente atribuída à escola, este processo deve ser partilhado com os pais.

A escola e o professor não podem actuar isoladamente, devem dividir responsabilidades com a família do aluno. A relação construída com os pais favorece o contacto, a troca e uma educação/aprendizagem significativa. Esta articulação entre a escola e a vivência dos alunos é realmente necessária.

PARTE II

ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA

5.1. Metodologia

A realização deste projecto foi desenvolvida com base uma metodologia de investigação.

Um Projecto de Investigação é um documento elaborado no início da investigação, para apresentar o que se pretende fazer e para orientar no desenvolvimento de todo o projecto.

Em todo o processo educativo, independentemente, das suas etapas, está o conceito de investigação.

A investigação visa em geral resolver um problema social, identificando um problema de investigação e construindo hipóteses de investigação que tratará de confirmar ou infirmar através dos estudos. Deste modo a investigação pode clarificar o problema de partida ou então explicar uma hipótese de trabalho. A investigação deve ser um processo rigoroso, independentemente da problemática. O objectivo da investigação deve ser claramente indicado, pois através dele é expresso a severidade da mesma. A severidade da investigação também deve ter em conta o grau de complexidade da situação em estudo.

O investigador quando realiza um processo de investigação deve ter sempre uma atitude ativa com vista à aquisição do conhecimento.

Um projecto de investigação deve contemplar várias etapas, entre elas:

- Construção da problemática;
- Formulação das hipóteses;
- Definição dos objectivos;
- Definição da grelha de análise Teórico-Metodológica;
- Definição do corpus documental;
- Estabelecimento do modo como o material empírico vai ser produzido e tratado;
- Trabalho de campo;
- Sistematização da informação;
- Apresentação e análise dos dados;

Em geral, estas etapas, problema social, problema de investigação e hipóteses de investigação, têm de ser realizadas logo no início da investigação. No entanto devem possuir conhecimento prévio da situação a estudar, quer empírica quer teoricamente.

Perante estas etapas é, inicialmente, fundamental saber qual o tema do projecto que será desenvolvido, para assim compreender o que se vai investigar e construir um esboço, que deste modo oriente o investigador.

Esta investigação tem como tema principal refletir sobre a atitude dos pais e dos professores perante crianças com dislexia, para assim analisarmos se a sua atitude influencia o desenvolvimento das crianças com dislexia. Deste modo, para compreendermos a atitude dos pais e dos professores perante crianças disléxicas, foi fundamental a procura de informações de cariz pessoal.

Para a recolha de informação, de forma a obter a(s) resposta(s) e compreensão da temática em estudo, tornou-se imprescindível a realização de dois inquéritos: um para os pais(anexo I) e outro para os professores (anexo II). O objectivo primordial com a realização deste inquérito foi descobrir se a atitude dos pais e dos professores influencia o desenvolvimento de crianças com dislexia. Em seguida, com a análise dos resultados obtidos através do inquérito, procuraremos responder à problemática em estudo. Antes da aplicação definitiva dos questionários realizámos um pré-teste a 15 pais e professores para verificar se o inquérito continha algum tipo de anomalia que poderia ser alterada após sugestão dos inquiridos.

A metodologia, desenvolvida ao longo deste projecto, possibilita a utilização de instrumentos estruturados para uma melhor análise da informação objectiva.

A utilização da metodologia quantitativa permite anunciar os resultados do estudo através de procedimentos estatísticos.

Contudo, temos consciência que os resultados do estudo, não podem ser generalizados, pois o estudo inseriu-se apenas numa amostra da população, caso contrário estaríamos perante a realização de um senso. No entanto, esperamos contribuir para uma melhor compreensão da problemática em estudo.

Como já foi dito anteriormente, na utilização de citações bem como referências bibliográficas seguiram-se as normas APA⁹.

⁹ Para informações mais detalhadas consultar o manual APA versão 2001 (American Psychiatric Association (2001). Manual de estilo de publicaciones de la A.P.A. (2ªed.) Editoriasl El Manual Moderno. Mexico)

5.2. - Formulação do problema

Qualquer trabalho de investigação visa, inicialmente, a formulação de um problema. Este deve ser sob a forma de uma pergunta. Para Fortim,

“Formular um problema de investigação é definir o fenómeno em estudo através de uma progressão lógica de elementos, de relações, de argumentos e factos. O problema apresenta o domínio, explica a sua importância, condensa os dados factuais e as teorias existentes nesse domínio e justifica a escolha do estudo (Fortim, 1996).

A pergunta de partida ou questão de investigação é a primeira etapa aquando da elaboração de um trabalho de investigação. Daí que, os investigadores consideram que esta fase da formulação do problema de investigação é a mais importante de todo o trabalho que será desenvolvido. Ela é o ponto de partida para a elaboração de um trabalho de investigação.

A elaboração da pergunta, tem como finalidade estudá-la e posteriormente analisá-la. Na pergunta, o investigador vai exprimir com o máximo de clareza o que procura saber e compreender, para isso é necessário que a pergunta esteja corretamente formulada, ou seja, não deve suscitar qualquer tipo de dúvida. Por este motivo, Eco enuncia quatro regras que o investigador deve ter em atenção aquando da elaboração do problema:

- 1) “Que o tema corresponda aos interesses do candidato (quer esteja relacionado com o tipo de exames feito, com as suas leituras, com o seu mundo político, cultural ou religioso);
- 2) Que as fontes a que recorre sejam acessíveis, o que quer dizer que estejam a alcance material do candidato;
- 3) Que as fontes a que recorre sejam manuseáveis, o que quer dizer que estejam ao alcance cultural do candidato;
- 4) Que o quadro metodológico da investigação esteja ao alcance da experiência do candidato.” (Eco, 2005).

Para Quivy, a pergunta deve ser expressa claramente, para isso, deve seguir um conjunto de qualidades: “qualidades de exequibilidade, qualidade de pertinência e qualidades de clareza”. (Quivy, 1992),

A qualidade de exequibilidade da pergunta implica que quando o investigador está a formular a pergunta, este deverá certificar-se que tanto os seus saberes como os seus recursos, lhes permitirá alcançar dados com vista a obter conclusões vigorosas.

A qualidade de pertinência tem em conta a demarcação da pergunta, ou seja, ao lermos a pergunta, tomamos conhecimento do tema em estudo.

A qualidade de clareza da pergunta implica que esta não levante qualquer tipo de incerteza, ou seja, deve ser precisa e inequívoca. Para isso, a pergunta de partida não deve ser longa nem confusa.

Para a realização deste projecto formulamos a pergunta de partida para o problema que se pretende estudar e depois analisar:

Pergunta de partida: A atitude dos pais e dos professores influencia o desenvolvimento da criança com dislexia?

5.3- Definição das Hipóteses

Após a formulação do problema, é inevitável a formulação das hipóteses, uma vez que, as hipóteses derivam forçosamente da problemática em questão.

Uma hipótese é uma aposta que o investigador faz sobre os resultados da pesquisa. Assim sendo, as nossas hipóteses guiaram-nos na busca e na procura compreensiva da temática eleita. As hipóteses são afirmação acerca das relações entre as variáveis em estudo. Consoante a fase da investigação, estas relações podem estar mais ou menos definidas. Um aspecto que é importante considerar é que a existência de hipóteses e o seu teste, é algo que é específico.

Deste modo, as hipóteses conduzem-nos na busca e na procura compreensiva da problemática em estudo.

Hipótese 1: A atitude dos professores influencia o desenvolvimento de crianças com dislexia.

Hipótese 2: A atitude dos pais influencia o desenvolvimento de crianças com dislexia.

5.4- Definição das variáveis

O conceito de variável é oriundo da matemática.

As variáveis podem apresentar duas especificidades: podem ser aspectos enxergáveis de um facto e devem manifestar modificações em relação ao mesmo ou a outros factos.

As variáveis podem ser qualificadas tendo em conta o carácter escalar dos factores em estudo e segundo a posição que ocupam na relação entre as variáveis.

As variáveis de um projecto de investigação são classificadas em variáveis dependentes e variáveis independentes.

A variável independente influencia a variável dependente, no entanto, não necessitam de estar relacionadas.

A variável dependente varia de acordo com a mudança da variável independente. Numa metodologia de investigação a variável independente é o precedente e a variável dependente é o procedente.

Segundo o acima referido, as variáveis que formulamos para a realização deste projecto são as seguintes:

- Variável Independente (hipótese 1): a atitude dos professores.
- Variável Dependente (hipótese 1): o desenvolvimento de crianças com dislexia.
- Variável Independente (hipótese 2): a atitude dos pais
- Variável Dependente (hipótese 2): o desenvolvimento de crianças com dislexia.

5.5. – Apresentação/caracterização da Amostra

Para a realização de um estudo, é indispensável uma determinada amostra ou população, pois segundo Quivy, a população é classificada como sendo “o conjunto de elementos constituintes de um todo”. (Quivy, 1992).

Segundo Fortim (1996), a população é uma compilação de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns determinadas por um conjunto de critérios. O elemento é a unidade base da amostra, junto da qual a informação é recolhida.

Neste estudo, a amostra foi recolhida em Portugal Continental. O estudo dirigiu-se a uma população de 60 Professores e 60 pais. Os professores que responderam a este questionário, na sua maioria, estão a leccionar no Agrupamento de Escolas de Marco de Canaveses, nos diferentes níveis de ensino. Outros colegas também responderam ao questionário via internet, graças à disponibilidade dos meus colegas em reencaminhar o questionário para outros colegas existentes no seu contacto. O Agrupamento de Escolas de Marco de Canaveses tem a sua sede na EB2/3 de Marco de Canaveses e é um Agrupamento com um elevado número de alunos.

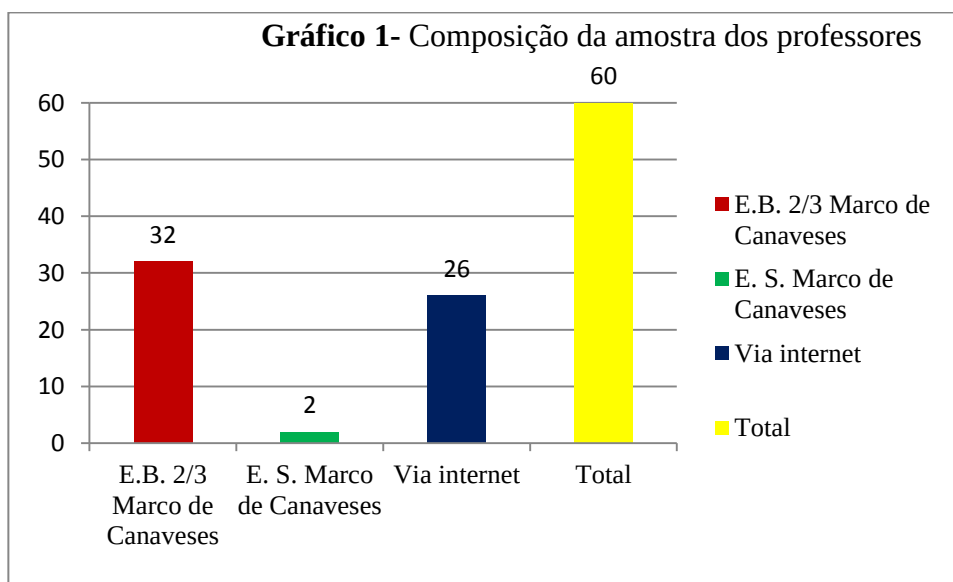


Gráfico 1 Composição da amostra dos professores

	Inquiridos	Percentagem (%)
E.B. 2/3 Marco de Canaveses	32	53
E. S. Marco de Canaveses	2	3
Via internet	26	43
Total	60	100

Tabela 1 Composição da amostra dos professores

Em relação aos pais, os inquiridos vivem no Distrito do Porto, nomeadamente nos concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel. Pretende-se que respondam ao inquérito pais com diferentes faixas etárias e diferentes graus académicos para assim constituir uma amostra mais alargada.

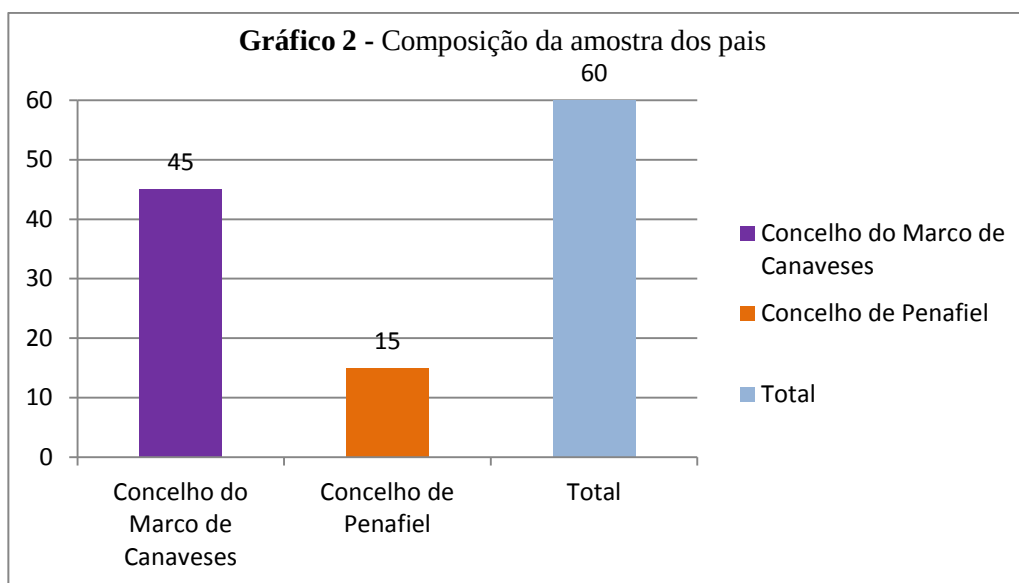


Gráfico 2 – Composição da amostra dos pais

	Inquiridos	Percentagem (%)
Concelho do Marco de Canaveses	45	75
Concelho de Penafiel	15	25
Total	60	100

Tabela 2 - Composição da amostra dos pais

Para proceder à sua validação foram aplicados 15 questionários, com a possibilidade de propostas para acrescentar ao mesmo algumas questões.

Validou-se o mesmo através dos 15 questionários respondidos. Todas as questões foram consideradas pelos intervenientes como pertinentes e plausíveis face à temática. É de referir que só um inquirido referiu na última questão que haveria de haver mais formação para os professores. Este questionário não serviu para o estudo. Assim, aplicaram-se à posteriori, 60 questionários cujos resultados se analisam no capítulo 6, no ponto 6.2

Apesar dos esforços para que um maior número de inquiridos respondam ao questionário, temos consciência que esta amostra não é representativa tanto por parte dos professores como dos pais.

5.6 Instrumentos de Análise

A metodologia de investigação tem por base dois métodos: os métodos quantitativos e os métodos qualitativos de investigação. Nestes últimos métodos, regista-se uma predominância de categorizações, de análises mais dissertativas, um maior recurso ao raciocínio indutivos e um menor recurso a cálculos e estatísticos. Entre os diversos tipos de métodos qualitativos utilizados nas várias disciplinas, encontra-se o estudo fenomenológico, ou seja, procurar descobrir a essência dos fenómenos, a sua natureza intrínseca e o sentido que os humanos lhe atribuem. A teoria fundamentada é, sobretudo, um método de investigação indutiva que tem por objectivo gerar uma teoria a partir dos dados recolhidos, mais do que analisar esses mesmos dados em função de uma teoria já existente.

Nos métodos quantitativos de investigação, verifica-se a predominância do recurso aos modelos matemáticos e estatísticos, onde as variáveis de estudo são perfeitamente definidas e dominam os cálculos matemáticos e estatísticos.

São vários os instrumentos que podem ser utilizados numa metodologia de investigação. Entre eles o questionário (resposta presencial ou on-line, a preencher pelo questionado ou entrevistador), guião de entrevista (estruturado ou semi-estruturado), checklist de ações ou procedimentos, gravações vídeo/áudio, monitorizações de reações físicas/fisiológicas.

O investigador deve seleccionar um instrumento que aborde o objecto de estudo e o tema em investigação. É fundamental que o investigador saiba manipular o instrumento que utiliza na sua investigação, para poder retirar as maiores vantagens possíveis da sua utilização. Neste sentido, o instrumento seleccionado deve estar adaptado ao objetivo e ao seu utilizador.

Para a recolha de informação, neste trabalho de investigação, recorreremos ao inquérito por questionário.

5.6.1. Definição de questionário

O questionário é, portanto, um conjunto estruturado de questões expressas num papel, destinado a explorar a opinião das pessoas a que se dirige.

Um questionário é um instrumento de investigação que se utiliza com o intuito de recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da

população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões relacionadas com um tema de interesse para os investigadores, não havendo interacção directa entre estes e os inquiridos, por este motivo, os questionários podem ser auto-administrados, ou seja, dispensam da presença do entrevistador; podem ser entregues em mão, ou enviados por correio, podendo apresentar diferentes formatos – formulários impressos, escalas de Likert, questionários on-line.

Para Hoz, o questionário “é um instrumento para recolha de dados constituído por um conjunto mais ou menos amplo de perguntas e questões que se consideram relevantes de acordo com as características e dimensão do que se deseja observar.” (Hoz, 1985).

Para que os inquiridos não sintam qualquer tipo de pressão quando estão a preencher o inquérito por questionário é necessário que estes se realizem no contexto natural e sem manipulação, tornando-se assim um método autónomo e sem haver nenhum controlo de tempo. Os questionários têm por base um problema ou uma questão e inquirir uma amostra representativa da população, com o intuito de generalizar. Deste modo, o questionário analisa a incidência, a distribuição e as relações entre variáveis.

5.6.2. Construção e validação dos questionários

A Modalidade de Investigação usada no projecto, como já foi referido, foi o questionário. Optamos por este instrumento, devido à sua facilidade de aplicação, por ser um processo pouco dispendioso, embora a sua análise seja um pouco demorada devido à quantidade de questões apresentadas.

Aquando da construção do questionário, tivemos em consideração o tema de estudo, para que este fosse apresentado de uma forma clara e simplista, bem como a sua disposição gráfica. Desta forma, tivemos o cuidado de não utilizar, por exemplo, tabelas, quadros ou algum tipo de gráfico, que os investigados não estivessem familiarizados com esse tipo de informação, bem como as habilitações dos inquiridos a quem ele foi administrado.

A construção de um questionário deve obedecer a três princípios fundamentais: o Princípio da Clareza, em que as questões devem ser claras, concisas e unívocas, o Princípio da Coerência, devem corresponder à intenção da própria pergunta e o Princípio da Neutralidade, em que não devem induzir uma dada resposta, mas sim permitir que o inquirido se liberte do referencial de juízos de valor ou do preconceito do próprio autor. De acordo com estes princípios tivemos cuidado, no momento da sua concepção, para que as questões não fossem

ambíguas, para deste modo não apresentar mais que um significado e levar a diferentes interpretações, não incluímos duas questões numa só, para não induzir respostas, dificultando o tratamento da informação, pois é difícil determinar qual das questões é respondida, também tentamos que o conjunto de questões estivesse muito bem organizado e fosse apresentado de uma forma lógica para que os inquiridos não apresentassem dúvidas no momento do seu preenchimento. No que se refere à sua apresentação esta foi clara.

O investigador deve ter em conta ao número de folhas que tem o seu inquérito, pois se este apresentar muitas folhas pode, eventualmente, provocar algum tipo de reacção negativa por parte do inquirido. Neste sentido construímos um questionário que não apresentasse muitas folhas para não suscitar a desmotivação do investigado.

Antes da aplicação, é fundamental realizar uma revisão gráfica pormenorizada, de modo a evitar erros ortográficos, gramaticais ou de sintaxe, que podem provocar erros ou induções nas respostas dos inquiridos, diminuindo deste modo a credibilidade do questionário por parte destes. Para detectar estas anomalias é fundamental realizar um pré-teste. E de extrema importância, pois através dele podemos analisar as respostas que suscitam mais dúvidas e que possam não estar muito claras, dificultando a interpretação do inquirido. Por este motivo, realizamos um pré-teste a 15 pais e professores para podermos detectar alguma anomalia do inquérito. Após a análise destes questionários constatamos que não houve sugestões para o seu melhoramento, apenas 1 professor referiu que haveria de haver mais formação nesta área para os professores. Depois desta análise que serviu de validação ao mesmo, o questionário foi aplicado a 60 profissionais da educação e 60 pais.

Os investigados sobre os quais é aplicado o inquérito não devem ter qualquer relação de proximidade com o investigador, uma vez que, deve haver uma interacção indirecta entre o investigador e os investigados.

Apesar destas questões relativas à sua construção, o seu grande problema prende-se com a sua validação, uma vez que a sua medição é indirecta e esta pode não corresponder à realidade, pois a sua representatividade é também afetada, pela dificuldade em recolher os inquéritos, já que nem sempre são devolvidos. Outro problema quanto à sua validação está relacionado com o facto do inquirido poder desconhecer o tema, pretender ocultar informações e poder não interpretar as perguntas de forma adequada, ou seja, muitas das vezes, a exigência de um nível cultural ou experiência para compreensão das questões, que acaba por influenciar o desempenho dos sujeitos inquiridos.

5.6.3. Utilidade e importância dos questionários

O recurso ao questionário é extremamente útil, quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema. Deste modo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo, permite ao investigador saber quais os conhecimentos que investigados possuem acerca do tema em estudo.

A importância dos questionários passa também pela facilidade com que se interroga um elevado número de pessoas, num reduzido espaço de tempo.

Estes podem ser de natureza social, económica, familiar, profissional, relativos às suas opiniões, à atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, etc. Tudo depende da pergunta de partida que o investigador elaborou e com o qual pretende obter informação. Desta forma o questionário utilizado nesta investigação é de natureza pessoal e profissional. Pois permite aos investigados responderem às questões de forma livre e individual, manifestando assim a sua opinião acerca do tema em estudo, e também coloca questões de carácter profissional nomeadamente nas acções pedagógicas dos professores.

5.6.4 Tipos de questões

Um investigador quando pretende produzir um questionário pode optar por dois tipos de questões: as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. Ambas apresentam vantagens e desvantagens na sua utilização. As questões de resposta aberta permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo-lhe maior liberdade de expressão; maior concentração na questão e permitem ao investigador obter diversas respostas. Contudo este tipo de resposta requer mais tempo para responder, pode apresentar uma caligrafia ilegível, respostas equívocas e contraditórias, podendo ser de difícil apuramento, devido à multiplicidade de respostas possíveis o que dificulta a organização e categorização das respostas. As questões de resposta fechada são aquelas nas quais o inquirido apenas selecciona a opção (de entre as apresentadas), que mais se relaciona com a sua opinião, permitindo a rapidez e facilidade de resposta e análise, maior uniformidade nas respostas que facilita a sua posterior análise. Em contrapartida não permite a originalidade e a

variedade de resposta, pois o inquirido pode optar por uma resposta que se aproxima mais da sua opinião não sendo esta uma representação fiel da realidade; é um trabalho menos moroso.

Também é usual aparecerem questões dos dois tipos no mesmo questionário, sendo este considerado misto

5.6.5 Tipos de questionários

A aplicação de um questionário permite recolher informação acerca dos conhecimentos, das atitudes, dos valores e dos comportamentos de uma determinada amostra com o intuito de generalizar. Deste modo, é importante ter em consideração o que se quer e como se vai avaliar. Para isso, é crucial a existência de rigor na selecção do tipo de questionário a aplicar, de forma a aumentar a credibilidade do mesmo.

Existem três tipos de questionários: questionário aberto, fechado e misto. O questionário do tipo aberto apresenta, tal como o nome indica, questões de resposta aberta. A sua principal vantagem é o facto de permitir ao inquirido uma maior liberdade de resposta, tornando-se esta livre e pessoal. No entanto, a sua aplicação pode dar origem a respostas equívocas, contraditórias ou ilegíveis e, em consequência da multiplicidade de respostas possíveis torna-se difícil a categorização das respostas, o que dificulta a sua interpretação, devido ao variado número de respostas obtidas. O questionário do tipo fechado é constituído por questões de resposta fechada. Este questionário é elaborado sem qualquer maleabilidade, seguindo um plano rígido, no qual a ordem das questões e os seus termos se mantêm invariantes. Permite obter respostas que possibilitam a comparação com outros instrumentos de recolha de dados. A análise da informação destes questionários é mais fácil e é menos moroso. Por outro lado a aplicação deste tipo de questionários pode não ser vantajoso, na medida em que facilita a resposta para um sujeito que não saberia ou que poderia ter dificuldade em responder a uma determinada questão. Os questionários fechados são bastante objectivos e requerem por parte dos investigados um menor esforço. Por último, os questionários de tipo misto, que tal como o nome indica são questionários constituídos por questões de diferentes tipos: resposta aberta e resposta fechada com vista à redução dos seus inconvenientes.

O questionário utilizado neste trabalho de investigação foi um questionário do tipo misto, pois continha questões abertas e fechadas. Este tipo de inquérito, para além das

questões de resposta fornecida, também dá a possibilidade ao inquirido de construir a sua própria resposta, de forma livre, através das respostas abertas. Por este motivo, a preferência para a sua utilização.

5.6.6 Vantagens e desvantagens de um inquérito por questionário

Tal como outro tipo de instrumento de recolha de informação, o questionário apresenta vantagens e desvantagens relativamente à sua aplicação.

A aplicação de um inquérito por questionário possibilita uma maior sistematização dos resultados fornecidos, permitindo uma maior comodidade na sua análise. No que concerne à sua recolha e análise, este tipo de instrumento não é necessário despende demasiado tempo. O custo também é reduzido.

Apesar da sua aplicação ser vantajosa, esta também apresenta desvantagens ao nível da dificuldade de concepção, pois é necessário ter em conta vários parâmetros tais como: a quem se vai aplicar, o tipo de questões a incluir, o tipo de respostas que se pretende obter e o tema abordado. Os questionários fornecem respostas escritas a questões previamente fornecidas. As respostas dependeram da clareza das perguntas, natureza das pesquisas e das habilitações literárias dos inquiridos. Relativamente à natureza da pesquisa verifica-se que se aquela não for útil para o indivíduo, este acabará por não responder à pergunta e assim aumentará o número de respostas em branco.

Para recolher as opiniões dos professores e dos pais recorreremos à técnica do inquérito por questionário, frequentemente utilizado em estudos desta natureza. O inquérito por questionário requer um tratamento quantitativo dos resultados, sem no entanto descurar aspectos qualitativos.

Deste modo o inquérito visa a interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com objectivos de generalizar. O inquérito é um instrumento rigorosamente standardizado, tanto no texto das questões como na sua ordem. No sentido de garantir a comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, é absolutamente indispensável que cada questão seja colocada a cada pessoa da mesma forma, sem adaptações nem explicações suplementares. A aplicação de um questionário tem como objectivo obter informações que possam ser analisadas, extrair modelos de análise para poder fazer comparações.

Os inquéritos por questionário podem apresentar várias vantagens e alguns inconvenientes. Quanto às vantagens, é uma técnica relativamente fácil de administrar, podendo ser empregada a um grande número de pessoas num curto período de tempo. Por outro lado, facilita a comparabilidade de respostas. Estes dois factores foram decisivos no momento da decisão de qual instrumento utilizar, daí se ter optado pelo inquérito por questionário.

Este instrumento, permite verificar hipóteses sob a forma de relações entre duas ou mais variáveis, sobretudo averiguar se a natureza ou a frequência de um comportamento varia com a idade e se as opiniões e os comportamentos são coerentes quanto ao seu objectivo. Deste modo o inquérito por questionário pode levantar algumas dificuldades, por ser necessária uma análise estatística.

Portanto, é necessário ter consciência de que os resultados deste estudo não podem ser generalizáveis, na medida em que apenas representa uma probabilidade.

O instrumento a utilizar neste projecto é o inquérito por questionário. Quando chega ao momento da elaboração do questionário, este requer o planeamento, a consulta e a definição exacta da informação a obter com a sua utilização. Este momento serve para descobrir se o inquérito elaborado é adequado tendo em conta os objectivos definidos e os resultados que se obterão através da sua aplicação. No momento da sua concepção é necessário ter em conta vários factores, como o tipo de questões formuladas (para não suscitar dúvidas), a própria apresentação do inquérito, a distribuição e o retorno do mesmo.

Neste projecto irão ser realizados dois inquéritos a populações diferentes: aos pais e a professores, de forma a conhecer as suas concepção/percepção e atitudes/apoio perante crianças com dislexia.

Este inquérito está dividido em duas partes. A primeira parte diz respeito aos dados pessoais e profissionais dos inquiridos, enquanto a segunda parte diz respeito à opinião dos pais e professores acerca das atitudes e concepções sobre a dislexia.

Este inquérito é constituído não só por perguntas fechadas, mas também por perguntas abertas, para permitir aos inquiridos a possibilidade de se exprimirem.

CAPÍTULO 6

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 Apresentação dos Resultados

6.1.1. - Apresentação dos gráficos dos inquéritos aos professores

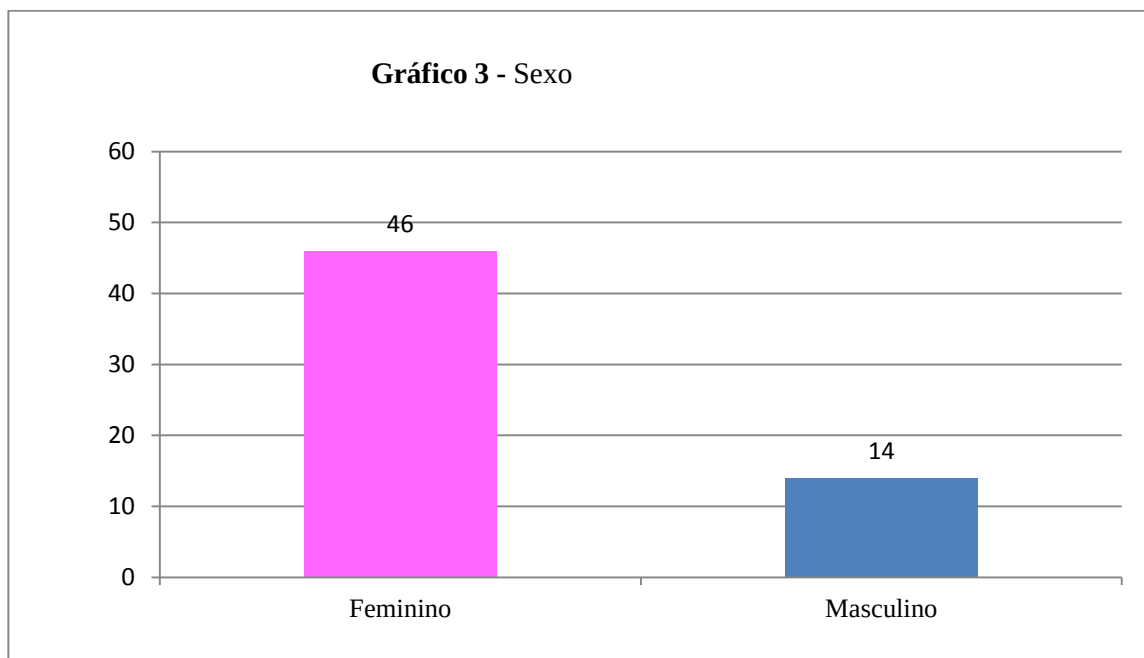
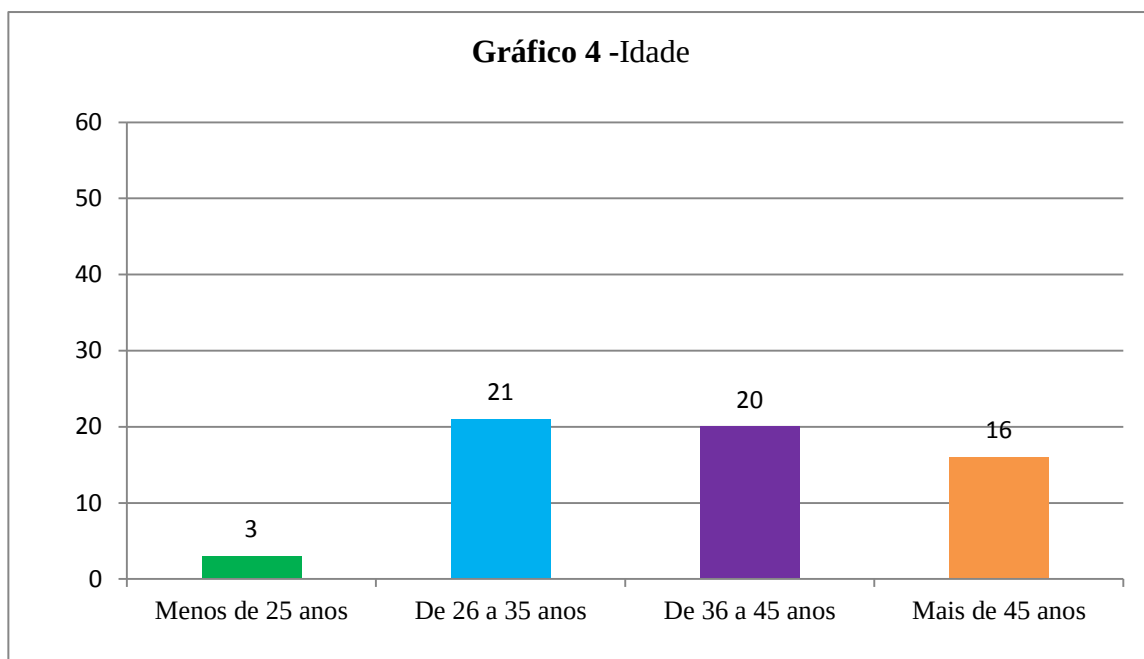


Gráfico 3 - Sexo

Questão: Sexo?	Inquiridos	Percentagem (%)
Feminino	46	77
Masculino	14	23
Total	60	100

Tabela 3- Sexo

Através da análise do gráfico podemos verificar que cerca de 46 dos inquiridos são do sexo feminino e apenas 14 do sexo masculino.

**Gráfico 4– Idade**

Questão: Idade?	Inquiridos	Percentagem(%)
Menos de 25 anos	3	5
De 26 a 35 anos	21	35
De 36 a 45 anos	20	33
Mais de 45 anos	16	27
Total	60	100

Tabela 4- Idade

Constatamos que a faixa etária dos professores inquiridos é bastante diversificada. Podemos verificar, pela análise do gráfico, que cerca de 3 dos professores têm menos de 25 anos e 21 têm entre os 26 e 35 anos.

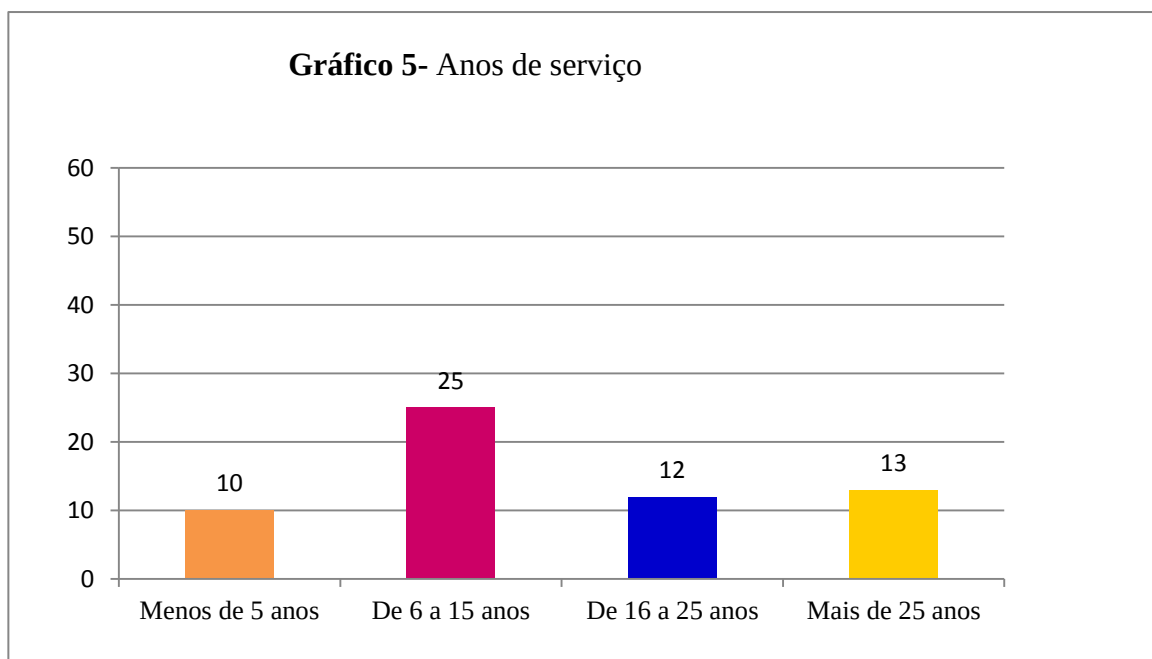


Gráfico 5-Anos de serviço

Questão: Anos de serviço?	Inquiridos	Percentagem (%)
Menos de 25 anos	10	17
De 26 a 35 anos	25	42
De 36 a 45 anos	12	20
Mais de 45 anos	13	22
Total	60	100

Tabela 5- Anos serviço

Podemos verificar que a composição da amostra segundo os anos de serviço é muito variada. Cerca de 10 dos professores inquiridos têm menos de 5 anos de serviço e 25 têm entre os 16 a 35 anos de serviço.

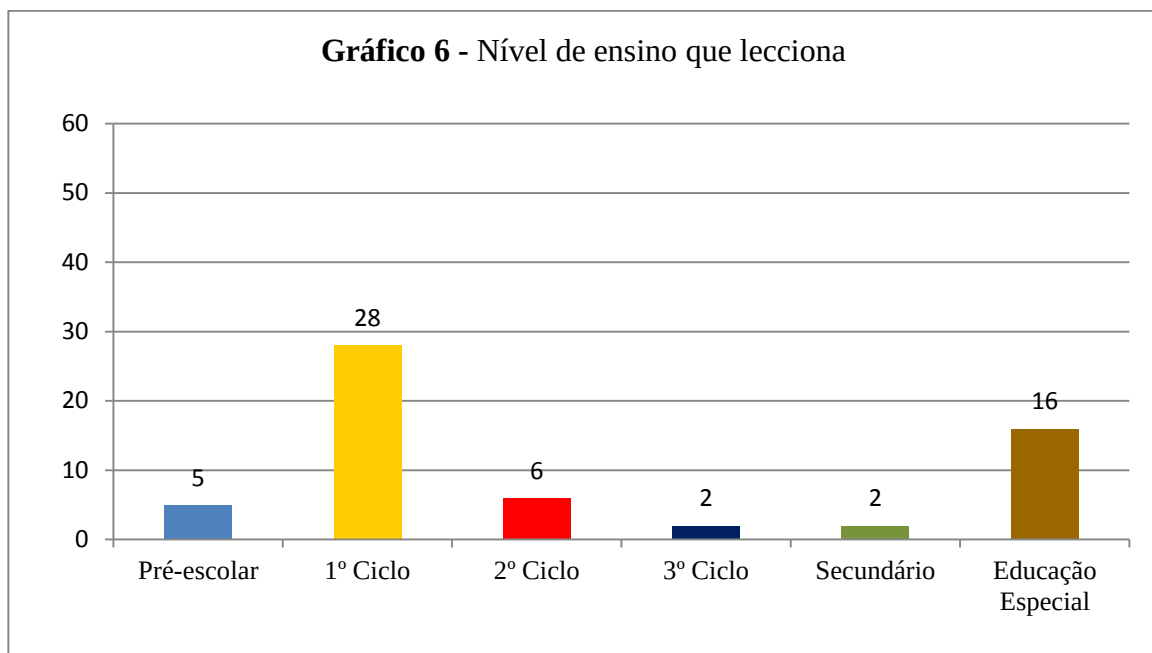


Gráfico 6 - Nível de ensino que lecciona

Questão: Nível de ensino que lecciona?	Inquiridos	Percentagem(%)
Pré-escolar	5	8
1º Ciclo	28	47
2º Ciclo	6	10
3º Ciclo	2	3
Secundário	2	3
Educação Especial	17	28
Total	60	100

Tabela 6- Nível de ensino que lecciona.

Constatamos que, dos professores inquiridos, 28 leccionam no 1º Ciclo e 17 na Educação Especial, os docentes menos inquiridos, 2, leccionam no 3º ciclo e no Secundário.

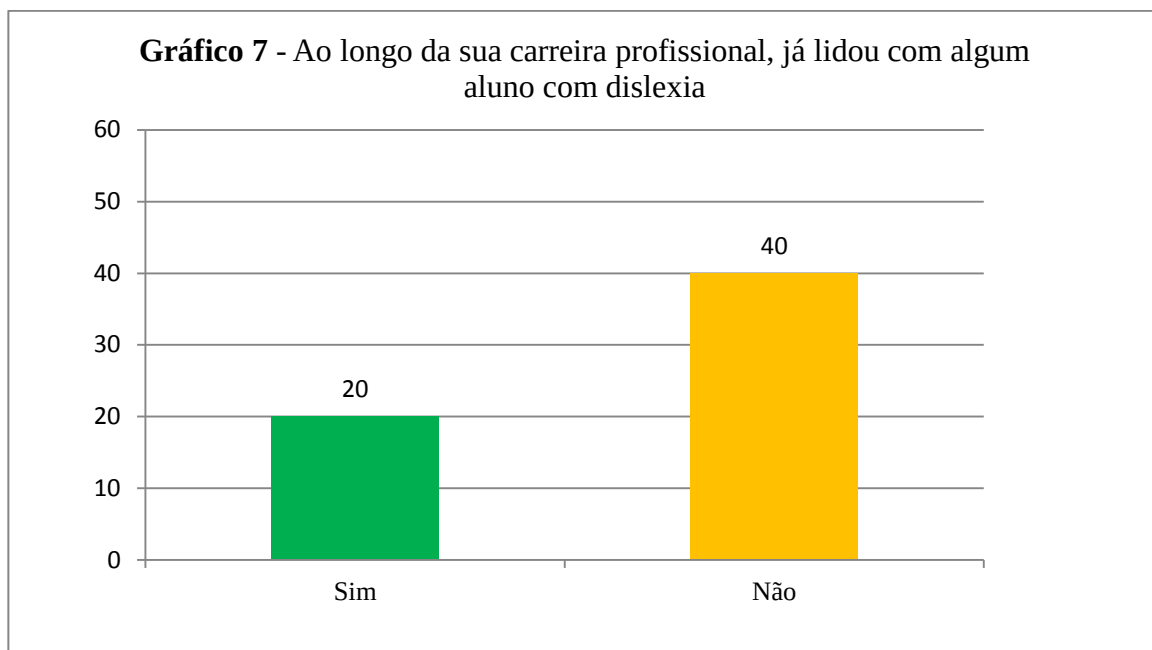


Gráfico 7 – Ao longo da sua carreira profissional, já lidou com algum aluno com dislexia

Questão: Ao longo da sua carreira profissional, já lidou com algum aluno com dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Sim	20	33
Não	40	67
Total	60	100

Tabela 7 - Ao longo da sua carreira profissional, já lidou com algum aluno com dislexia.

Podemos analisar que 40 dos professores investigados nunca trabalharam com crianças com dislexia, enquanto 20 professores afirmam já terem lidado com crianças com dislexia.

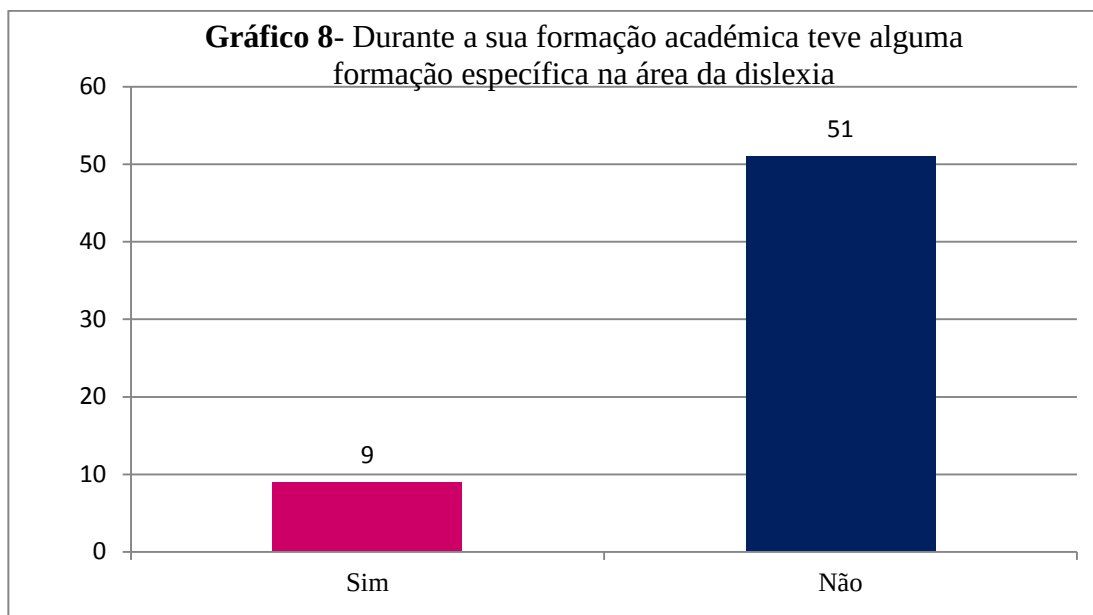


Gráfico 8 - Durante a sua formação académica, teve alguma formação específica na área da dislexia.

Questão: Durante a sua formação académica, teve alguma formação específica na área da dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Sim	9	15
Não	51	85
Total	60	100

Tabela 8- Durante a sua formação académica, teve alguma formação específica na área da dislexia.

Através da análise do gráfico podemos verificar que 51 dos respondentes durante a sua formação académica não tiveram formação na área da dislexia. Apenas 9 dos inquiridos tiveram formação sobre a dislexia.

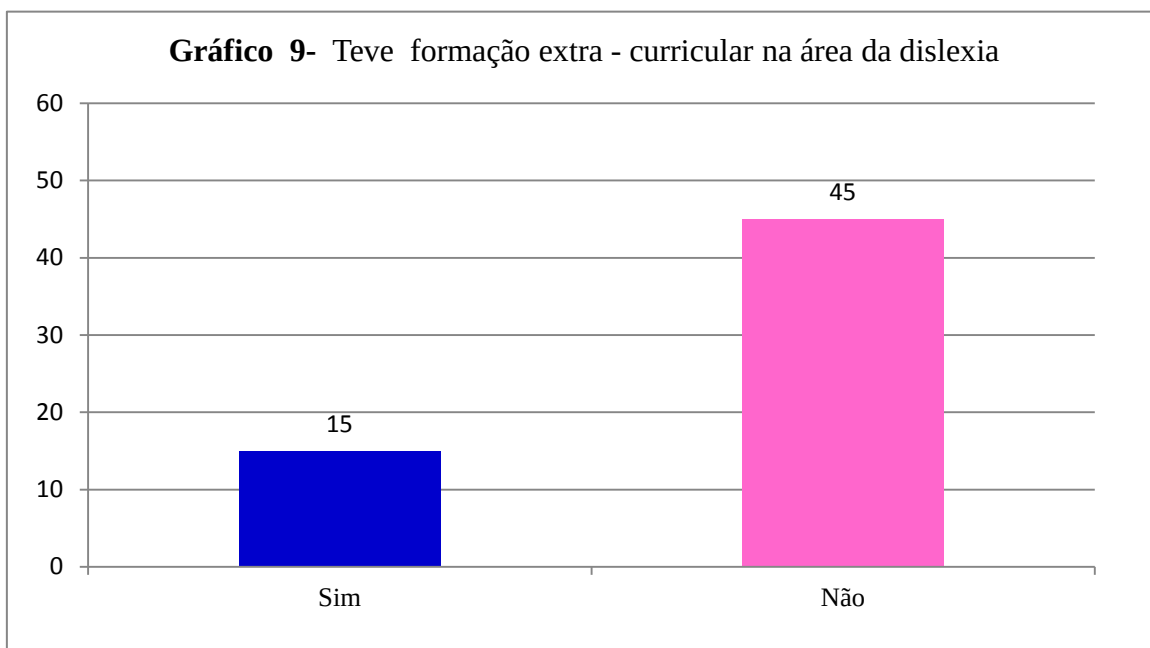


Gráfico 9—Teve formação extra-curricular na área da dislexia

Questão: Teve formação extra-curricular na área da dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Sim	15	25
Não	45	75
Total	60	100

Tabela 9 -Teve formação extra-curricular na área da dislexia.

Em relação à formação extra-curricular verificamos que 45 dos inquiridos não realizaram formação na área da dislexia, enquanto que apenas 15 dos mesmos referem realizar formação no âmbito da dislexia.

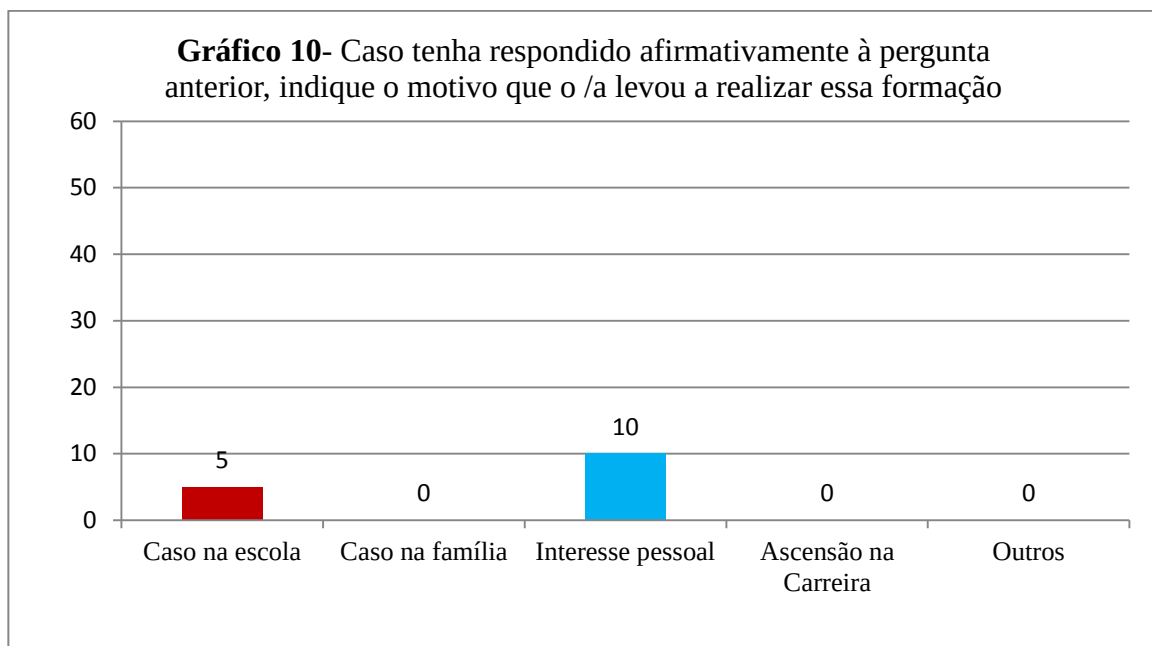


Gráfico 10 - Caso tenha respondido afirmativamente à pergunta anterior, indique o motivo que o/a levou a efectuar essa formação?

Questão: Caso tenha respondido afirmativamente à pergunta anterior, indique o motivo que o/a levou a efectuar essa formação?	Inquiridos	Percentagem (%)
Caso na escola	5	33
Caso na família	0	0
Interesse pessoal	10	67
Ascensão na Carreira	0	0
Outros	0	0
Total	15	100

Tabela 10 - Caso tenha respondido afirmativamente à pergunta anterior, indique o motivo que o/a levou a efectuar essa formação.

Pela análise do gráfico, verificamos que dos 15 professores que realizaram formação extra-curricular na dislexia, 10 fizeram-no por interesse pessoal e 5 por terem um caso na escola, nunca por casos na família ou ascensão na carreira.

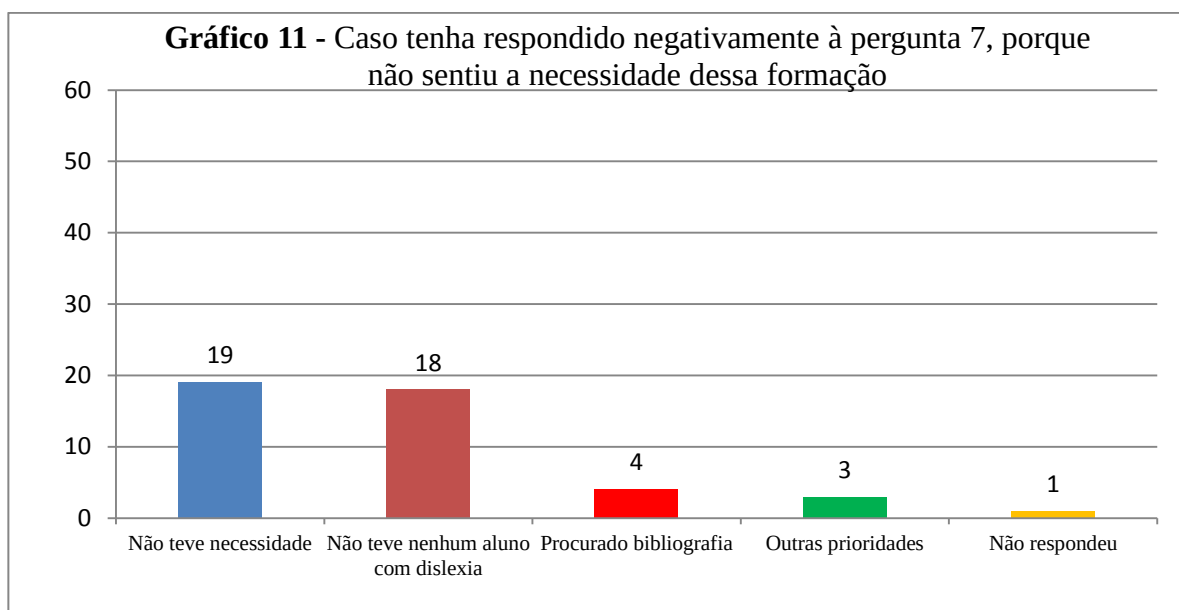


Gráfico 11 – Caso tenha respondido negativamente à pergunta 7, por que não sentiu a necessidade dessa formação

Questão: Caso tenha respondido negativamente à pergunta 7, por que não sentiu a necessidade dessa formação?	Inquiridos	Percentagem (%)
Não teve necessidade	19	42
Não teve nenhum aluno com dislexia	18	40
Procurando Bibliografia	4	9
Outras prioridades	3	7
Não responderam	1	2
Total	45	100

Tabela 11 - Caso tenha respondido negativamente à pergunta 7, por que não sentiu a necessidade dessa formação.

A maior parte dos professores que nunca realizaram formação extra curricular, nunca o fizeram porque não tiveram contacto com crianças com dislexia ao longo da sua carreira docente e porque não sentiram necessidade de fazê-lo.

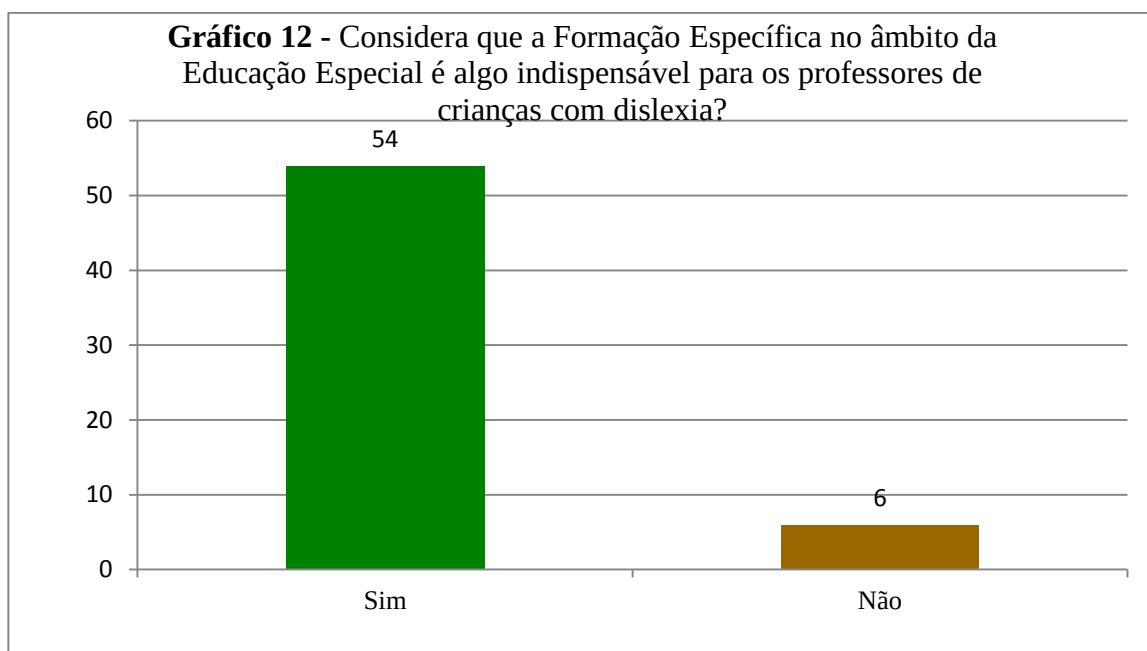


Gráfico 12 – Considera que a Formação Específica no âmbito da Educação Especial é algo indispensável como Professor(a) de crianças com dislexia?

Questão: Considera que a Formação Específica no âmbito da Educação Especial é algo indispensável como Professor(a) de crianças com dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Sim	54	90
Não	6	10
Total	60	100

Tabela 12 -Considera que a Formação Específica no âmbito da Educação Especial é algo indispensável como Professor(a) de crianças com dislexia

Podemos verificar que 54dos inquiridos, consideram indispensável a Formação Específica na Educação Especial para os professores. No entanto existem 6 professores que não consideram importante a Formação Específica na Educação Especial para os professores.

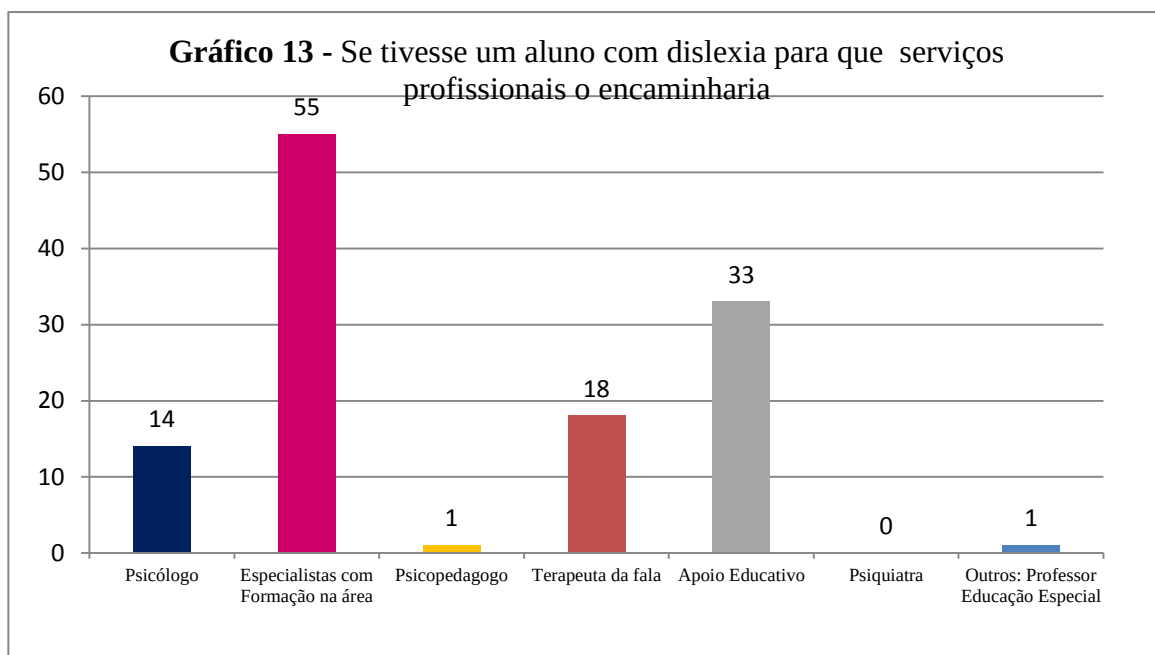


Gráfico 13 – Se tivesse um aluno com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia?

Questão: Se tivesse um aluno com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Psicólogo	14	23
Especialistas com Formação na área	55	92
Psicopedagogo	1	2
Terapeuta da fala	18	30
Apoio Educativo	33	55
Psiquiatra	0	0
Outros	1	2
Total	60	100

Tabela 13- Se tivesse um aluno com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia?

Através da análise do gráfico podemos concluir que cerca de 55 dos docentes encaminhariam os seus alunos para especialistas com formação na área. Enquanto que, nenhum dos professores encaminhavam os alunos para o psiquiatra.

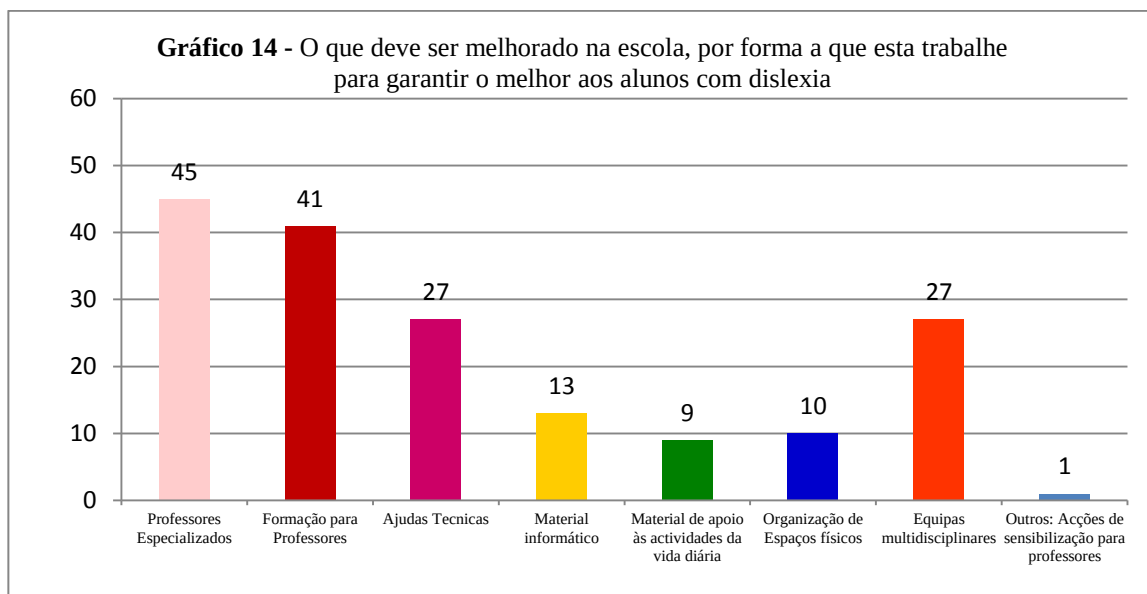


Gráfico 14– Indique o que na sua opinião deve ser melhorado na escola, por forma a que esta trabalhe sempre no sentido de garantir o melhor aos seus alunos com dislexia.

Questão: Indique o que na sua opinião deve ser melhorado na escola por forma a que, esta trabalhe sempre no sentido de garantir o melhor aos alunos com dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Professores Especializados	45	75
Formação para Professores	41	68
Ajudas Técnicas	27	45
Material informático	13	22
Material de apoio às actividades da vida diária	9	15
Organização de Espaços físicos	10	17
Equipas multidisciplinares	27	45
Outros	1	2
Total	60	100

Tabela 14Indique o que na sua opinião deve ser melhorado na escola, por forma a que esta trabalhe sempre no sentido de garantir o melhor aos seus alunos com dislexia.

Após a análise do gráfico, verificamos que 45 dos inquiridos referem que a escola devia possuir professores especializados, 41 consideram importante a formação para os professores e cerca de 9 dos inquiridos não consideram importante que a escola possua material de apoio às actividades da vida diária.

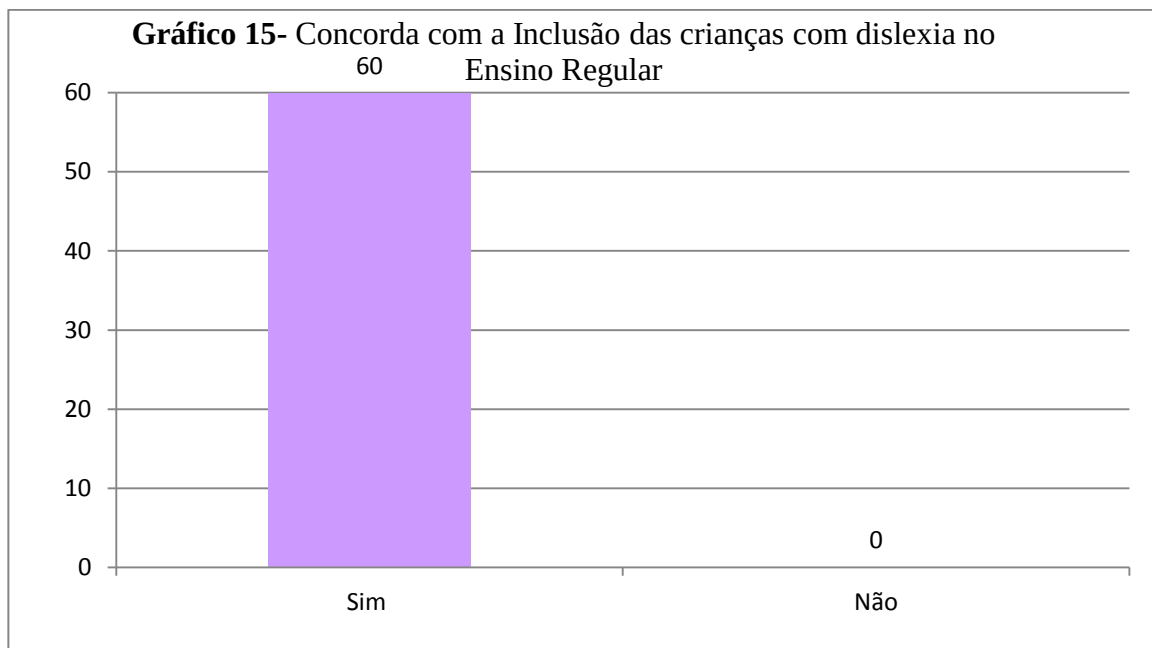


Gráfico 15- Concorda com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular

Questão: Concorda com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular?	Inquiridos	Percentagem (%)
Sim	60	100
Não	0	0
Total	60	100

Tabela 15 – Concorda com a inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular

Quanto à questão da inclusão das crianças com dislexia no ensino regular, os professores inquiridos são unânimes ao concordarem com a inclusão destas crianças no ensino regular.

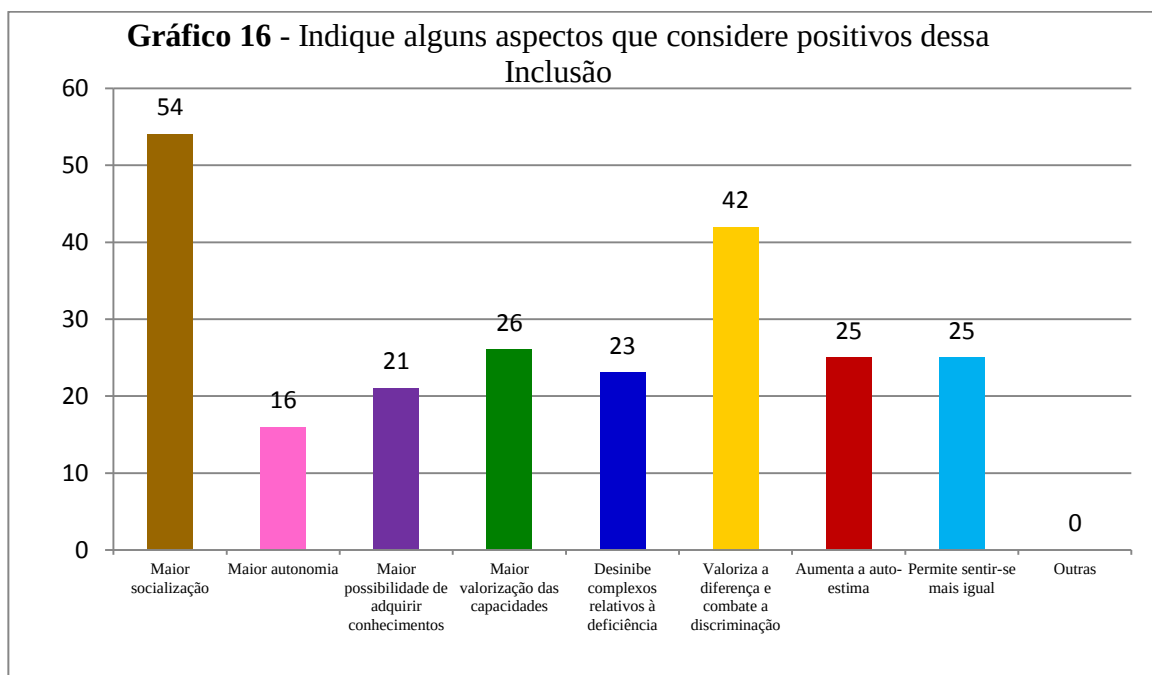


Gráfico 16–Identifique alguns aspectos que considere positivos dessa Inclusão?

Questão: Identifique alguns aspectos que considere positivos dessa Inclusão?	Inquiridos	Percentagem (%)
Maior socialização	54	90
Maior autonomia	16	27
Maior possibilidade de adquirir conhecimentos	21	35
Maior valorização das capacidades	26	43
Desinibe complexos relativos à deficiência	23	38
Valoriza a diferença e combate a discriminação	42	70
Aumenta a auto-estima	25	42
Permite sentir-se mais igual	25	42
Outras	0	0
Total	60	100

Tabela 16 – Identifique alguns aspectos que considere positivos dessa Inclusão.

A inclusão das crianças com dislexia é importante para elas, por esse motivo são considerados vários aspectos positivos dessa inclusão. Quase todos os inquiridos, 54, referem que a inclusão permite uma maior socialização destas crianças, 42 docentes mencionam que a inclusão valoriza a diferença e combate a discriminação e apenas 21 consideram que a inclusão leva a uma maior possibilidade de adquirir conhecimentos.

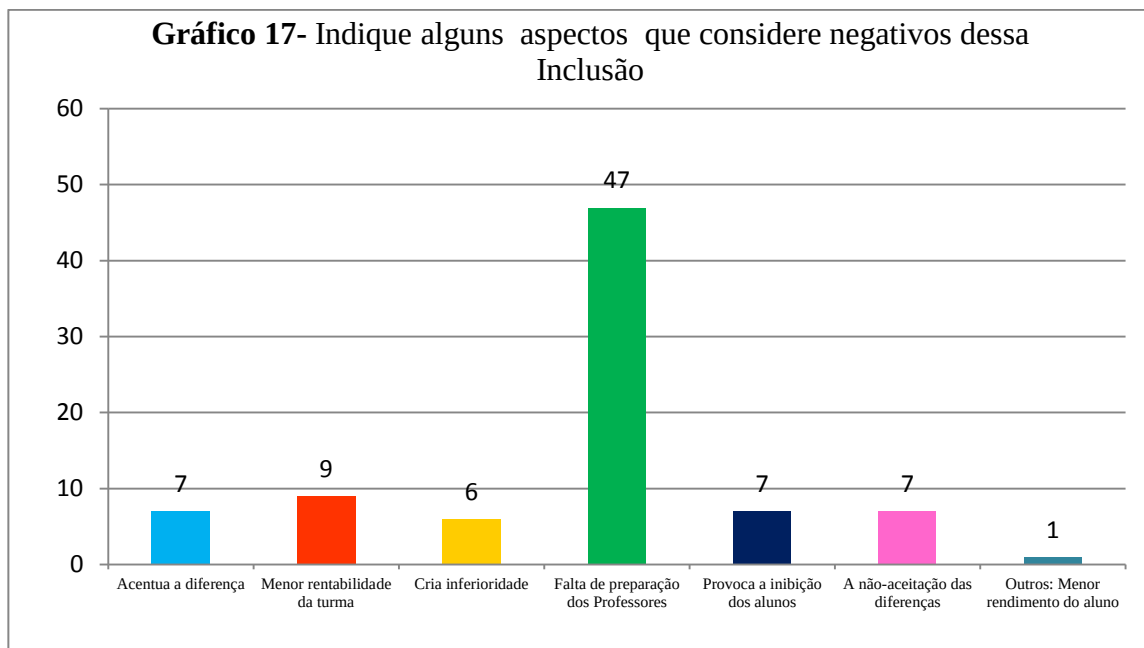


Gráfico 17 – Identifique alguns aspectos que considere negativos dessa Inclusão?

Questão: Identifique alguns aspectos que considere positivos dessa Inclusão?	Inquiridos	Percentagem (%)
Acentua a diferença	7	12
Menor rentabilidade da turma	9	15
Cria inferioridade	6	10
Falta de preparação dos Professores	47	78
Provoca a inibição dos alunos	7	12
A não-aceitação das diferenças	7	12
Outros: Menor rendimento do aluno	1	2
Total	60	100

Tabela 17- Identifique alguns aspectos que considere negativos dessa Inclusão?

Apesar dos aspectos positivos apontados anteriormente, como em tudo também existem aspectos negativos. Um dos aspectos negativos mais apontados pelos docentes, acerca da inclusão prende-se com a falta de preparação por parte dos professores (47) e apenas 1 referiu que a inclusão pode levar a um menor rendimento do aluno.

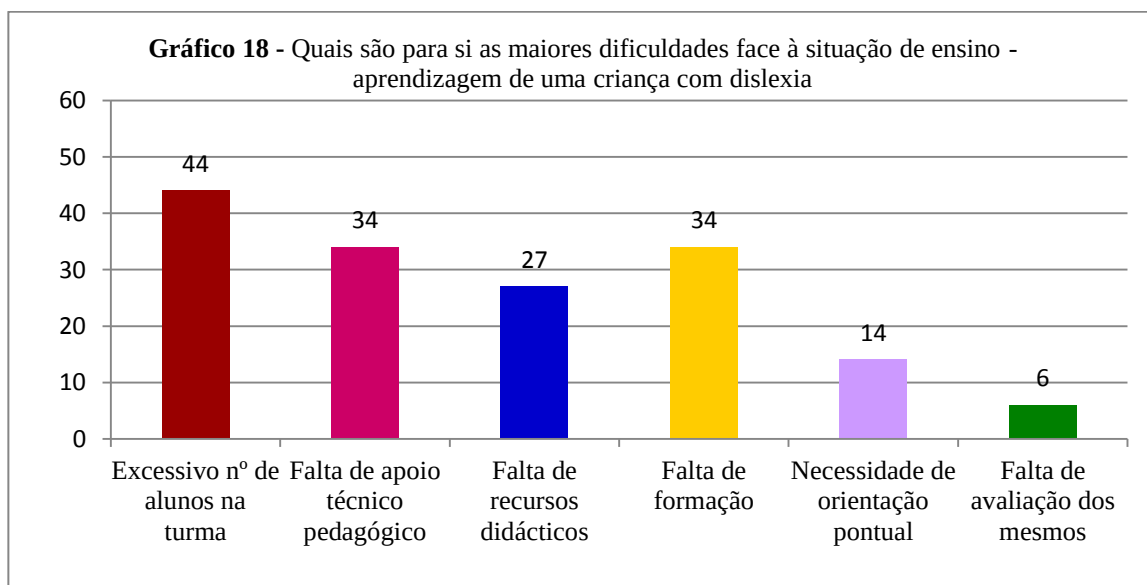


Gráfico 18—Quais são para si as maiores dificuldades face à situação de ensino-aprendizagem de uma criança com dislexia

Questão: Quais são para si as maiores dificuldades face à situação de ensino-aprendizagem de uma criança com dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Excessivo nº de alunos na turma	44	73
Falta de apoio técnico pedagógico	34	57
Falta de recursos didáticos	27	45
Falta de formação	34	57
Necessidade de orientação pontual	14	23
Falta de avaliação dos mesmos	6	10
Total	60	100

Tabela 18- Quais são para si as maiores dificuldades face à situação de ensino-aprendizagem de uma criança com dislexia.

Pela análise do gráfico, verificamos que 44 dos docentes referem que o número excessivo de alunos na turma dificulta o acompanhamento e logo a sua aprendizagem, só 6 dos professores referem que a avaliação dos mesmos pode tornar-se uma dificuldade para estes alunos.

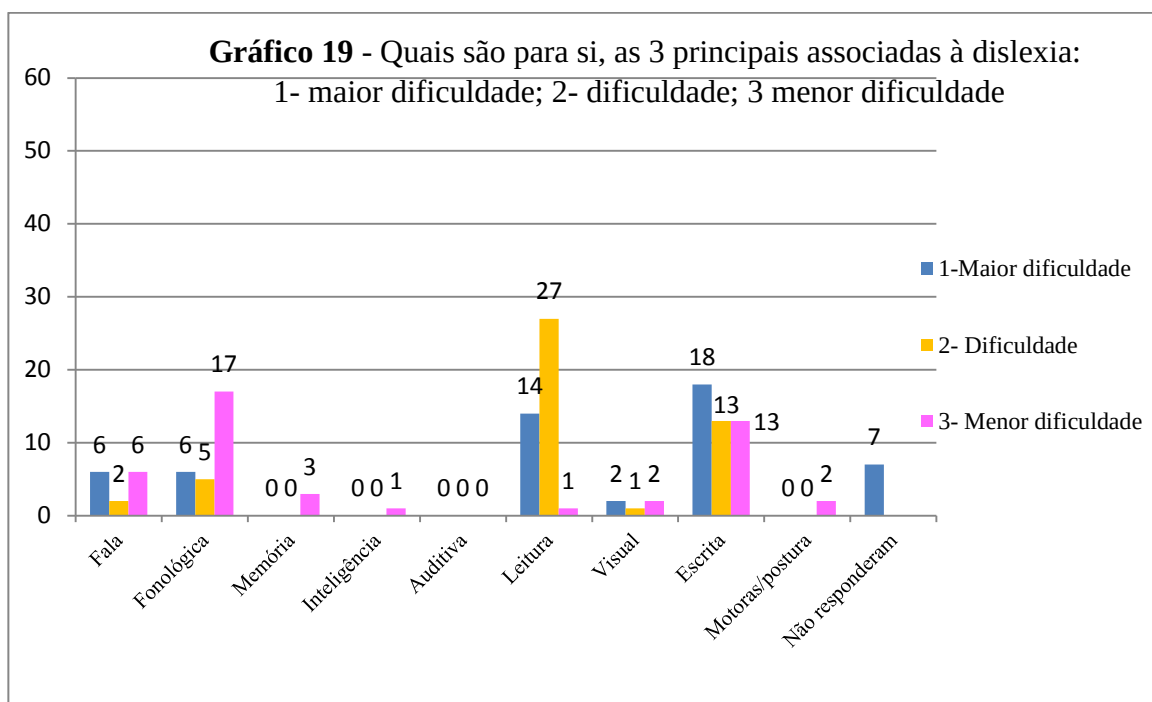


Gráfico 19 – Quais são, para si, as 3 principais dificuldades associadas à dislexia?
(1-maior dificuldade; 2-dificuldade; 3-menor dificuldades)

Questão: Quais são, para si, as 3 principais dificuldades associadas à dislexia? (1-maior dificuldade; 2-dificuldade; 3-menor dificuldades)?	1- Maior dificuldade	2- Dificuldade	3- Menor dificuldade	Inquiridos	Percentagem (%)
Fala	6	2	6	14	23
Fonológica	6	5	17	26	43
Memória	0	0	3	3	5
Inteligência	0	0	1	1	2
Auditiva	0	0	0	0	0
Leitura	14	27	1	42	70
Visual	2	1	2	5	8
Escrita	18	13	13	44	73
Motoras/postura	0	0	2	2	3
Não responderam	7			7	12
Total	60			60	100

Tabela19 - Quais são, para si, as 3 principais dificuldades associadas à dislexia? (1-maior dificuldade; 2-dificuldade; 3-menor dificuldades)

Perante a análise deste gráfico podemos concluir que os inquiridos consideram a crianças com dislexia manifestam diversas dificuldades. É de referir que os inquiridos

consideram que a escrita é a maior dificuldade das crianças disléxicas e em segundo lugar a leitura, estes também consideram que estas crianças não revelam qualquer dificuldade ao nível auditivo.

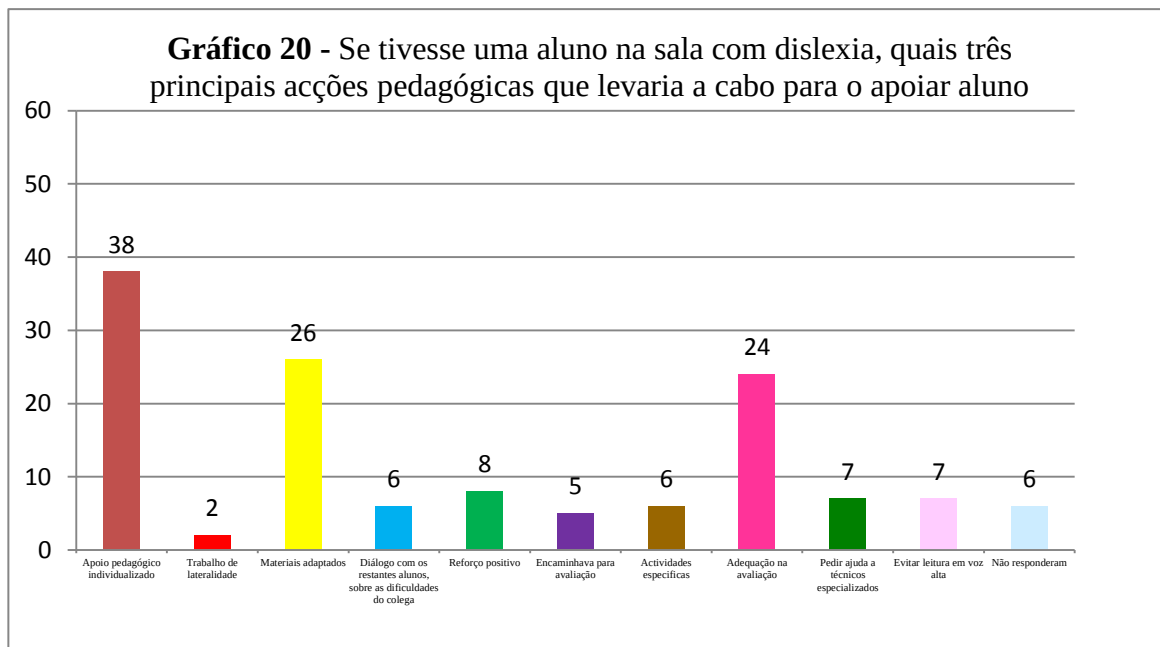


Gráfico 20 – Se tivesse um aluno na sua sala, com dislexia, quais as três principais acções pedagógicas que levaria a cabo para o apoiar.

Questão: Se tivesse um aluno na sua sala, com dislexia, quais as três principais acções pedagógicas que levaria a cabo para o apoiar?	Inquiridos	Percentagem (%)
Apoio pedagógico individualizado	38	63
Trabalho de lateralidade	2	3
Materiais adaptados	26	43
Diálogo com os restantes alunos, sobre as dificuldades do colega	6	10
Reforço positivo	8	13
Encaminhava para avaliação	5	8
Actividades específicas	6	10
Adequação na avaliação	24	40
Pedir ajuda a técnicos especializados	7	12
Evitar leitura em voz alta	7	12
Não responderam	6	10
Total	60	100

Tabela 20 - Se tivesse um aluno na sua sala, com dislexia, quais as três principais acções pedagógicas que levaria a cabo para o apoiar.

Através da análise do gráfico podemos verificar que os docentes investigados apresentaram um conjunto de acções que levariam a cabo se tivessem na sua sala de aula alunos com dislexia. Cerca de 38 dos professores optavam pelo apoio pedagógico individualizado, 26 consideram importante a utilização de materiais adaptados, 24 referem que as adequações na avaliação. Pelo contrário, só 2 docentes referiram o trabalho de lateralidade.

6.1.2 – Apresentação dos gráficos dos inquéritos dos pais

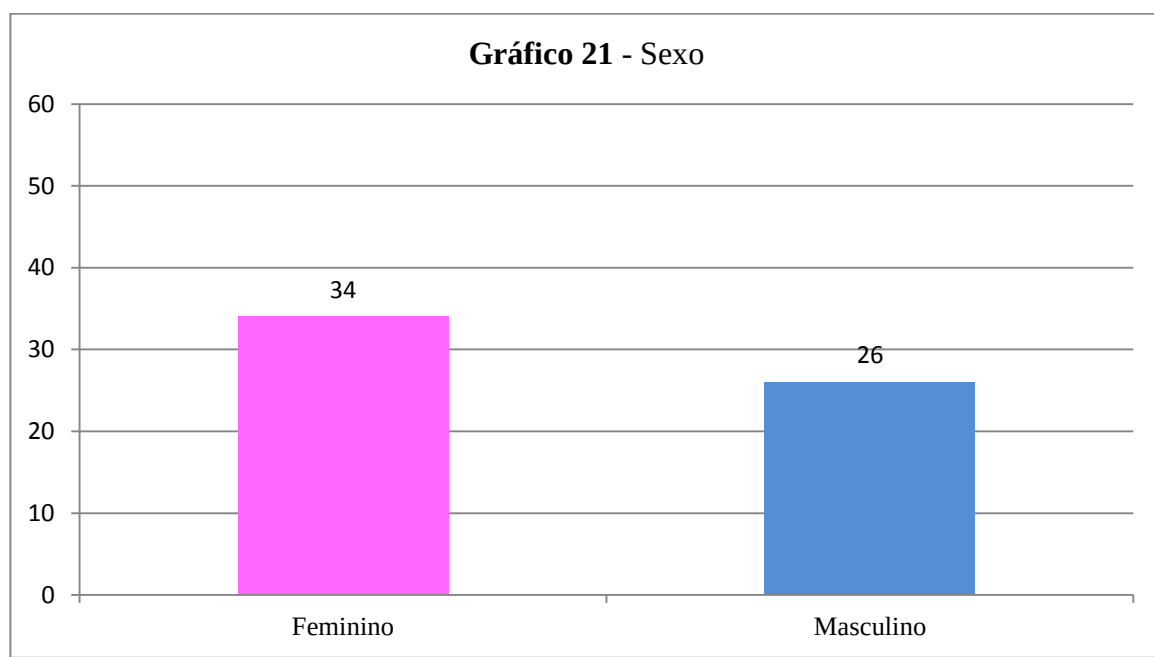


Gráfico 21 – Sexo

Questão: Sexo?	Inquiridos	Percentagem (%)
Feminino	34	57
Masculino	26	43
Total	60	1

Tabela 21 - Sexo

Pela análise do gráfico e da tabela podemos constatar que responderam ao inquérito mais inquiridos do sexo feminino. Apenas 26 dos inquiridos correspondem ao sexo masculino.

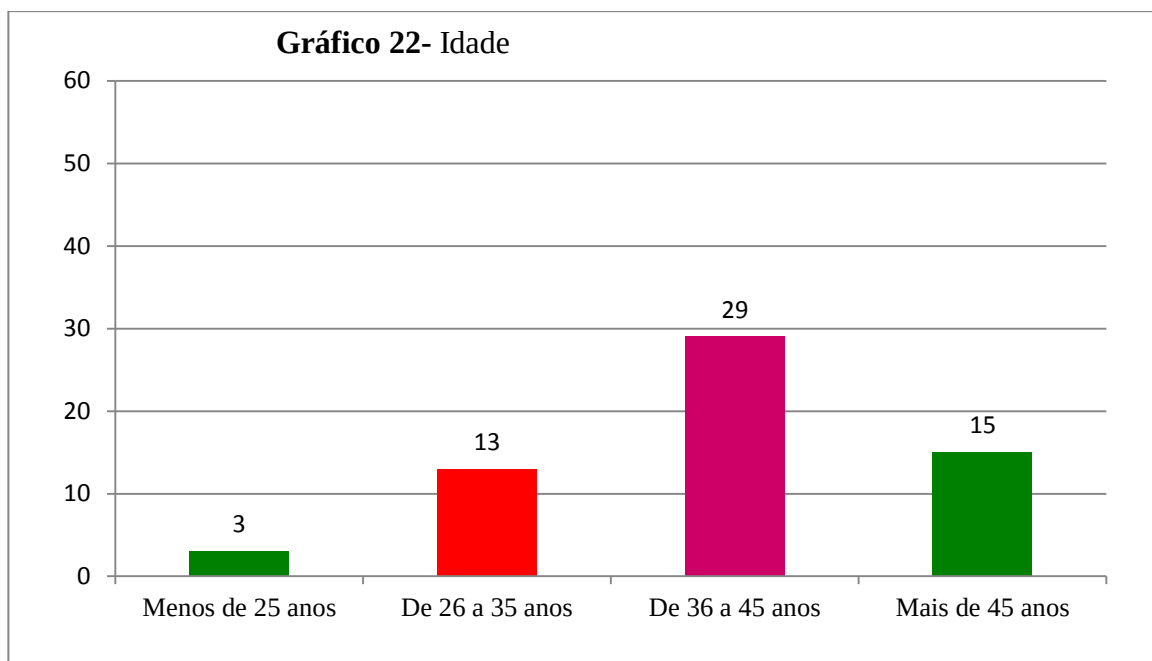


Gráfico 22-Idade

Questão: Idade?	Inquiridos	Percentagem (%)
Menos de 25 anos	3	5
De 26 a 35 anos	13	22
De 36 a 45 anos	29	48
Mais de 45 anos	15	25
Total	60	100

Tabela 22- Idade

Verificamos que a faixa etária dos pais inquiridos é bastante diversificada. Podemos verificar, pela análise do gráfico, que 29 dos inquiridos têm a sua idade compreendida entre os 36 e 45 anos, pelo contrário a faixa etária com menos inquiridos corresponde a menos de 25 anos.

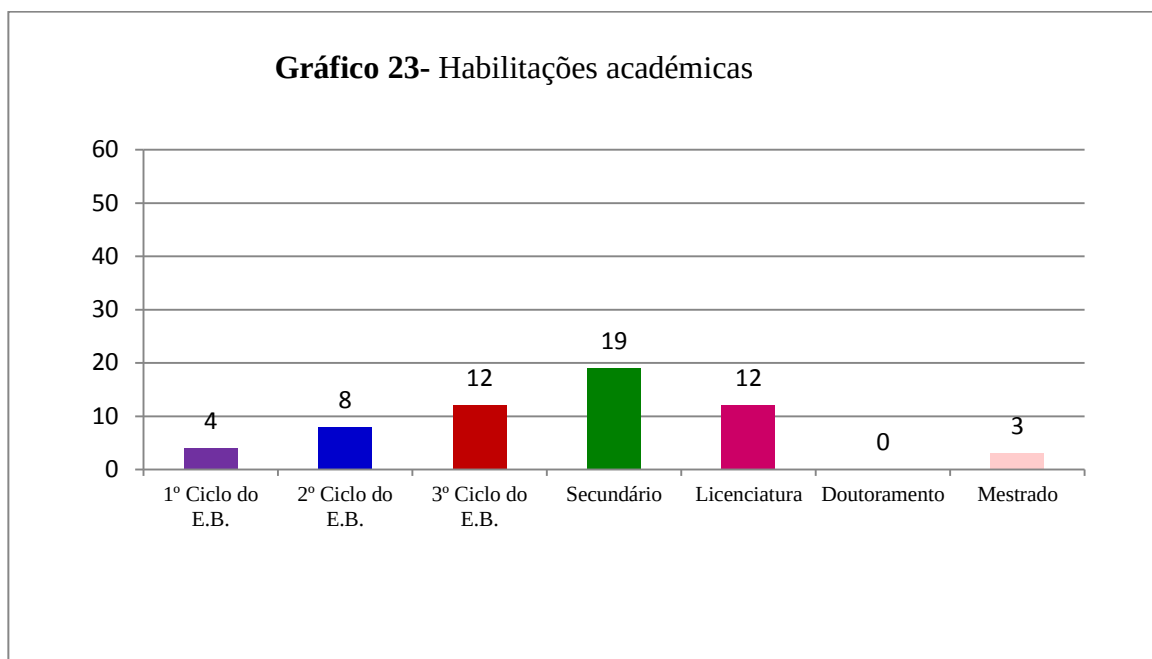


Gráfico 23- Habilitações académicas dos inquiridos

Questão: Habilitações académicas?	Inquiridos	Percentagem (%)
1º Ciclo do E.B.	4	7
2º Ciclo do E.B.	8	13
3º Ciclo do E.B.	12	20
Secundário	19	32
Licenciatura	12	20
Doutoramento	0	0
Mestrado	3	5
Não responderam	2	3
Total	60	100

Tabela 23 - Habilitações académicas

Após a análise do gráfico constatamos que os pais inquiridos apresentam diferentes habilitações académicas. Cerca de 19 dos pais inquiridos possuem o ensino secundário e nenhum dos pais inquiridos possui o doutoramento, 12 dos pais possuem o Secundário e Licenciatura.

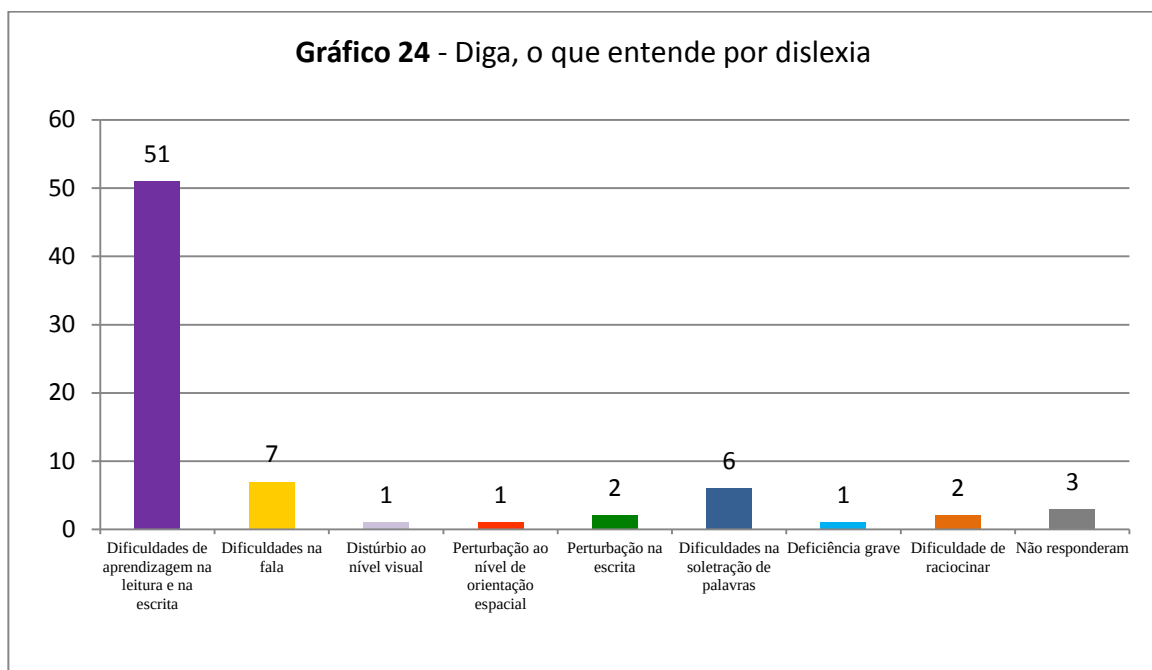


Gráfico 24-Diga, o que entende por dislexia

Questão: Diga, o que entende por dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita	51	85
Dificuldades na fala	7	12
Distúrbio ao nível visual	1	2
Perturbação ao nível de orientação espacial	1	2
Perturbação na escrita	2	3
Dificuldades na soletração de palavras	6	10
Deficiência grave	1	2
Dificuldade de raciocinar	2	3
Não responderam	3	5
Total	60	100

Tabela 24- Diga, o que entende por dislexia

Pela análise do gráfico podemos verificar que 51 dos inquiridos consideram que a dislexia é uma dificuldade na área da leitura e da escrita e é de referir que apenas 3 pais não responderam.

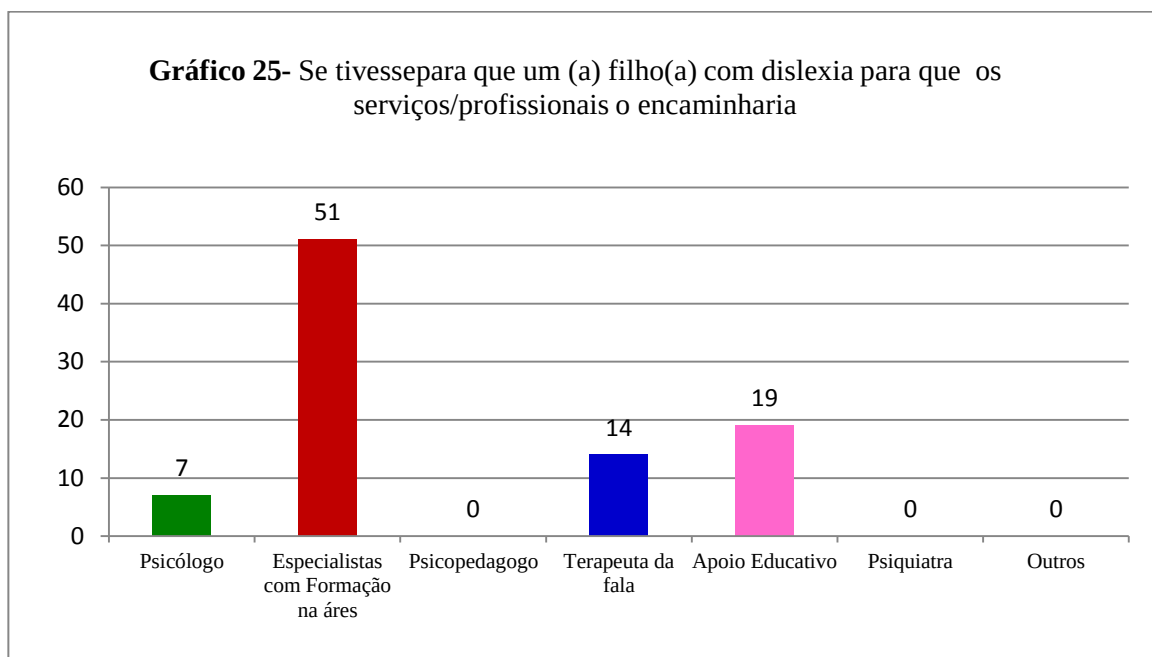


Gráfico 25 Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia

Questão: Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Psicólogo	7	12
Especialistas com Formação na área	51	85
Psicopedagogo	0	0
Terapeuta da fala	14	23
Apoio Educativo	19	32
Psiquiatra	0	0
Outros	0	0
Total	60	100

Tabela 25- Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia

Através da análise do gráfico podemos concluir que a maioria dos pais, 51, encaminhariam os seus filhos para um especialista com formação na área. Os inquiridos não encaminhavam os seus filhos para o psiquiatra.

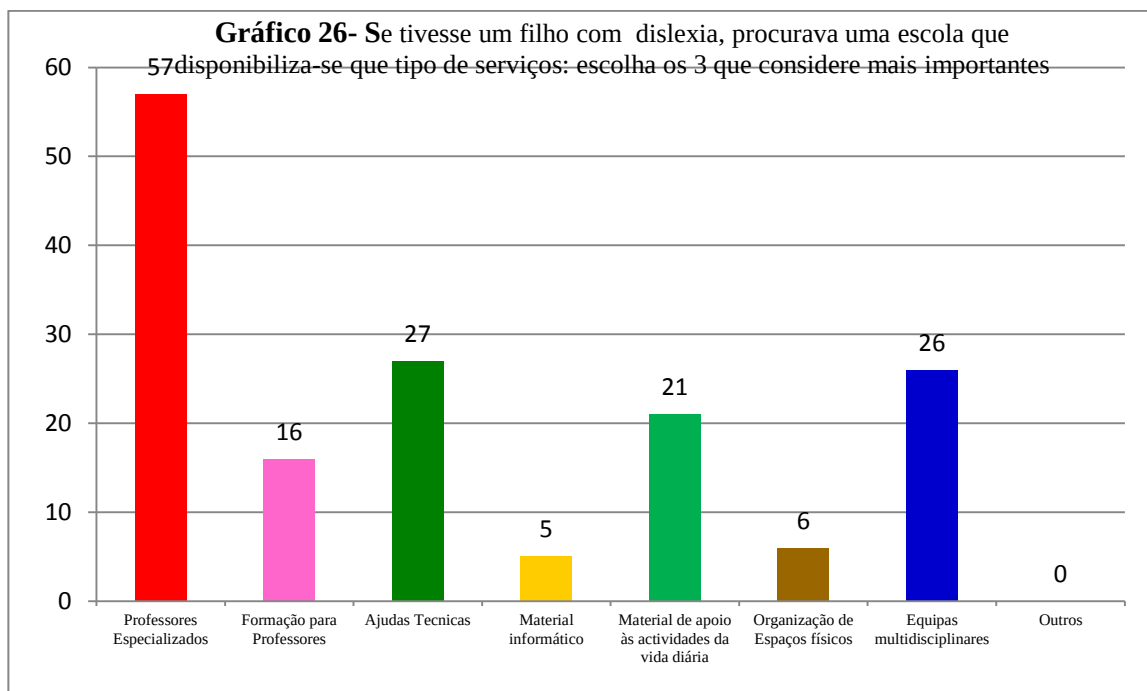


Gráfico 26 –Se tivesse um filho com dislexia, procurava uma escola que disponibiliza-se que tipo de serviços: escolha os 3 que considere mais importantes?

Questão: Se tivesse um filho com dislexia, procurava uma escola que disponibiliza-se que tipo de serviços: escolha os 3 que considere mais importantes?	Inquiridos	Percentagem (%)
Professores Especializados	57	95
Formação para Professores	16	27
Ajudas Técnicas	27	45
Material informático	5	8
Material de apoio às actividades da vida diária	21	35
Organização de Espaços físicos	6	10
Equipas multidisciplinares	26	43
Outros	0	0
Total	60	100

Tabela 26- Se tivesse um filho com dislexia, procurava uma escola que disponibiliza-se que tipo de serviços: escolha os 3 que considere mais importantes

Pela análise do gráfico verificamos que 57 dos pais consideram importante que a escola disponha de professores especializados e consideram menos importante o material informático

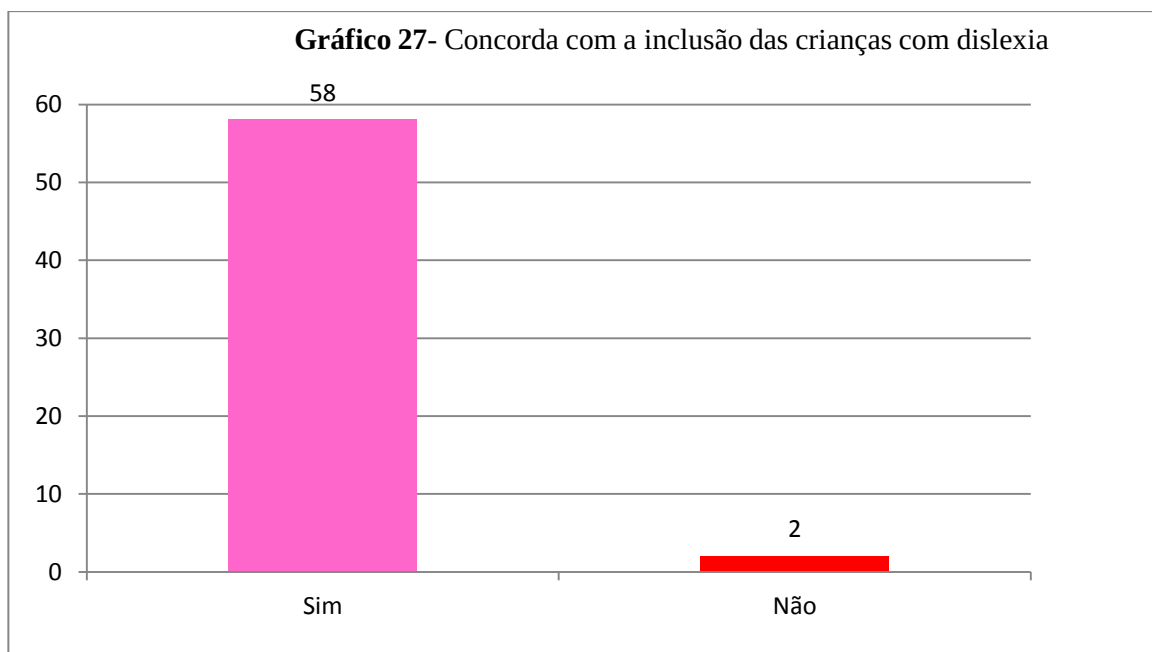


Gráfico 27 - Concorda com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular

Questão: Concorda com a inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular?	Inquiridos	Percentagem (%)
Sim	58	97
Não	2	3
Total	60	100

Tabela 27 - Concorda com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular

Quanto à inclusão das crianças com dislexia podemos concluir que cerca de 58 dos pais concordam com a inclusão destas crianças no ensino regular. No entanto é de referir que apenas 2 encarregados de educação não concordam com a inclusão.

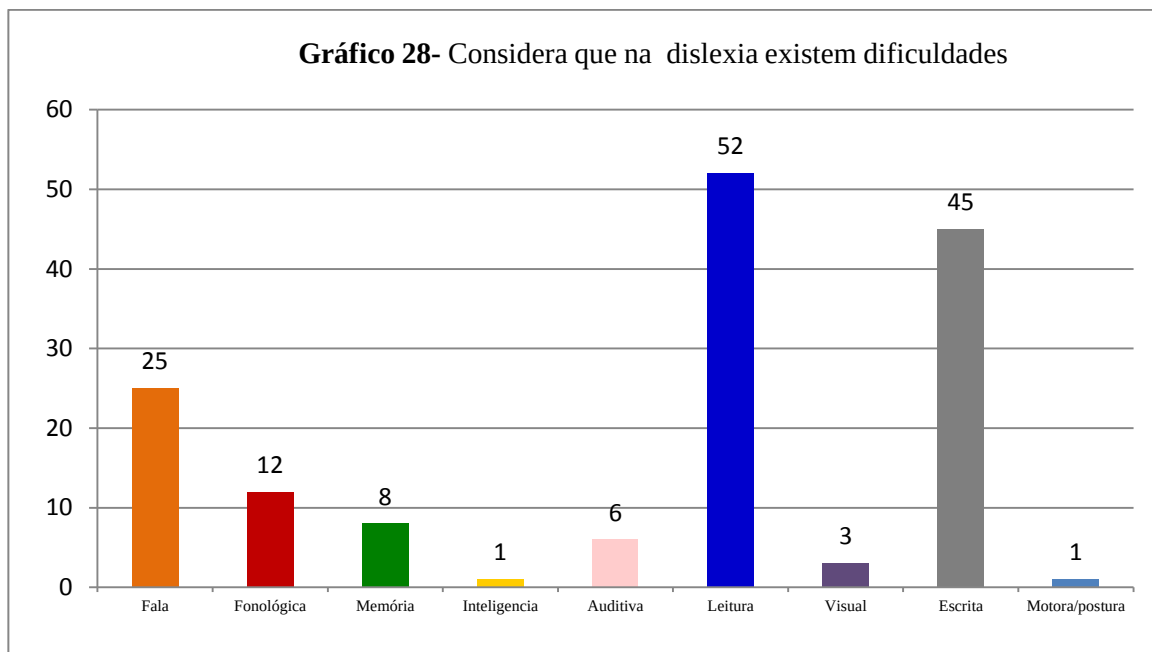


Gráfico 28 - Considera que na dislexia existem dificuldades

Questão: Considera que na dislexia existem dificuldades?	Inquiridos	Percentagem (%)
Fala	25	42
Fonológica	12	20
Memória	8	13
Inteligência	1	2
Auditiva	6	10
Leitura	52	87
Visual	3	5
Escrita	45	75
Motora/postura	1	2
Total	60	100

Tabela 28 - Considera que na dislexia existem dificuldades

Perante a análise deste gráfico podemos concluir que os respondentes consideram a existência de várias dificuldades manifestadas por crianças com dislexia. Contudo são

referidas maioritariamente duas dificuldades. Cerca de 52 dos encarregados de educação inquiridos consideram que as crianças com dislexia apresentam dificuldades ao nível da leitura e 45 ao nível da escrita; apenas 1 dos inquiridos consideram que estas crianças não têm inteligência e apresentam dificuldades motoras e de postura.

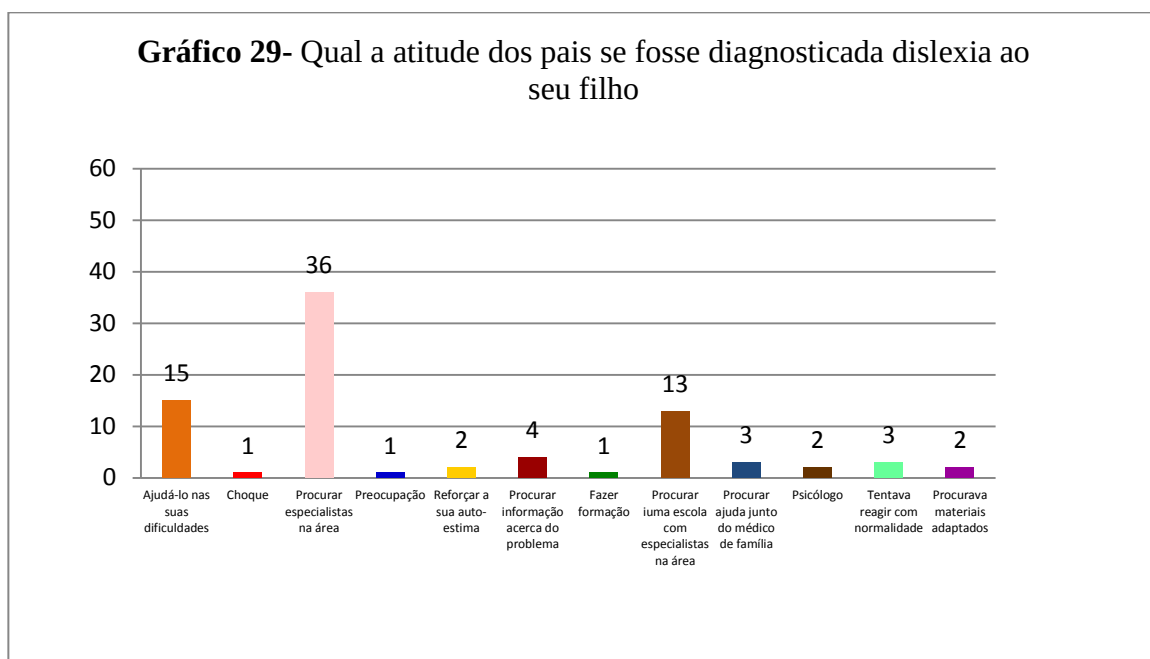


Gráfico 29 – Qual a atitude dos pais se fosse diagnosticada dislexia ao seu filho

Questão: Qual seria a sua atitude se fosse diagnosticada dislexia ao seu filho?	Inquiridos	Percentagem (%)
Ajudá-lo nas suas dificuldades	15	25
Choque	1	2
Procurar especialistas na área	36	60
Preocupação	1	2
Reforçar a sua auto-estima	2	3
Procurar informação acerca do problema	4	7
Fazer formação	1	2
Procurar iuma escola com especialistas na área	13	22
Procurar ajuda junto do médico de família	3	5
Psicólogo	2	3
Tentava reagir com normalidade	3	5
Procurava materiais adaptados	2	3
Total	60	100

Tabela 29 - Qual a atitude dos pais se fosse diagnosticada dislexia ao seu filho

Através da análise do gráfico podemos verificar que os pais levavam a cabo várias acções. Dos 60 pais inquiridos, cerca de 36 procuravam especialistas com formação na área.

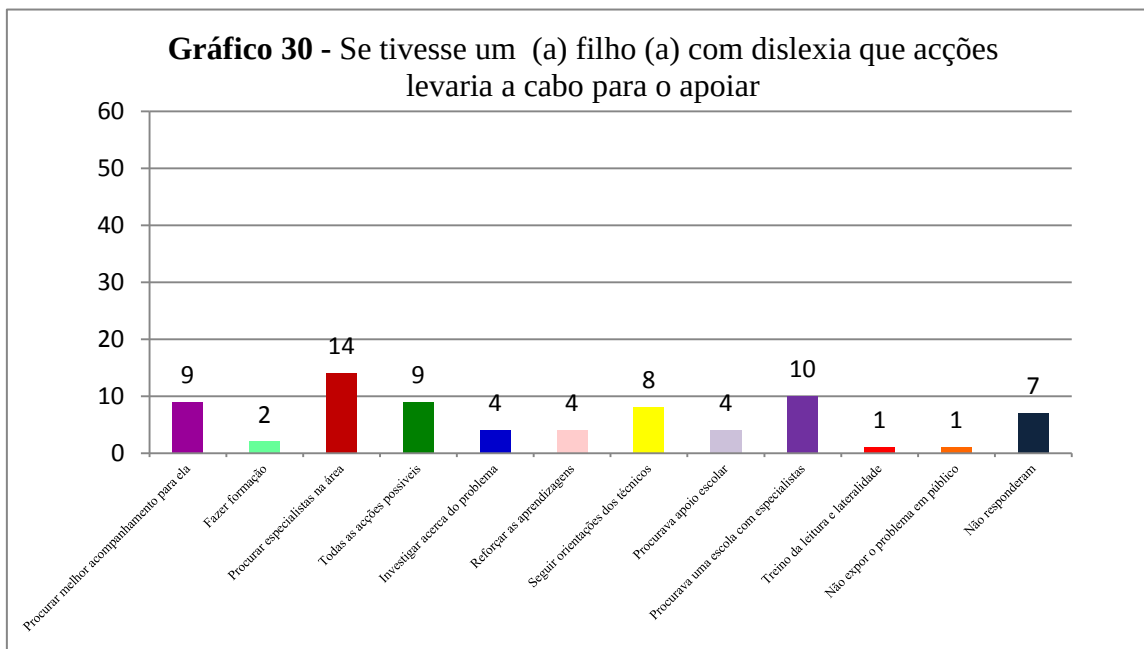


Gráfico 30-Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, que acções levaria a cabo para o apoiar?

Questão: Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, que acções levaria a cabo para o apoiar?	Inquiridos	Percentagem (%)
Procurar melhor acompanhamento para ela	9	15
Fazer formação	2	3
Procurar especialistas na área	14	23
Todas as acções possíveis	9	15
Investigar acerca do problema	4	7
Reforçar as aprendizagens	4	7
Seguir orientações dos técnicos	8	13
Procurava apoio escolar	4	7
Procurava uma escola com especialistas	10	17
Treino da leitura e lateralidade	1	2
Não expor o problema em público	1	2
Não responderam	7	12
Total	60	100

Tabela 30- Quais as acções que levaria a cabo para apoiar o seu filho com dislexia

Após a análise do gráfico verificamos uma grande variedade de acções que os pais realizavam para apoiar o seu filho. Cerca de 14 dos inquiridos procuravam especialistas na área, 1 não expunha o caso em público e realizava treino da leitura e lateralidade.

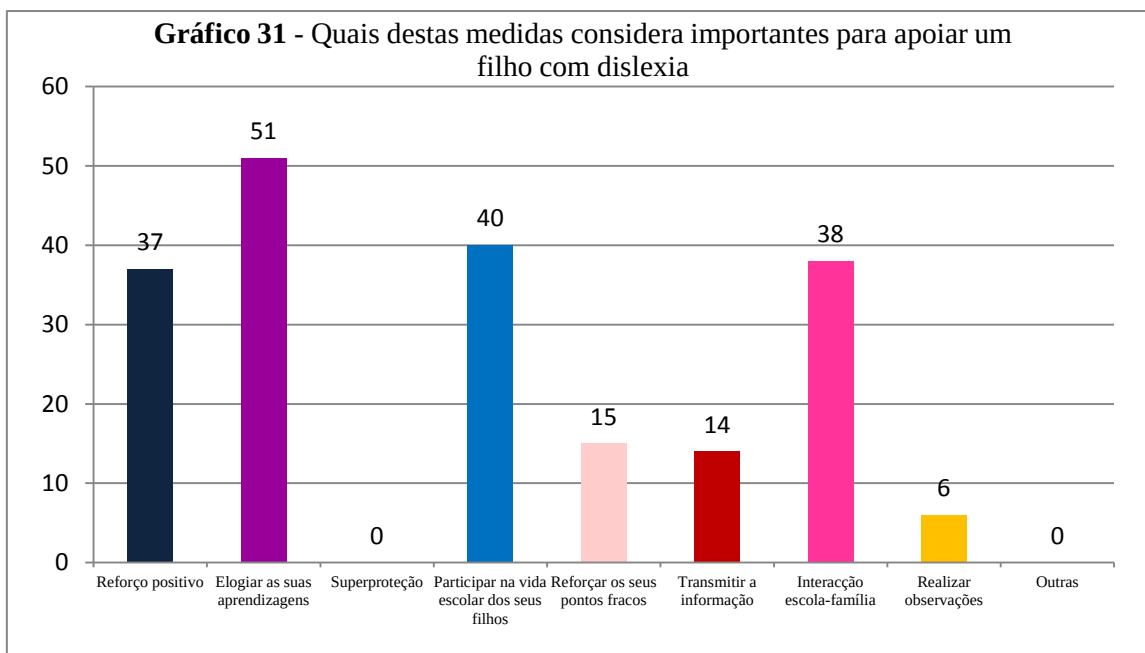


Gráfico 31 – Quais destas medidas considera importantes para apoiar um filho com dislexia

Questão: Quais destas medidas considera importantes para apoiar um filho com dislexia?	Inquiridos	Percentagem (%)
Reforço positivo	37	62
Elogiar as suas aprendizagens	51	85
Superproteção	0	0
Participar na vida escolar dos seus filhos	40	67
Reforçar os seus pontos fracos	15	25
Transmitir a informação	14	23
Interação escola-família	38	63
Realizar observações	6	10
Outras	0	0
Total	60	100

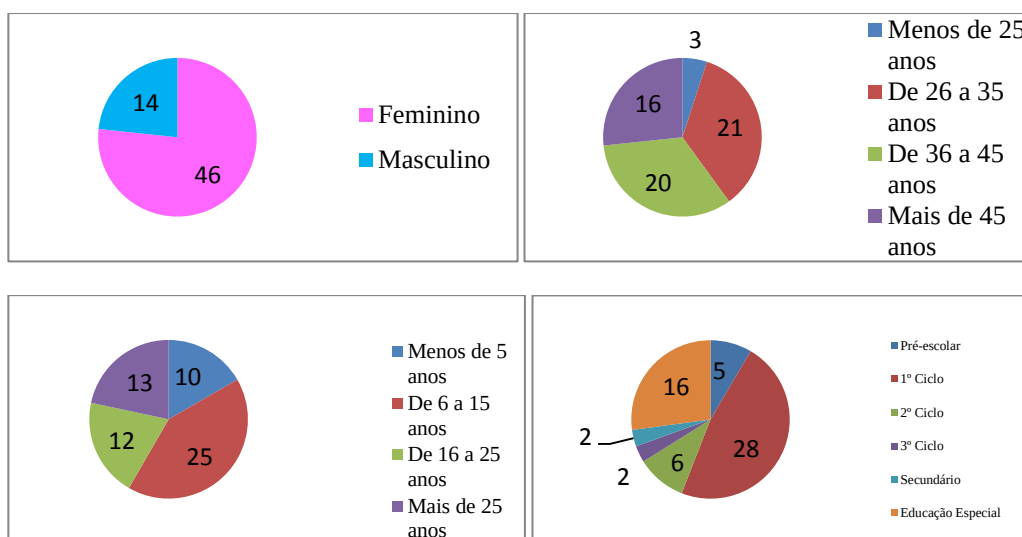
Tabela 31 - Quais destas medidas considera importantes para apoiar um filho com dislexia

Depois da análise do gráfico verificamos que 40 dos pais participavam na vida escolar dos seus filhos e é de salientar que nenhum dos inquiridos optava pela superproteção.

6.2. Análise dos resultados

6.2.1 - Análise dos resultados dos professores

Amostra (questão 1, 2, 3, 4)



Gráficos 32 - Análise da amostra dos professores

Através da análise dos dados obtidos podemos verificar que os professores inquiridos são maioritariamente, 46, do sexo feminino, sendo os restantes do sexo masculino.

Dos inquiridos a faixa etária onde predomina o maior número de investigados é entre os 26 a 35 anos, 20 têm idade compreendida 36 e 45 anos, 16 têm mais de 45 anos e apenas 3 têm menos de 25 anos. É de referir que existe uma grande variedade de idades que permite a troca de saberes.

No que se refere ao tempo de serviço, os resultados indicam que 25 professores trabalham entre 6 a 15 anos, verificando-se uma semelhança entre os restantes tempos de serviço. Esta diversidade constitui uma valia para o estudo. Vinte e oito professores exercem funções no 1º Ciclo. É neste nível de ensino que as crianças manifestam as dificuldades de aprendizagem que depois de analisadas podem ser disléxicos ou não, 16 são da educação especial. Depois de diagnosticada a dislexia cabe a estes especialistas em conjunto com os do

ensino regular adaptar o trabalho à criança, os restantes níveis de ensino apresentam semelhança de inquiridos. é de referir que os educadores de infância também devem estar atentos às dificuldades das crianças em idade pré-escolar.

Após esta análise da amostra em estudo, passamos para ao estudo das questões sobre a temática do trabalho.

Questão 5- Ao longo da sua carreira profissional, já lidou com algum aluno com dislexia?

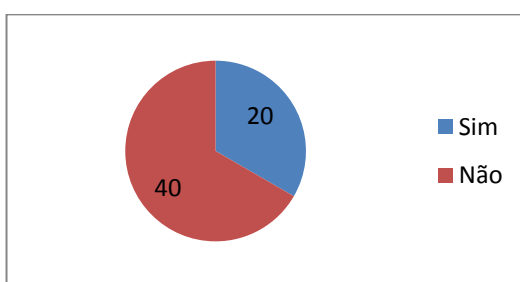


Gráfico 33 – Análise do gráfico 7 dos professores

Perante os resultados obtidos através da análise dos inquéritos, podemos verificar que a maioria da amostra, 40, durante a sua atividade profissional nunca lidara com alunos com dislexia. Apenas 20 dos inquiridos referem que nas suas turmas tiveram alunos com dislexia.

Questão 6- Durante a sua formação académica, teve alguma formação específica na área da dislexia?

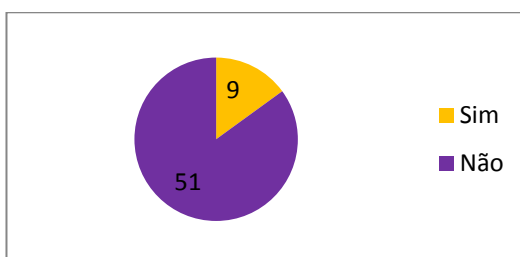


Gráfico 34 – Análise do gráfico 8 dos professores

Uma das referências que sobressai após a análise dos resultados é o facto de que a maior parte dos inquiridos, 51, durante os seus estudos académicos não usufruíram de formação no âmbito da dislexia, enquanto que apenas 9 referiram ter tido acesso a formação nesta temática. Este aspeto leva-nos a concluir que a formação inicial dos professores em

Educação Especial é muito limitada. A formação inicial é muito importante para os docentes, pois é nesta fase que lhe são fornecidas as bases com as quais se vai reger todo o seu percurso profissional.

Questão 7- Teve formação extra-curricular na área da dislexia?

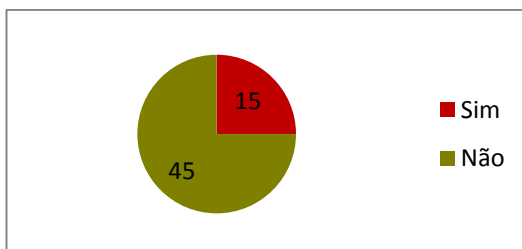


Gráfico 35 – Análise do gráfico 9 dos professores

Pela análise do gráfico, verificamos que 45 dos professores inquiridos, não realizaram formação extra curricular/continua no âmbito da dislexia, apenas 15 a realizaram. A formação de professores tem vindo a assumir uma posição de destaque nas discussões relativas às políticas educativas, é uma preocupação que se evidencia nas reformas que vêm sendo implementadas na educação. Esta formação está regulada em diversos documentos legais, que pretende favorecer dinâmicas de atualização e aprofundamento de conhecimentos necessários para o exercício da profissão docente, bem como desenvolver intervenções inovadoras no contexto de desempenho docente. Neste sentido, para Nóvoa "a formação contínua de professores assume uma importância crucial. Por aqui pode passar um esforço de renovação, com consequências para os programas de formação inicial, o estatuto da profissão, a mudança das escolas e o prestígio social dos professores" (Nóvoa, 1992).

Questão 8 - Caso tenha respondido afirmativamente à pergunta anterior, indique o motivo que o/a levou a efectuar essa formação:

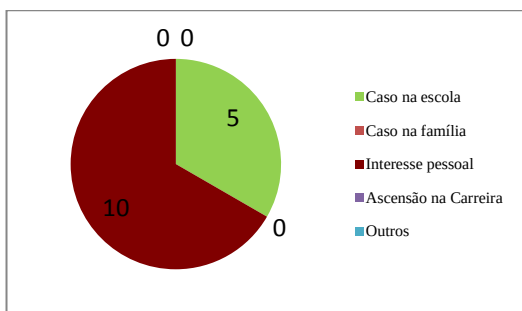


Gráfico 36 – Análise do gráfico 10 dos professores

Dos 15 professores que anteriormente referiram que realizaram formação contínua, 10 fizeram-no por interesse pessoal e 5 por terem um caso na escola. Através da análise da

questão 5, verificamos que 20 professores já lidaram com crianças disléxicas, mas neste gráfico verificamos que apenas 5 realizaram a formação por terem alunos disléxicos. Nunca realizaram formação para ascensão na carreira ou por terem algum caso na família.

Questão 9-Caso tenha respondido negativamente à pergunta 7, por que não sentiu a necessidade dessa formação

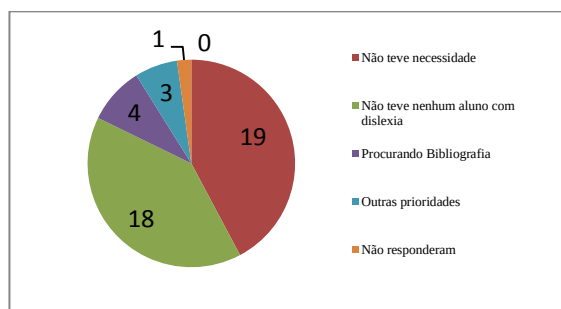


Gráfico 37 – Análise do gráfico 11 dos professores

Pela análise deste gráfico podemos concluir que dos 45 professores que não realizaram formação na área da dislexia, 19 não o fizeram porque não sentiram necessidade, 18 nunca tiveram um aluno com dislexia, restando uma homogeneidade entre as restantes soluções apresentadas pelos inquiridos. Talvez isto tenha acontecido, porque uma vez que não lidaram com disléxicos nunca sentiram a necessidade de o fazer. Sendo a maior parte dos inquiridos do ensino regular, estes deviam estar mais consciencializados para a realização de formações, pois é nesta faixa etária que as dificuldades se manifestam e se eles estiverem mais preparados para esta realidade, torna-se mais fácil tanto para o professor como para o aluno.

Questão 10 - Considera que a Formação Especifica no âmbito da Educação Especial é algo indispensável como Professor(a) de crianças com dislexia

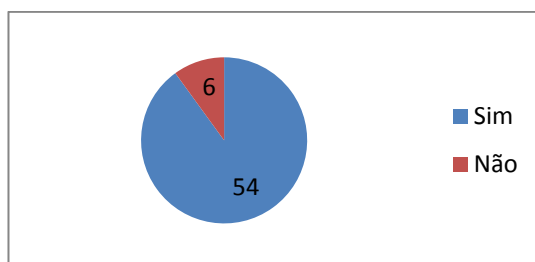


Gráfico 38 – Análise do gráfico 12 dos professores

Através da análise do gráfico podemos verificar que a maioria dos inquiridos, 54 considera importante a formação na Educação Especial para trabalhar com crianças disléxicas. Efectivamente, a formação docente assume grande relevância no que diz respeito à Educação Especial, pois é necessário que o professor saiba como trabalhar os conteúdos de modo a melhorar a relação de ensino aprendizagem permitindo aos alunos a construção do conhecimento de uma forma diferente. O trabalho com estas crianças exige ao professor uma atualização dos conhecimentos de forma a dominar técnicas e metodologias capazes de fazê-los compreender que os seus esforços podem resultar em progressos positivos. Esta formação proporciona ao professor habilidades para o desempenho das suas funções docentes com o referido público. A formação é fundamental para trabalhar com as crianças com dislexia, daí que se o aluno usufruir de um Professor com formação específica no âmbito da dislexia é crucial para o discente. O seu papel é de grande responsabilidade e o processo educativo exige uma profunda reflexão e uma grande disponibilidade, para poder apoiar os alunos, em particular os alunos com necessidades educativas especiais. O professor precisa de conhecer os seus alunos para ter em conta as histórias de vida de cada um e, desta maneira, estar mais próximo deles e criar aulas enriquecedoras. É urgente regressar ao trabalho, ao esforço, construindo projectos estimulantes, enriquecedores, adequados às experiências de vidas e que permitam uma aprendizagem significativa dos alunos. Para isso, o professor necessita de estar em constante atualização acerca dos conhecimentos.

É de referir que 6 professores não consideram importante esta formação. Isto pode levar a um mau acompanhamento por parte destes docentes a alunos com dislexia.

Questão 11 - Se tivesse um aluno com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia.

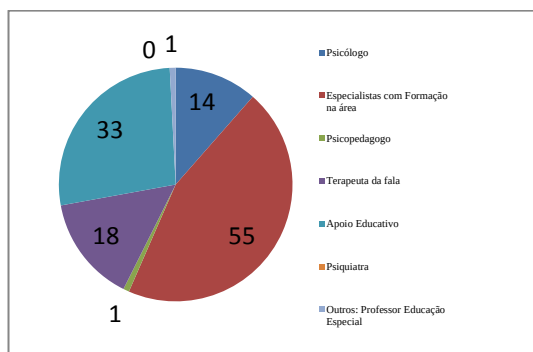


Gráfico 39 – Análise do gráfico 13 dos professores

Após a análise dos dados obtidos verificamos que 55 professores encaminhavam os seus alunos para especialistas com formação na área, 33 para o apoio educativo, 18 para o terapeuta da fala, 14 para um psicólogo, 1 para um psicopedagogo e professor de educação especial, nenhum encaminhava para o psiquiatra. Todos estes profissionais são fundamentais para o trabalho com crianças com dislexia para melhorar a promoção do seu desenvolvimento. o acompanhamento escolar destas crianças deverá ser feito durante todo o ano lectivo, para assim ajudar a criança a colmatar as suas dificuldades.

Questão 12 - Indique o que na sua opinião deve ser melhorado na escola por forma a que, esta trabalhe sempre no sentido de garantir o melhor aos alunos com dislexia.

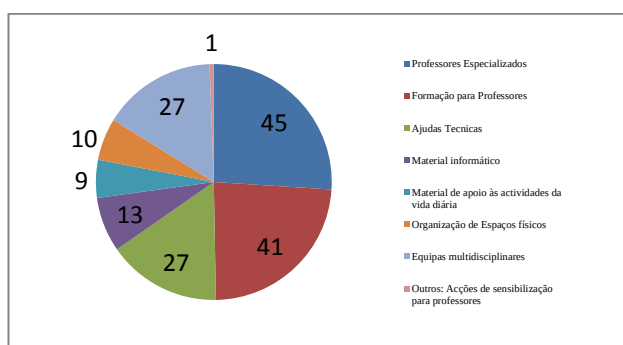


Gráfico 40– Análise do gráfico 14 dos professores

Atualmente a escola tem que dar respostas a uma grande variedade de alunos e em muitos casos não está preparada para atender a todos tendo em conta as suas especificidades. Por este motivo, necessita de ser melhorada em alguns aspectos para garantir o melhor aos alunos com dislexia. Neste sentido, 45 inquiridos consideram que a escola deve disponibilizar professores especializados, 41 deve promover ações de formação para os professores, 27 consideram que a escola deve melhorar as ajudas técnicas e as equipas multidisciplinares.

Os recursos existentes nas escolas são poucos, dificultando assim atuação por parte do professor. Sendo a escola, o contexto institucional onde se desenrola a ação educativa, é também um vértice fundamental no âmbito das dificuldades de aprendizagem, nomeadamente a dislexia. A escola não está preparada para dar resposta face a esta dificuldade, no entanto, é de realçar a existência dos apoios educativos. Por este motivo, é fundamental que o professor e a escola estejam preparados para uma detecção efectiva destas dificuldades, para possibilitar uma atuação eficaz, pois é a partir do domínio das competências da leitura e da escrita que se desenvolvem a maioria das aprendizagens posteriores. A escola deve proporcionar-lhe serviços apropriados e orientados para a maximização do seu potencial.

Questão 13 - Concorda com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular

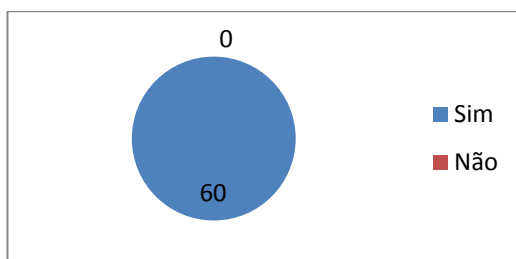


Gráfico 41 – Análise do gráfico 15 dos professores

Todos os inquiridos concordam com a inclusão das crianças disléxicas em turmas do ensino regular. A educação da criança disléxica é um direito, que faz parte da sua condição humana, e o dever de educar é uma exigência do ser humano adulto, do pai e do professor. O contacto destas crianças com as outras faz desenvolver sentimentos de respeito, compreensão, diminuindo na criança o sentimento de inferioridade. A inclusão permite desenvolver atitudes positivas perante a diversidade da comunicação entre todos os intervenientes e da interação entre os pares, através da qual os alunos adquirem mais e melhores competências dentro das diversas áreas.

Questão 14 - Identifique alguns aspectos que considere positivos e/ou negativos dessa Inclusão.

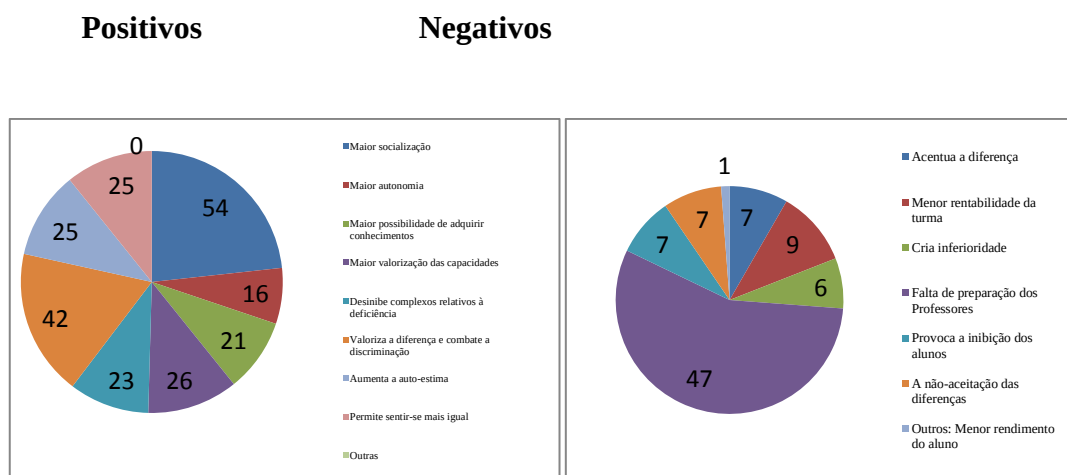


Gráfico 42 – Análise dos gráficos 16 e 17 dos professores

A inclusão de crianças com dislexia é fundamental para estas. No entanto, o que acontece, muitas das vezes é que elas estão incluídas mas não estão integradas. Para isso, é necessário mudar a mentalidade de muitas pessoas, incluindo alguns professores. Por todos

estes motivos podemos concluir que a inclusão de crianças com dislexia é fundamental para elas. A inclusão é vantajosa não só para alunos com NEE, mas também para as outras crianças. Contudo, a inclusão traz consigo aspectos positivos e negativos. Em relação aos primeiros, 54 inquiridos consideram que a inclusão possibilita uma maior socialização entre os alunos, 42 concordam que a inclusão valoriza assim a diferença, combatendo a discriminação, em relação aos outros aspectos positivos estes apresentam uma equidade nos seus resultados. Desta forma, o ambiente escolar que se proporciona ao aluno é fundamental para a aquisição das competências para o seu nível de ensino.

Tal como tudo por traz das vantagens ainda persiste algumas desvantagens. Os inquiridos apontam com principal desvantagem a formação para professores, contudo como já verificamos atrás 45 dos inquiridos não realizam formação neste âmbito. A falta de formação por parte dos professores titulares constitui uma barreira para a aprendizagem de crianças com dislexia.

Questão 15 - Quais são para si as maiores dificuldades face à situação de ensino-aprendizagem de uma criança com dislexia

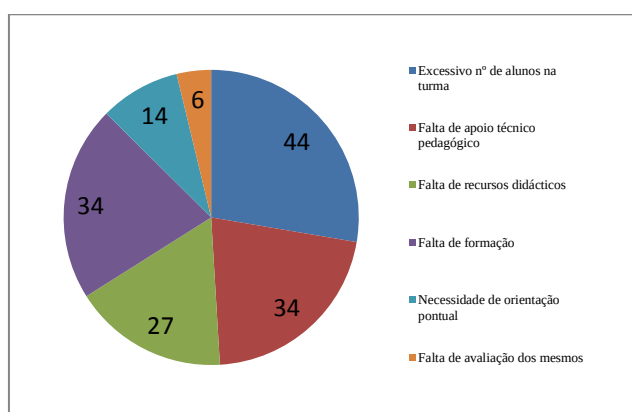


Gráfico 43 – Análise do gráfico 18 dos professores

Cada vez mais as turmas são compostas por um maior número de alunos que dificulta o atendimento mais individualizado por parte dos professores. Estas crianças requerem outro tipo de estratégias, para assim alcançar o seu sucesso, mas este aspecto limita ação do professor titular de turma, daí que 44 inquiridos referiram o excessivo número de alunos como uma das maiores dificuldades face à situação de ensino aprendizagem de alunos disléxicos, mais uma vez mencionam a falta de formação, mas não são capazes de a realizar (como já foi analisado anteriormente). A falta de apoio técnico pedagógico também é uma dificuldade apontada por 34 professores. Como as turmas são bastantes grandes, se o professor tiver um apoio que o ajude no trabalho com as crianças é, mais vantajoso para as

mesmas. Cerca de 27 professores consideram a inexistência de recursos como uma dificuldade para aprendizagem destas crianças. Estas para realizarem uma aprendizagem mais duradoura e participativa necessitam da utilização de recursos variados, pois prestam mais atenção e estão mais motivados na execução das tarefas proposta, com o auxílio a recursos didáticos.

Questão 16 - Quais são, para si, as 3 principais dificuldades associadas à dislexia? (1-maior dificuldade; 2-dificuldade; 3-menor dificuldades)

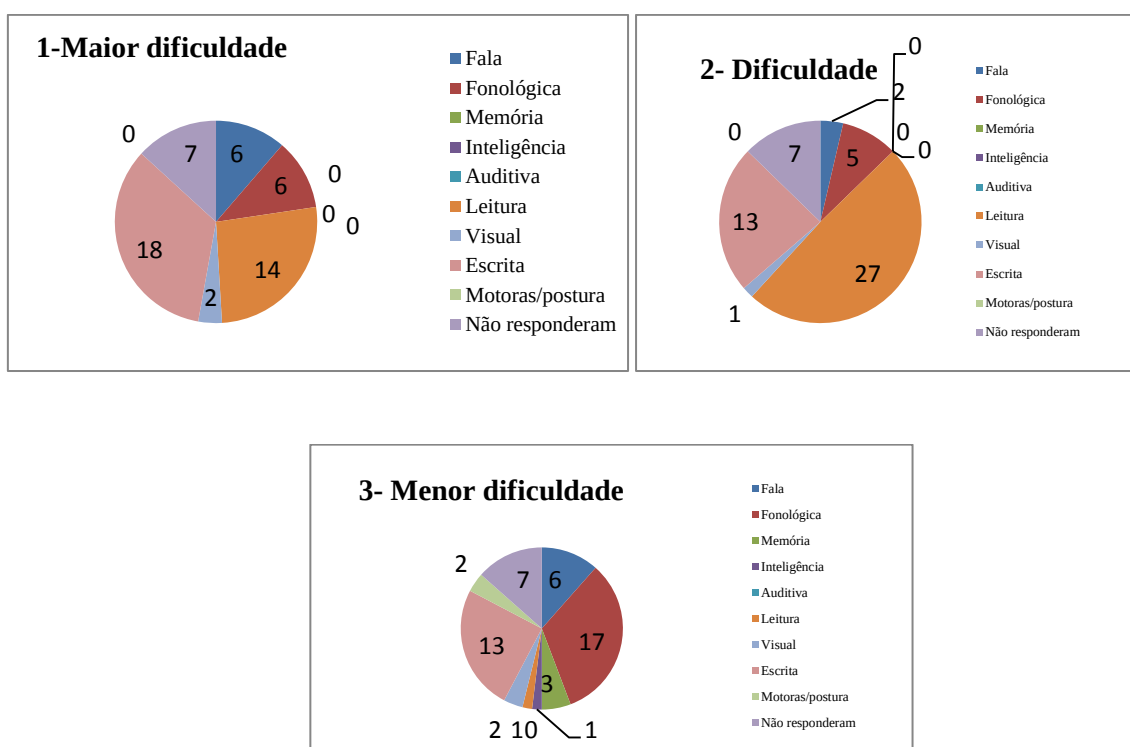


Gráfico 44 – Análise do gráfico 19 dos professores

O prefixo grego “dis” significa dificuldade, perturbação enquanto “lexia” remete para ler. Neste sentido, dislexia significa, assim, dificuldade em ler. Perante isto, e através da análise do gráfico com as maiores dificuldades, podemos verificar que os professores referem que a escrita é a maior dificuldade. Este aspecto é de salientar pois permite-nos concluir que os professores inquiridos não sabem qual a principal dificuldade das crianças disléxicas. Como existe desconhecimento desta dificuldade, como é que os professores podem ajudar as crianças a ultrapassar as suas dificuldades e mesmo no momento do diagnóstico. As crianças disléxicas manifestam dificuldades na leitura que se vão reflectir na escrita, pois se uma criança lê mal, vai escrever mal. Estas crianças apresentam problemas ao nível do

processamento fonológico como referem 7 professores. Revelam dificuldades na distinção de certos fonemas, e a sua representação visual, dificultando o processo da leitura e problemas de ordenação, ritmo, compreensão e de estruturação. Os inquiridos referiram apenas que a memória destas crianças é afetada mais de uma forma ligeira, como 3 inquiridos consideram, contudo as crianças revelam dificuldades na memorização de letras, o que se traduz numa leitura muito lenta, devido ao não reconhecimento imediato de alguns grafemas e uma escrita com alguns erros ortográficos.

Apesar das suas limitações, não quer dizer que estas crianças não sejam inteligentes. Elas podem ser inteligentes, para isso necessitam de mais tempo para a assimilação dos conhecimentos e de um currículo adaptado. Por este motivo não concordo com o professor que referiu que a inteligência destas crianças seja afectada, apesar de ser considerada uma dificuldade menor. Nenhum dos inquiridos considera que as crianças disléxicas manifestam dificuldades ao nível auditivo.

Perante as dificuldades mencionadas, podemos concluir que alguns professores desconhecem as reais dificuldades expressas pela criança com dislexia, demonstrando alguma confusão nas nomeações das principais dificuldades. Desta forma, estes professores não conseguem ajudar as crianças, desconhecendo as origens das dificuldades.

Questão 17 - Se tivesse um aluno na sua sala, com dislexia, quais as três principais acções pedagógicas que levaria a cabo para o apoiar?

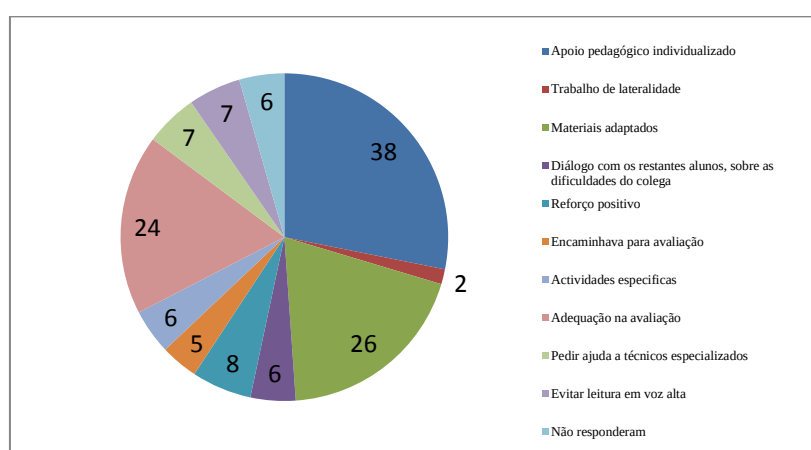


Gráfico 45 – Análise do gráfico 20 dos professores

As ações/atitudes que os professores praticam na sua sala de aula podem influenciar o processo de aprendizagem das crianças disléxicas. Desta forma, através da análise destes resultados, podemos constatar que se os professores inquiridos tivessem um aluno com

dislexia, 38 implementavam uma pedagogia individualizada na sua sala de aula, 26 adaptavam os materiais. A adaptação dos materiais é essencial para permitir o progresso dos estudos dos alunos, pois estes materiais tornam-se mais estimulantes, permitindo um maior empenho, concentração e motivação na realização das tarefas propostas, levando-o à realização de aprendizagem significativa por parte dos alunos. O professor para suscitar o interesse, a participação dos alunos, para facilitar a sua aprendizagem e alargar o campo dos seus conhecimentos deve, igualmente, procurar estratégias de trabalho inovadoras, atividades diversificadas e materiais apelativos para as suas aulas.

Uma outra ação de salientar seria a adequação na avaliação, como referem 24 professores. A avaliação é um momento muito importante para o professor verificar se os alunos atingiram ou não os objectivos propostos. Contudo, no momento da realização da avaliação, os alunos têm de se sentir confiantes e interessados em realizá-la, pois se isto não se verificar o seu desempenho afectará a sua realização, daí a importância dos professores efectuarem adequações na avaliação dos disléxicos.

As crianças disléxicas sentem-se muitas das vezes frustradas pelos seus fracassos consecutivos, para ultrapassar isto, os professores devem recorrer ao reforço positivo, como referem 8 inquiridos, centrando-se nas suas evoluções e progressos, ou seja devem valorizar todos os progressos obtidos pelas crianças, centrando-se mais pequenas conquistas que nas falhas. O seu discurso relativamente à escola deve ser assim marcado por observações positivas e por uma atitude de apoio perante o aluno. Neste sentido, sempre que a criança disléxica tenha uma área forte, essa deverá ser valorizada desenvolvida, não só com o objectivo de fortalecer a sua auto-estima, mas também pelas implicações que essa mesma área poderá ter em termos de futuro profissional.

Todas as medidas mencionadas pelos inquiridos são de salientar, pois todas elas visam o desenvolvimento do aluno.

6.2.2 - Análise dos resultados dos pais

Amostra (1,2,3)

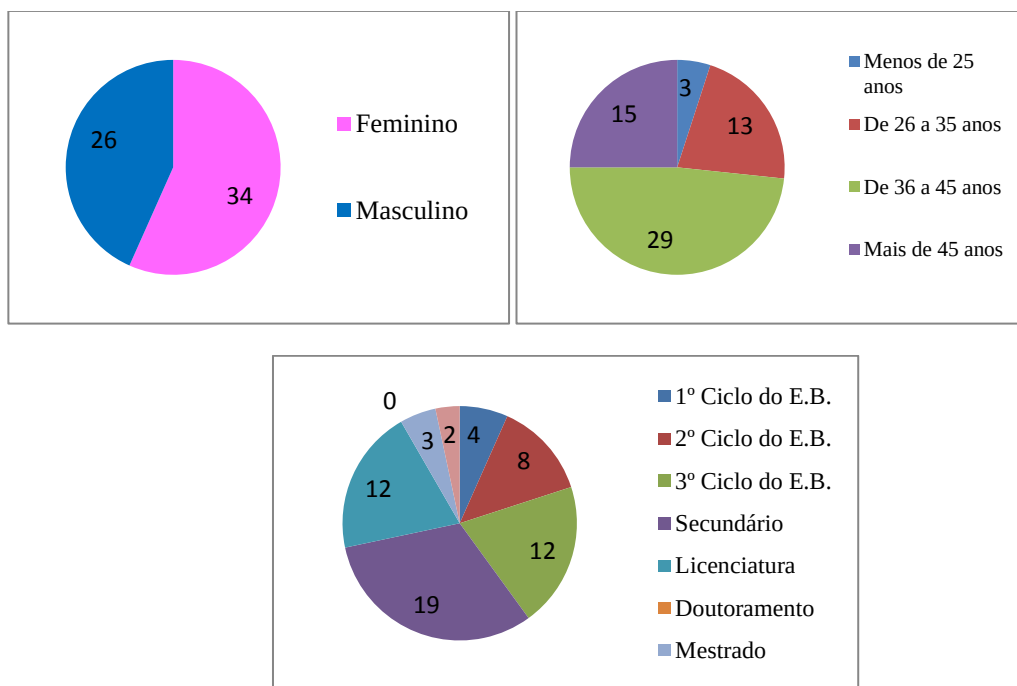


Gráfico 46 -Análise da amostra dos pais

Podemos verificar pela visualização do gráfico que dos pais inquiridos cerca de 34 são do sexo feminino e 26 do masculino.

Em relação à faixa etária verificamos que é entre os 36 a 45 anos que predomina o maior número de inquiridos, 29, havendo uma proximidade entre os 26 a 35 e mais de 45 anos, cerca de 3 pais têm menos de 25 anos.

Relativamente às habilitações académicas, os resultados obtidos permitem-nos concluir que os pais inquiridos frequentaram o Ensino Secundário, havendo uma equidade entre a licenciatura e o 3º Ciclo do Ensino Básico com 12 pais, nenhum dos pais possui o mestrado.

Após esta análise da amostra em estudo, passamos para ao estudo das questões sobre a temática do trabalho.

Questão 4. Diga, o que entende por dislexia?**Gráfico 47 - Análise do gráfico 24 dos pais**

Na análise a esta questão verificamos que cerca de 51 dos pais consideram que a dislexia é uma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita, verificando-se uma proximidade entre as dificuldades da fala e as dificuldades na soletração de palavras, com 7 e 6 pais respetivamente, 2 pais referem que a dislexia é uma perturbação na escrita e que estas crianças revelam dificuldade em raciocinar. Apenas 1 pai considerou a dislexia como sendo uma deficiência grave, o que nos leva a concluir que desconheça o tema e as dificuldades associadas a esta problemática, pois a dislexia não é considerada uma doença. As pessoas com dislexia apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relacionados com leitura.

Para Alan Kamhi¹⁰ (1992), citado por Kathlenn:

“a dislexia é uma desordem a nível de desenvolvimento da linguagem cuja principal característica consiste numa dificuldade permanente em processar a informação de ordem fonológica. Esta dificuldade envolve codificar, recuperar e usar de memória códigos fonológicos e implica défices de consciência fonológica e de produção do discurso. Esta desordem, com frequência geneticamente transmitida, está por via da regra presente à nascença e persiste ao longo da vida. Uma característica marcante desta desordem manifesta-se nas deficiências a nível da oralidade e da escrita”(Kathlenn (2003).

¹⁰ Alan Kamhi, (1992): SNI in Kathleen, Anne Hennigh. (2003). Compreender a dislexia um guia para pais e professores. Porto: Porto Editora.

Tendo em conta esta citação e toda a bibliografia consultada podemos concluir que a maioria dos inquiridos já ouviram falar da temática em estudo e que de alguma maneira conhecem as suas limitações, pois por ser uma questão aberta os pais responderam de uma forma acertada à questão que lhes foi colocada, pois apontaram as principais dificuldades da dislexia.

Questão 5. Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia?

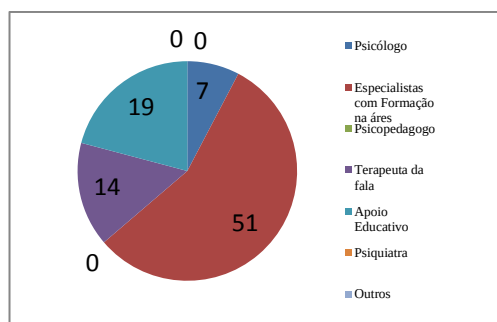


Gráfico 48 - Análise do gráfico 25 dos pais

Através da análise do gráfico podemos verificar que quase todos os pais inquiridos, 51, referem que encaminhavam o seu filho para especialistas com formação na área, em seguida 19 consideram importante que os seus descendentes beneficiassem de apoio educativo, 12 mencionam a terapia da fala como um serviço a utilizar, 7 encaminhavam-no para um psicólogo e não consideram importante o psicopedagogo e o psiquiatra. Mas é de referir que a intervenção do psicopedagogo é importante para uma criança com dislexia.

Crianças com dislexia devem beneficiar efetivamente destes serviços apontados pelos encarregados de educação, pois todos eles permitem, nas suas diferentes dimensões, melhorar as suas capacidades, pois os especialistas são capazes de identificar e apoiar as crianças nas suas dificuldades. Escolheram estes serviços pois podem dar respostas às reais necessidades dos seus filhos, caso contrário, se não os encaminharem para um acompanhamento apropriado poderão contribuir para o agravamento dessas necessidades, que levarão à obtenção de resultados negativos e mais tarde ao seu insucesso e/ou abandono escolar. Se os alunos disléxicos usufruírem dos serviços referidos pelos pais de uma forma adequada, a criança pode alcançar com sucesso as suas aprendizagens.

Questão 6. Se tivesse um filho com dislexia, procurava uma escola que disponibiliza-se que tipo de serviços: escolha os 3 que considere mais importantes.

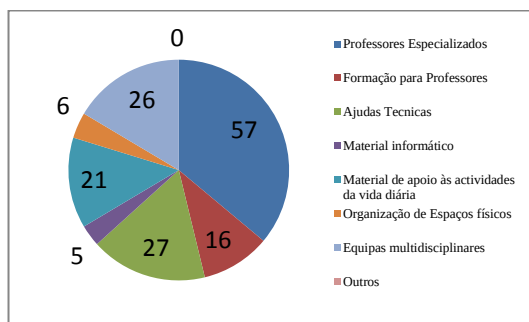


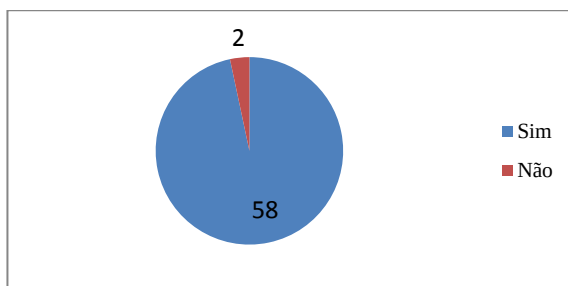
Gráfico 49 - Análise do gráfico 26 dos pais

Sempre houve disléxicos nas escolas, contudo a escola que nós conhecíamos não estava preparada para receber estas crianças. Daí que 57 dos pais inquiridos referem que a escola deve disponibilizar professores especializados, 27 mencionam as ajudas técnicas e 26 o trabalho conjunto entre as equipas multidisciplinares.

Na escola existe diversas pessoas cada uma com a sua função, mas todas elas têm como finalidade primordial educar, independentemente das dificuldades dos alunos e se a escola oferecer um conjunto de especialistas e materiais adaptados, estas crianças conseguirão atingir com sucesso as aprendizagens. A escola deve garantir a aprendizagem transformadora de conhecimentos para preparar os alunos para o meio social do qual fazem parte, num sentido amplo de colaboração e modificação mútuas para o desenvolvimento. Desta forma para que seja atingido o sucesso da aprendizagem para Mantovanini¹¹, retirado da internet “é preciso compreender o potencial igualitário de quem ensina, o conteúdo a ser aprendido e o sujeito que aprende” (www.artigonal.com). Visto que a escola contribui para o desenvolvimento do indivíduo, deve neste sentido atender à especificidade de cada aluno disléxico criando estratégias diversificadas através dos seus especialistas, pois só assim contribuirá para o progresso do aluno.

Todas estas medidas são fundamentais para o progresso do aluno, daí que os pais procurassem uma escola que proporcionasse ao seu filho as melhores condições para o seu bem-estar, de forma a alcançar os objetivos propostos.

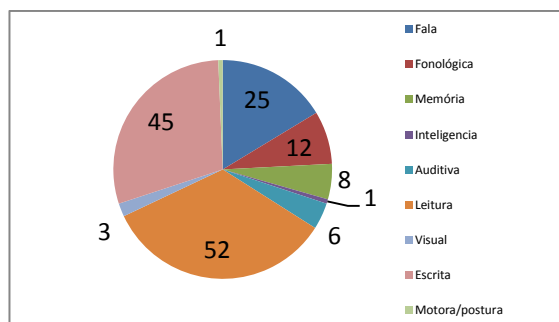
¹¹ Mantovanini (2001):[http:// www.artigonal.com](http://www.artigonal.com).

Questão 7. Concorda com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular**Gráfico 50** - Análise do gráfico 27 dos pais

Após análise do gráfico verificamos que dos 60 inquiridos apenas 2 pais não concordam com a inclusão destas crianças no ensino regular. Estes devem desconhecer as vantagens que a inclusão traz consigo.

Todas as crianças, independentemente das suas limitações têm o direito à educação. A inclusão do aluno disléxico na escola está garantida e orientada por diversos documentos. O Decreto-Lei n.º 3/2008 veio enquadrar as respostas educativas a desenvolver no âmbito da adequação do processo educativo às NEE dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e participação, num ou vários domínios da vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais de permanente e das quais resultam dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social. Posto isto, a criança disléxica deve frequentar a escola regular. É importante que a equipa escolar conheça os aspectos característicos da dislexia, o funcionamento leitor do disléxico e esteja pronta e disponível para atender estas necessidades especiais.

Os pais consideram importante a inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular, permitindo-lhes uma maior socialização entre todos os intervenientes educativos, apesar das suas limitações a criança tem direito à Educação sem qualquer restrição.

Questão 8. Considera que na dislexia existem dificuldades:**Gráfico 51 - Análise do gráfico 28 dos pais**

A maior parte da amostra, cerca de 52 dos pais inquiridos refere que a leitura é a principal dificuldade da dislexia, acompanhada por dificuldades ao nível da escrita, 45, 25 mencionam dificuldades ao nível da fala e 12 a nível fonológico, apenas 1 pai considera que a inteligência destas crianças é afetada bem como a sua postura. As crianças podem ser inteligentes, para isso necessitam de mais tempo para a assimilação dos conhecimentos e de um currículo adaptado. Por este motivo, a dislexia costuma ser reconhecida nas salas de aula durante o processo de ensino-aprendizagem, sendo normal provocar uma confusão no aprendizado. Perante esta afirmação, podemos constatar que os pais que responderam ao inquérito estão de uma forma geral corretos em relação ao conceito de dislexia.

A dislexia é entendida como uma desordem específica da linguagem e caracterizada por dificuldades na descodificação de palavras isoladas, independentemente das oportunidades sociais e os meios familiares e económicos. Para Ângela Pinheiro¹², retirado da internet (<http://alziraubaldo.blogspot.com/dislexia-não-compromete-inteligencia.html>): “a dislexia é um profundo deficit fonológico que se manifesta, mas não exclusivamente, na leitura e na escrita, e pode existir até mesmo em culturas não letradas”. O principal obstáculo para o disléxico é fazer a relação entre os sons e a sua representação visual, por meio das letras, por este motivo as crianças disléxicas enfrentam numerosas dificuldades na alfabetização. A mesma autora refere que a leitura dos disléxicos é vagarosa, que resulta na dificuldade no processo de descodificação fonológica. Segundo Ângela Pinheiro a inteligência não está comprometida em crianças com dislexia e se for diagnosticada e tratada, a criança pode ter sucesso na sua atividade.

¹² Ângela Pinheiro professora titular do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais : <http://alziraubaldo.blogspot.com/dislexia-não-compromete-inteligencia.html>.

Questão 9. Qual seria a sua atitude se fosse diagnosticada Dislexia ao seu (sua) filho(a)?

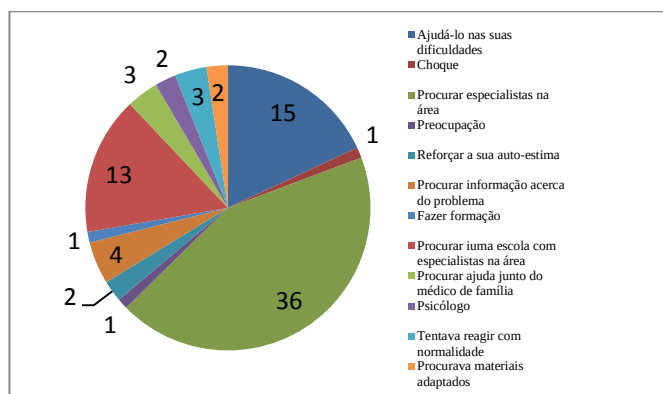


Gráfico 52 - Análise do gráfico 29 dos pais

A dislexia pode ser detetada desde muito cedo, logo no início da alfabetização, quando a leitura e escrita fazem parte do dia-a-dia da criança. O diagnóstico mais preciso é realizado no 3º ano de escolaridade.

No momento do diagnóstico, 1 pai referiu que entraria em choque, contudo os progenitores têm de entender que os seus filhos podem ser bem sucedidos na adaptação, mostrando-se realistas, e com capacidade para ultrapassar a situação. Os pais destas crianças têm de compreender que esse diagnóstico não significa que o seu filho não seja capaz de aprender, significa simplesmente, que a criança necessita de encontrar outras estratégias que a ajudem a aprender um pouco mais facilmente, 2 pais agiram com normalidade, e assim aprender a viver a sua nova realidade. Quando é diagnosticada a dislexia a uma criança, as preocupações dos pais são inúmeras (como comprova o gráfico de cima) começando pela necessidade de tomar as medidas necessárias de modo a proporcionar uma boa Educação ao seu filho, apesar das suas limitações e criar as condições financeiras e emocionais para cuidar da criança, como os 15 que referem que os ajudavam nas suas dificuldades. Por este motivo, quanto mais os pais se envolverem na vida da criança, mais fácil se tornará a situação. O apoio que os pais dão aos seus filhos é muito importante, no entanto estes também necessitam de apoio.

Para lhes proporcionar uma melhor educação, 13 pais, procuravam uma escola que disponibiliza-se professores especializados, ou então recorriam ao trabalho de especialistas com formação na área como referem 36 inquiridos.

Todas estas atitudes, à excepção do pai que entraria em choque, são atitudes a tomar, pois o seio familiar é o melhor ambiente em que a criança poderá encontrar aquilo que

necessita. A família fica por este motivo, obrigada a constituir-se de modo a poder cumprir devidamente essa função, por estes motivos o apoio dos pais é crucial para alcançar os objectivos e assim aumentar a sua auto-estima.

Questão 10. Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, que acções levaria a cabo para o apoiar?

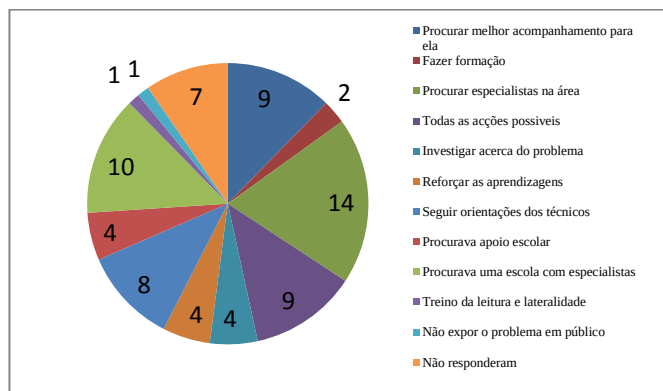


Gráfico 53 - Análise do gráfico 30 dos pais

Depois de diagnosticada a dislexia as acções posteriores dos progenitores são fundamentais para as crianças. Pois, a família é o fator principal no que respeita à aprendizagem das questões sociais e emocionais da criança, e se a criança não se sentir bem emocionalmente não está tão predisposta para a aprendizagem. A família é o ambiente da criança, a atmosfera que ela respira, é dele que absorve os elementos que irão ajudá-la a ordenar o seu psíquico e as suas emoções, daí que o seu envolvimento na vida escolar do seu filho seja extremamente crucial. Após a análise do gráfico podemos verificar que todas as medidas referidas pelos pais são de louvar e há dois que referem que realizam formação para assim ajudar os seus filhos a colmatar as suas dificuldades. Desta forma podemos concluir que os pais tomadas as atitudes certas e mostravam-se interessados na sua aprendizagem. Esta forma de reagir pode ajudar a colmatar as dificuldades expressas pelos seus filhos. Neste sentido, os pais inquiridos perante as atitudes mencionadas proporcionavam aos seus filhos as melhores condições para o seu pleno desenvolvimento. Ao realizarem este trabalho de acompanhamento e apoio, a criança sente que a família está com ela e isto permite que se sinta bem no seio da mesma, o que levará a uma maior evolução. É extremamente importante para as estas crianças sintam o apoio dos seus pais, pois o que acontece em casa pode afectar a vida escolar da criança.

Questão 11. Quais destas medidas considera importantes para apoiar um filho com Dislexia

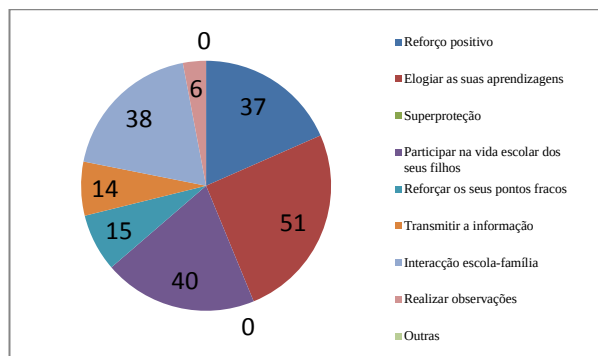


Gráfico 54 - Análise do gráfico 31 dos pais

Após a análise do gráfico verificamos que 51 dos pais optavam por elogiar as suas aprendizagens, 40 participavam na vida escolar dos seus filhos, 38 referem a interação entre a escola e a família, 37 utilizavam o reforço positivo. É extremamente importante para as crianças com dislexia o apoio dos seus pais, pois o ambiente familiar pode afectar a vida escolar da criança. As atitudes mais referidas anteriormente pelos pais são fundamentais para o desenvolvimento da criança, contudo existe outra que 15 pais mencionaram, como reforçar os pontos fracos que podem ser prejudicial para o seu filho. O facto de se ser menos protegido permite que a criança se torne mais auto-confiante e mais segura de si própria.

Os pais consideram que é importante utilizar sempre o reforço positivo para elogiar as suas qualidades, os seus pontos fortes e os talentos que a tornam única, desta forma os pais contribuem para o desenvolvimento da consciência individual da criança. Ao assumirem estas atitudes os pais contribuem e incentivam o seu filho a desenvolver outras áreas em que revela algumas dificuldades. Para isso, é indispensável que seja dada à criança a oportunidade para tal, pois toda a criança disléxica pode dar a sua contribuição, tornando-se deste modo mais activa e interessada na sua aprendizagem o que leva ao aumento da sua confiança. Neste sentido, os pais devem elogiar o que a criança sabe para reforçar a sua auto-estima e não reforçar os pontos fracos, como referiram 15 pais, o que nos permite concluir que estes encarregados podem desconhecer as consequências nefastas desta atitude. Cerca de 14 pais optavam pela transmissão de informação, esta medida que não deve ser tomada, pois leva à desmotivação da criança e a mesma não realiza qualquer esforço na execução das tarefas. Os pais devem permitir que seja a criança a realizar as actividades e não eles, devem incentivar a curiosidade e os seus interesses, pois desta forma ela sente-se mais motivada para aprender. Esta atitude conduz à desmotivação, o que leva à diminuição das expectativas da criança em

relação a si própria. Para ajudar os seus filhos, os pais devem fazer-lhes exigências mentais no sentido de reconstruírem acontecimentos, anteciparem possíveis resultados e prestarem atenção. Ao fazerem isto, os pais possibilitam o desenvolvimento do pensamento representativo das crianças.

Deste modo, o principal é não desistir e ser-se persistente porque tudo pode ser ultrapassado e apesar da dificuldade que isso representa, o mais importante é que exista um ambiente de calma, confiança, segurança e apoio incondicional

Conclusão

A dislexia é uma temática de bastante interesse para vários investigadores. Ao longo do tempo este termo foi sofrendo alterações. Para Vitor Fonseca, “a dislexia é uma dificuldade duradoura da aprendizagem da leitura e aquisição do seu mecanismo, em crianças inteligentes, escolarizadas, sem qualquer perturbação sensorial e psíquica já existente” (Vitor Fonseca, 1999).

As crianças com dislexia estão inseridas num prol alargado de Necessidades Educativas Especiais. Crianças com NEE requerem certas modificações ou adaptações no programa educacional, para que possam atingir todo o seu potencial. Para que isto se verifique, espera-se que todos os intervenientes no seu processo de ensino aprendizagem adotem atitudes positivas. Por este motivo, a realização deste trabalho visa perceber se a atitude dos pais e professores influencia o desenvolvimento das crianças. De acordo com este objectivo da investigação, foram elaboradas duas hipóteses:

HIPOTESE 1 – A atitude dos professores influencia o desenvolvimento de crianças com dislexia.

HIPOTESE 2 - A atitude dos pais influencia o desenvolvimento de crianças com dislexia.

Estas duas variáveis – a atitude dos pais e professores e o desenvolvimento das crianças estão intimamente relacionadas, tendo em conta que a primeira pode ser influenciada pelo ambiente económico e social em que estão inseridos.

Perante a análise dos resultados obtidos podemos concluir que:

Os professores inquiridos conhecem as dificuldades expressas pelas crianças com dislexia, encaminhavam-nas para os serviços corretos e implementavam ações que possibilitavam o desenvolvimento das crianças. A atitude dos pais e professores pode afetar o desenvolvimento da criança disléxica. É de referir que os professores inquiridos não realizam formação na área da dislexia, contudo é indispensável para a sua função docente, pois devem constantemente atualizar-se para aperfeiçoar a sua prática pedagógica, adaptando recursos e materiais necessários para atender às diferenças do aluno, como referem no inquérito. O seu papel é de grande responsabilidade e o processo educativo exige uma profunda reflexão e uma grande disponibilidade, para apoiar estes alunos. Apesar dos seus esforços, os professores também referiram que o elevado número de alunos dificulta o trabalho diário do professor, devido à multiplicidade de alunos e o facto de ter que atender às dificuldades existentes na

turma. Para que a aprendizagem e o desenvolvimento se concretize, é fundamental um bom relacionamento entre o professor e o aluno, no qual deverá haver um diálogo e interatividade entre todos os pares, pois todos os inquiridos consideram importante a inclusão destas crianças no ensino regular. É de referir que os professores consideram que estas crianças podem ser inteligentes se forem adaptadas diferentes estratégias, para que atinjam o seu sucesso educativo. Isto porque estas crianças apresentam geralmente desmotivação e incomodo na realização das tarefas, gerados na maioria das vezes por sentimentos de incapacidade o que leva à frustração pelo fracasso sucessivo. Para ultrapassar estes sentimentos o professor pode criar estratégias inovadoras e diversificadas em que o aluno obtenha o sucesso e deste modo permite o aumento da sua confiança. Por todos estes motivos, o seu papel é de extrema importância, daí que consideramos que estes professores adoptavam medidas correctas para proporcionar o bem-estar aos seus alunos.

Os pais inquiridos de uma forma geral estão formalizados com o conceito de dislexia, bem como na adoção das atitudes que devem ser seguidas nestes casos. Podemos concluir que estes pais revelaram um conhecimento acerca da temática em estudo. O momento do diagnóstico da dislexia é para muitos pais um momento onde geram sentimentos negativos, mas nesta amostra apenas um referiu que entraria em choque, enquanto os restantes tomavam as atitudes certas para o desenvolvimento do seu educando. Quando as crianças apresentam esta dificuldade, a forma como os seus pais reagem perante estas dificuldades pode agravar ou pelo contrário ajudar a sua recuperação. Perante o diagnóstico da dislexia estes pais tomavam as medidas necessárias de modo a proporcionar uma boa educação ao seu filho, apesar das suas limitações e criar as condições financeiras e emocionais para cuidar da criança. O apoio que os pais dão aos filhos é muito importante, pois eles sentem que os seus progenitores estão com eles e que os encorajam e elogiam nas suas conquistas, aumentando assim a auto-confiança dos seus educandos. Como alguns professores também referiram é importante a sua participação e envolvência no processo educativo do seu filho. Ao realizarem este acompanhamento, podem ser colocadas, atempadamente, em prática estratégias que o possam auxiliar para que da melhor forma consigam alcançar o seu sucesso.

As crianças com dislexia necessitam de todo o apoio por parte de todos os intervenientes no seu processo de ensino-aprendizagem.

A comunicação entre o professor e os pais de um aluno com dislexia é fundamental para o processo de aprendizagem e o sucesso da criança.

Quer a família, quer a escola assumem um papel fundamental na educação destas crianças, proporcionando-lhes os meios privilegiados para permitirem o seu desenvolvimento.

O caminho efetuado até este instante, teve como intenção levar a uma reflexão relativamente à atitude dos pais e professores perante crianças com dislexia e se esta influencia o desenvolvimento das crianças.

Os pais e professores precisam de desenvolver a consciência individual da criança, enfatizando as suas qualidades, os seus pontos fortes e os seus talentos que a tornam única. O ensino de crianças disléxicas é um desafio para o qual devemos estar todos preparados.

A realização deste trabalho foi uma experiência gratificante que proporcionou uma visão de um mundo que por um lado é tão diferente e por outro em tudo semelhante ao nosso.

O trajecto que acabámos de executar conduz-nos não ao fim de um percurso, mas sim, ao fim de uma etapa de uma viagem que desejamos continuar.

Bibliografia

Ajuriaguerra J. (1990), Manual da Psiquiatria Infantil - 2ª edição

AMARO, Ana; Póvoa, Andreia; Macedo, Lúcia (2005). A arte de fazer questionários. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

BARROS, Aidil; Lehfeld, Neide(2000). Fundamentos de Metodologia Científica, São Paulo: Makron Books.

BAUTISTA, R. (1991). Necessidades Educativas Especiais. Manual Teórico Prático. Málaga: Algibe.

CASTRO, S. L.; Gomes, I. (2000). Dificuldades de aprendizagem da língua materna. Lisboa: Universidade Aberta.

COGAN, P. (2002). O que os professores pensam fazer. In Choque linguístico: A dislexia nas várias culturas (pp.66-79). Bruxelas:DITT.

CERVO, A.L.; Bervian, P.A. (1996). Metodologia Científica, São Paulo: Makron Books.

CHAVES, E. (2001). Introdução à Educação Especial: um modelo prático para professores. Série Didáctica. Ciências Aplicadas; 156. Vila Real: UTAD.

CHAVES, E. (2001). O ensino de alunos com problemas de aprendizagem e comportamento: a gestão das dificuldades ligeiras e moderadas em contextos inclusivos. Série Didáctica. Ciências Aplicadas; 165. Vila Real: UTAD.

CORREIA, L. (1999). Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares. Porto: Porto Editora.

CORREIA, L. (2003). Inclusão e Necessidades Educativas Especiais – um guia para educadores e professores. Porto: Porto Editora.

COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio e. (1993). Dicionário de Língua Portuguesa. Dicionários Editora: Porto Editora. 6ª ed.

COUTINHO, Clara (2005) Percurso da Investigação em Tecnologias Educativas em Portugal. Braga: Universidade do Minho.

Declaração de Salamanca (1994). Necessidades Educativas Especiais, Salamanca.

DEUTSCH, G. ; SPRINGER, S.P. (1998). Cérebro esquerdo, cérebro direito. São Paulo: Summus editorial. 3ªed.

DIAS, Joaquim Colôa. (1996). A problemática da relação família/escola e a criança com necessidades educativas especiais. Instituto Jean Piaget

DOMINGUES, Maria Aparecida. (2007). Desenvolvimento e aprendizagem o que o cérebro tem a ver com isso. Editoração: Roseli Menzen. 1ª Ed.

ECO, Humberto (2005). Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas. Lisboa: Editorial Presença.

ELLIS, A. W. (1995). Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

FERRARI, Iva Joana (1999). Quando o fracasso escolar é uma resposta às expectativas familiares. Revista Psicologia Agrupamento.

FONSECA (1998). Aprender a Aprender: a educabilidade Cognitiva. Porto Alegre: Artmed.

FONSECA, Vitor. (1999).- Insucesso escolar: Abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem. Lisboa: Âncora Editores,

FORTIM, Marie-Fabienne (1996). O Processo de Investigação: da Concepção à Realização. Loures : Lusociência, Coop.

GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin. (2001). O Inquérito: Teoria e Prática. 4ª Ed. (Trad. Portuguesa). Oeiras: Celta Editora.

HOZ, Arturo. (1985). Investigacion Educativa: Dicionário Ciências da Educação, Madrid:Ediciones Anaya, S.A.

KARDEC. A. (1978). A Obsessão. São Paulo. 3ª Ed.

KATHLEEN, Anne Hennigh. (2003). Compreender a dislexia um guia para pais e professores. Porto: Porto Editora.

MADEIRA, Ana; Abreu, Maria.(2004) – Comunicar em Ciência, como redigir e apresentar trabalhos científicos, Lisboa: Escolar Editora.

MANTOVANINI, Maria Cristina (2001). Professores e alunos problema: um círculo vicioso. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ministério da Educação – Lei de bases do Sistema Educativo, artigo 7º e 8º de 46/86

Ministério da Educação (2008). Decreto de lei nº.3 de 2008

NÓVOA, A. (1991): A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização escola. Inovação, Vol. 4

NEGRÃO, A; MIYAGAWA, P.; SILVA, Valquiria Franco da. (s/d). Neurofisiologia da linguagem: como o cérebro funciona na comunicação.(trabalho).

NIELSEN, Lee Brattland (1999). Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula. Porto: Porto Editora.

NUNES, T.; BUARQUE L.; BRYANT, P. (2003). Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática. São Paulo: Cortez.

OLIVEIRA, Teresa.(2005). – Teses e Dissertações, recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos, Mafra: Editora RH.

PEREIRA, Rafael Silva. (2001). Programa de Neurociência – Intervenção em Leitura e Escrita. Viseu: PsicoSoma.

QUIVY, R. & Campenhoudt, L. (1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Ed. Gradiva.

ROCHA, A. F. (1999). O cérebro – Um breve relato da sua função. São Paulo: Fapesp.

ROTTA, Newra Tellechea; PEDROSO, Fleming Salvador. Transtornos da linguagem escrita – dislexia. Capítulo 11.

SANTOS, M.T.M e Navas, A.L.G.P. (2002). Distúrbios de Leitura e Escrita – teoria e prática. Barueri- SP.

SHAYWITZ, Sally (2006). Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed,

TUCKMAN, Bruce W.(2000). Manual de Investigação em Educação. (Trad. Portuguesa). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VALA, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. S. Silva; J. M. Pinto (orgs.). Metodologia das ciências sociais. Porto: Edições Afrontamento.

VALQUIRIA, C.M. Borba; GUARESI, Ronei (orgs). (2007). Leitura: processo, estratégias e relações. Maceio: Edufal.

WOLFE, Patrícia. (2004). Compreender o funcionamento do cérebro e a sua importância no processo de aprendizagem. Porto: Porto Editora.

Webgrafia:

<http://www.questionpro.com>

<http://www.psicologia.com.pt>

[http://www.um olhar sobre a dislexia.pt](http://www.umolhar.sobreadislexia.pt)

[http://www.rede SACI – Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação – Índice.mht](http://www.redeSACI.org.br)

<http://www.webartigos.com/articles/37938/1/Como-Lidar-com-a-Dislexia-na-Escola/pagina1.html>

[www.serprofessoruniversitário.pro.br](http://www.serprofessoruniversitario.pro.br)

www.dominiopublico.gov.br

ANEXOS

Anexo I

Questionário dos pais



Este questionário enquadra-se num projecto de investigação, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação - Educação Especial, administrado pela Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Pretendemos conhecer a sua percepção e atitudes perante crianças com dislexia. Estes dados são tratados estatisticamente e por isso, são anónimos e confidenciais. Responda atentamente a todas as questões. É importante que não deixe nenhuma questão em branco.

Dados Pessoais

1.Sexo

- a) Feminino ☐
- b) Masculino ☐

2.Idade

- a) Menos de 25 anos ☐
- b) De 26 a 35 anos ☐
- c) De 36 a 45 anos ☐
- d) Mais de 45 anos ☐

3.Habilitações Académicas

- a) 1º Ciclo do Ensino Básico ☐
- b) 2º Ciclo do Ensino Básico ☐
- c) 3º Ciclo do Ensino Básico ☐
- d) Secundário ☐
- e) Licenciatura ☐
- f) Doutoramento ☐
- g) Mestrado ☐

DADOS DE OPINIÃO

4. Diga, o que entende por

dislexia? _____

5. Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia?

- a) Psicólogo ☐
- b) Especialistas com formação na área ☐
- c) Psicopedagogo ☐
- d) Terapeuta da fala ☐
- e) Apoio Educativo ☐
- f) Psiquiatra ☐
- g) Outros ☐ Indique quais: _____

6. Se tivesse um filho com dislexia, procurava uma escola que disponibiliza-se que tipo de serviços: escolha os 3 que considere mais importantes.

- a) Professores Especializados ☐
- b) Formação para Professores ☐
- c) Ajudas técnicas ☐
- d) Material informático ☐
- e) Material de apoio às actividades da Vida Diária ☐
- f) Organização de Espaços físicos ☐
- g) Equipas multidisciplinares ☐
- h) OutrasQuais: ☐ _____

7. Concorda com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

8. Considera que na dislexia existem dificuldades:

- a) Fala ☐
- b) Fonológicas ☐
- c) Memória ☐
- d) Inteligência ☐
- e) Auditivas ☐
- f) Leitura ☐

g) Visuais

h) Escrita

☐

i) Motoras/postura

☐

9. Qual seria a sua atitude se fosse diagnosticada Dislexia ao seu (sua) filho(a)?

10. Se tivesse um(a) filho(a) com dislexia, que acções levaria a cabo para o apoiar?

11. Quais destas medidas considera importantes para apoiar um filho com Dislexia?

a) Reforço positivo

☐

b) Elogiar as suas aprendizagens

☐

c) Superprotecção

☐

d) Participar na vida escolar dos seus filhos

☐

e) Reforçar os seus pontos fracos

☐

f) Transmitir a informação

☐

g) Interacção entre a escola-família

☐

h) Realizar observações

☐

i) Outras: Quais: _____

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo II

Questionário dos professores

Este questionário enquadra-se num projecto de investigação, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, administrado pela Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Pretendemos conhecer a sua percepção e atitudes perante alunos com dislexia. Estes dados são tratados estatisticamente e por isso, são anónimos e confidenciais. Responda atentamente a todas as questões. É importante que não deixe nenhuma questão em branco.

Dados Pessoais

1.Sexo

- c) Feminino ☐
- d) Masculino ☐

2.Idade

- e) Menos de 25 anos ☐
- f) De 26 a 35 anos ☐
- g) De 36 a 45 anos ☐
- h) Mais de 45 anos ☐

3.Anos de Serviço

- h) Menos de 5 anos ☐
- i) De 6 a 15 ano ☐
- j) De 16 a 25 anos ☐
- k) Mais de 25 anos ☐

4.Nível de ensino que lecciona:

- a) Pré- escolar ☐
- b) 1º Ciclo do Ensino Básico ☐
- c) 2º Ciclo do Ensino Básico ☐

- d) 3º Ciclo do Ensino Básico ☐
- e) Secundário ☐
- f) Educação Especial ☐

DADOS DE OPINIÃO

5.Ao longo da sua carreira profissional, já lidou com algum aluno com dislexia?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

6.Durante a sua formação académica, teve alguma formação específica na área da dislexia?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

7.Teve formação extra-curricular na área da dislexia?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

8.Caso tenha respondido afirmativamente à pergunta anterior, indique o motivo que o/a levou a efectuar essa formação:

- a. Caso na escola ☐
- b. Caso na família ☐
- c. Interesse pessoal ☐
- d. Ascensão na carreira ☐
- e. Outros ☐ Indique quais: _____

9. Caso tenha respondido negativamente à pergunta 7, por que não sentiu a necessidade dessa formação?

10. Considera que a Formação Específica no âmbito da Educação Especial é algo indispensável como Professor(a) de crianças com dislexia?

a) Sim ☐

b) Não ☐

11. Se tivesse um aluno com dislexia, para que serviços/profissionais o encaminharia.

h) Psicólogo ☐

i) Especialistas com formação na área ☐

j) Psicopedagogo ☐

k) Terapeuta da fala ☐

l) Apoio Educativo ☐

m) Psiquiatra ☐

n) Outros ☐ Indique quais: _____

12. Indique o que na sua opinião deve ser melhorado na escola por forma a que, esta trabalhe sempre no sentido de garantir o melhor aos alunos com Dislexia.

i) Professores Especializados ☐

j) Formação para Professores ☐

k) Ajudas técnicas ☐

l) Material informático ☐

m) Material de apoio às actividades da Vida Diária ☐

n) Organização de Espaços físicos ☐

- o) Equipas multidisciplinares ☐
- p) OutrasQuais: ☐

13. Concorde com a Inclusão das crianças com dislexia no Ensino Regular?

- c) Sim ☐
- d) Não ☐

14. Identifique alguns aspectos que considere positivos e/ou negativos dessa Inclusão.

Positivos

- a) Maior socialização ☐
- b) Maior autonomia ☐
- c) Maior possibilidade de adquirir conhecimentos ☐
- d) Maior valorização das capacidades ☐
- e) Desinibe complexos relativos à deficiência ☐
- f) Valoriza a diferença e combate a discriminação ☐
- g) Aumenta a auto estima ☐
- h) Permite sentir-se mais igual ☐
- i) Outras ☐
- j) Quais? _____

Negativos

- a) Acentua a diferença ☐
- b) Menor rentabilidade da turma ☐
- c) Cria inferioridade ☐
- d) Falta de preparação dos Professores ☐
- e) Provoca a inibição dos alunos ☐
- f) A não-aceitação das diferenças ☐
- g) Outras ☐
- h) Quais? _____

15. Quais são para si as maiores dificuldades face à situação de ensino-aprendizagem de uma criança com dislexia

- a) Excessivo n.º de alunos na turma ☐
- b) Falta de apoio técnico pedagógico ☐
- c) Falta de recursos didácticos ☐
- d) Falta de Formação ☐
- e) Necessidade de orientação pontual ☐
- f) Falta de avaliação dos mesmos ☐

16. “Quais são, para si, as 3 principais dificuldades associadas à dislexia? (1-maior dificuldade; 2-dificuldade; 3-menor dificuldades)”

- j) Fala ☐
- k) Fonológica ☐
- l) Memória ☐
- m) Inteligência ☐
- n) Auditiva ☐
- o) Leitura ☐
- p) Visual ☐
- q) Escrita ☐
- r) Motoras/postura ☐

17. Se tivesse um aluno na sua sala, com dislexia, quais as três principais acções pedagógicas que levaria a cabo para o apoiar?

Obrigada pela sua colaboração!